OS HABITANTES DO OUTRO MUNDO

- ESTUDOS DO ALÉM-TÚMULO -

CAMILLE FLAMMARION

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

OS HABITANTES
DO OUTRO MUNDO I
ESTUDOS DO ALÉM-TÚMULO

CAMILLE FLAMMARION

ÍNDICE DO VOLUME I

TIPTOLOGIA ou Comunicações ditadas por Pancadas
PENSAMENTOS DO ALÉM-TÚMULO ditados por Pancadas
PSICOGRAFIA ou Comunicações dadas pela Escrita medianímica
COMUNICAÇÕES ESPONTÂNEAS E EVOCAÇÕES
Disposições a trazer para a Evocação (Montebello)
É preciso ser prudente no estudo do Espiritualismo (Montebello)
Prática da caridade (Numa)
Grandes questões agitam-se (Montebello)
A Verdade triunfará (Numa)
Tende confiança e caminhai (Montebello)
A vida material não é nada, a vida intelectual é tudo (Puméric)
Profecia (Numa)
A Prece (Puméric)
A prece sobe a Deus (Marie, Espírito familiar)
O Espírito protetor do Espiritualismo na América (Christophe Colomb)
Uma assembleia de crentes em Genebra (Puméric)
Discurso sobre a nova doutrina (Père Constant)
O Espírito protetor do Espiritualismo em Genebra (Ch. Bonnet.)
A Criança e o Ribeiro, parábola. (Bazile)
Os Sábios (Dl. G. Girardin)
O Viajante, parábola (Lamennais)
A Esmola (Sire de Joinville.)
Scarron
Conselhos aos Espiritualistas (Fénelon)
Dai e amai (Sœur Rosalie)
O Anjo da caridade (Eugène Sue)
A lei da harmonia (Zoroastre)
A caridade morale (Sœur Rosalie)
O Amor (Fénelon)
O Homem. (Thérèse)

O que é a Sabedoria? (Vincent de Paul)
EVOCAÇÃO de Myrdhinn ou Merlin o encantador
A nova Era (Socrate)
Crede com o coração (Sœur Rosalie)
O que é a verdade (Lamennais, Fénelon, Paul)
O preço do tempo (Massillon)
EVOCAÇÃO de santa Teresa.
Proveito dos conselhos (Marie)
A verdade espiritualista (Augustin)
EVOCAÇÃO de Pierre d'Ogremont.
Sophie Swetchine
La Religião e a Amizade (Swetchine)
Gutemberg
O Ridículo (Lamennais)
O homem deve ser considerado relativamente à criação universal (Zénon)
Utilidade do Espiritismo (Jean l'Evangéliste)
Pensamentos sobre a poesia, a música e a beleza (Maria Malibran)
Jesus no lago (Lamennais)
Savanarolle
A superstição e a indiferença (Necker)
Uma assembleia de Espíritos e uma reunião de Vivos (Marie)
POST-SCRIPTUM. — A ESTRELA (Galilée)

ÍNDICE DO VOLUME II

PÁGINAS PREFÁCIO TIPTOLOGIA ou Comunicações ditadas por Pancadas
PENSAMENTOS DO ALÉM-TÚMULO, ditados por Pancadas Algumas poesias fugitivas, ditadas por Pancadas PSICOGRAFIA ou Comunicações dadas pela Escrita medianímica
COMUNICAÇÕES ESPONTÂNEAS E EVOCAÇÕES
A era do Spiritualismo (Rébecca)
A Escada de Jacob (Lamennais) A vida terrestre (Ernest)
A crença na imortalidade (Marie)
A natureza (Aline)
A nostalgia do céu (Lamennais) CHROTE-CHILDE Pensamento (Pascal)
O NAUFRAGO SOPHIE SWETCHINE Os acontecimentos (Clotilde)
A alegria exterior (Clotilde)
A beneficência (Sœur Rosalie)
A caridade (Vincent de Paul)

Uma visita de Jobard O espírito do Século (Channing) NOVA
EVOCAÇÃO DE PIERRE D'ORGEMONT executor testamentário do rei Carlos VI
BALTHASAR O ESPÍRITO GASTRÓNOMO, história necrográfica contada por ele mesmo Cinco entretenimentos do pastor Channing
POST-SCRIPTUM. — A CIÊNCIA (Galilée)

PENSAMENTOS DO ALÉM-TÚMULO

AOS NOSSOS ANTEPASSADOS

OS BARDOS GAULESES

Que cantavam o desprezo pela morte.

ÀS DRUIDISAS COROADAS DE VISCO

Que evocavam as almas.

Ilustres sombras, cuja memória gravada na nossa bela natureza de França se conservou até nós! Os ecos das nossas montanhas repetem ainda os vossos hinos sagrados, as vagas do mar

retumbante trazem ainda cânticos ossiânicos à nossa margem, a majestade das nossas matas de folhagem trémula verte ainda sobre as nossas cabeças a influência inspiradora que faz sonhar com o Deus da natureza, as nuvens escuras do nosso céu são ainda o pedestal das almas errantes que descem para nos visitar.

Recebei esta modesta e demasiado fraca homenagem da nossa veneração: fazei com que esta humilde página do grande livro da nova filosofia, levada pelos ventos do céu através das tormentas do mundo, não passe despercebida entre aqueles que duvidam, que procuram, e que vivem sem fé, sem esperança e sem amor, porque não ousam aprofundar os mistérios do túmulo!

AO LEITOR

Não ignoras, amigo leitor, que se passam atualmente no mundo factos surpreendentes, inacreditáveis, e que fenómenos extraordinários atribuídos a habitantes do outro mundo se cumprem todos os dias sob os olhos de pessoas de todos os sexos, de todas as idades, de todas as condições e de todos os países. Provavelmente disseste a ti mesmo, como todos nós: O quê! Factos misteriosos nesta época de luz, magia sobrenatural em pleno século dezanove! Tudo isso é farsa, mistificação de que não serei lacaio; e, como muitos outros, fechaste o ouvido a todos esses boatos inverosímeis.

Ora, prezado leitor, suponho que não pertences à classe dos livres-pensadores (espíritos muito fracos, diga-se entre nós), incrédulos obstinados que se pavoneiam com o manto de uma meia-ciência e que negam com uma ultrajante arrogância os factos cumpridos sob os seus olhos; creio que és um homem de boa-fé, amigo do progresso, e desejoso de saber o que há de verdadeiro nesses boatos estranhos que correm pelo mundo a propósito das manifestações dos Espíritos.

Impelido por um lado pelo amor do maravilhoso, inato em todas as cabeças humanas, disseste a ti mesmo: mas isto bem poderia ser, já que tantos homens honrados o afirmam; retido por outro lado pela fria razão, replicaste: não, é impossível, a imaginação tem aqui o seu papel; adeus, bela ilusão, tu e todas as tuas extravagâncias. A este raciocínio vieram juntar-se talvez algumas miseráveis considerações de convenção social ou escrúpulos de religião mal compreendida, ou simplesmente, afinal de contas, a tua indiferença em matéria de questões espiritualistas, e ficaste por aí, à espera que os factos venham por si mesmos bater-te à porta e forçar a tua convicção.

Tudo isto está perfeitamente na ordem das coisas: a vida real antes de tudo. Seria bonito, realmente, se em vez de ganhar o seu pão e o seu fato, cada um se entretivesse a fazer girar mesas! O que seria da sociedade eminentemente positiva da nossa época, onde pararia o comércio, a cotação da Bolsa e das ações financeiras, onde pararia a vida, numa palavra, se se passasse o tempo com semelhantes bagatelas? Longe de mim, querido leitor, a ideia de censurar a tua indiferença em matéria de espiritualismo; o nosso mundo não é tão espiritual que possamos dizer adeus a todas essas preocupações que nos prendem à terra, e não há nada a mudar na ordem das coisas.

Sim, ficaste por aí, e dificilmente podes agir de outro modo. Todavia, meu amigo, refletindo um pouco sobre esta maneira de ver, não sentes que ela é indigna de ti e das aspirações elevadas da tua inteligência? Vejamos, francamente, não pensaste algumas vezes nessa alma que tanto nos eleva acima das outras criaturas, nessa alma de que não conheces a natureza nem o destino, embora seja a parte mais nobre de ti mesmo, e não desejaste ardentemente saber de onde ela vem e para onde vai, qual é a sua razão de ser, e que caminho deve seguir para chegar diretamente ao fim misterioso de que se aproxima forçosamente todos os dias? Oh! Sim, muitas vezes te abismaste nesse pensamento; mas logo o

rejeitaste para longe de ti, pois atrás dele as angústias da dúvida vieram roer-te o coração.

Pois bem, meu amigo, os Espíritos ensinam-nos todas estas coisas; mas como provavelmente não te vais incomodar para ir receber as suas comunicações, apesar do interesse e da importância que elas devem necessariamente ter para ti, e como é dever daqueles que receberam essas comunicações espalhá-las sobre todas as cabeças pensantes, venho bater-te à porta, com as mãos cheias de factos que te provarão a existência dos Espíritos, que mais não são do que as almas dos mortos; peço-te permissão para desenrolar sob os teus olhares as suas manifestações, sob as quais encontrarás o germe de toda a filosofia e de toda a crença religiosa, e ofereço-te o maná que cai hoje do céu sobre as nossas almas sequiosas pelo sopro ardente do ceticismo moderno.

Este livro é o primeiro de uma série de experiências de Espiritismo, de comunicações do além-túmulo, de conversas com os mortos, que prometi oferecer-te se este primeiro opúsculo souber merecer os teus favores. Possa esta leitura dar-te um ensinamento útil para a vida presente! Possa ela também ter a felicidade de te servir para a vida futura!

Muitas vezes, sem dúvida, notaste o estado atual da sociedade, e se as tuas ocupações te deixaram tempo para pensar e erguer o teu olhar para o céu, viste no alto nuvens escuras pesarem pesadamente sobre a nossa atmosfera, em baixo a dúvida e o ceticismo, cuja gangrena percorre todas as classes da sociedade; reportando-te à Idade Média, esse abismo de trevas e de luz, onde a crença e a fé de cada um estavam na ordem do dia, reconheceste sem dificuldade que esse luzeiro dos nossos pais se apagou antes de chegar até nós, após ter lançado o seu último clarão de agonia na revogação do Édito de Nantes, e pensaste connosco que a eterna verdade deve ser-nos apresentada agora sob uma forma em harmonia com o estado atual da ciência e até com o positivismo da época.

Então, sabes que o Espiritismo veio no seu tempo, não podendo tardar mais, pois a sociedade desce rapidamente para a sua ruína, e não podendo vir mais cedo, pois a Inquisição teria queimado os médiuns (e fê-lo), e o filosofismo voltairiano tê-lo-ia amordaçado com os seus sarcasmos irónicos e tê-lo-ia impedido de falar.

Se tens a felicidade de ter Jesus Cristo por mestre, bem-aventurado sejas! Pois não tens senão um passo a dar para desposar a nossa crença. Se és espiritualista, de uma religião qualquer, estuda o ensinamento dos Espíritos e serás em breve nosso irmão. Se és materialista, duvidando da existência da alma e do próprio Deus, vem, vê e ouve: as almas mostram-se a nós manifestamente. Era preciso isso hoje; era preciso que as almas dos mortos voltassem elas mesmas a provar que vivem ainda além do túmulo para que se acreditasse nisso; e desde que as conquistas da astronomia derrubaram o edifício religioso material da vida futura, era preciso que essas almas dessem conta elas mesmas do seu estado do além-túmulo. E certamente, ainda que o Espiritismo não tivesse senão a honra de ter provado materialmente a imortalidade da alma, esse título seria suficiente para o elevar a um alto pedestal e o propor à admiração de toda a terra.

Amigo leitor, se não bates na fé das manifestações dos Espíritos, este humilde opúsculo, escrito com simplicidade e boa-fé no que toca à minha redação, e cujas comunicações foram ditadas pelos próprios Espíritos aos médiuns nomeados, destina-se a provar-te que a morte já não existe e que os seres queridos que amaste na terra e que despiram o seu invólucro corporal podem ainda conversar contigo. Isto fixará a tua crença religiosa.

Como tu, vacilei duradouro tempo antes de estudar esta doutrina, e, tendo-a estudado, só acreditei após ter visto, tocado e ouvido; mas sou tão feliz por saber e crer que a minha maior felicidade é convidar-te a partilhar a minha doce crença. Como tu, duvidei duradouro tempo, mas nunca neguei obstinadamente, convencido de que a ciência do homem não chegou ainda ao seu apogeu, que há muitas coisas que não conhecemos, e que antes de rejeitar uma

doutrina ou de a pregar ao pelourinho do escárnio público é preciso dar-se ao trabalho de a estudar. Foi o que fiz, e é o que te convido a fazer.

A vós, meus irmãos em espiritualismo, ofereço este pobre mosaico; se algumas pedras preciosas estão nele engastadas, a honra pertence primeiro aos Espíritos que se dignaram ditar estas comunicações, depois aos médiuns que tiveram a bondade de mas transmitir. Trago a minha pedra para o grande edifício, mas não sou, bem o sabeis, senão uma criança pequena cujos braços débeis se cansam e que julga fazer muito ao arrastar um seixo ao longo do caminho. — A noite estava escura, sonhos penosos tinham vindo abater-se sobre mim durante o meu sono, sentia-me oprimido e não ousava abrir a pálpebra; mas em breve o Oriente se dourou de matizes vermelhos e, como essa jovem criança cheia de alegria por rever o sol, bati as mãos e chamei os meus irmãos.

— Amigos, a aurora de um grande dia acaba de erguer-se e resplandece nos céus!

TIPTOLOGIA

Comunicações ditadas por golpes batidos.

Nada é tão brutalmente concludente como um facto.

BROUSSAIS.

Sob o nome de Tiptologia agrupam-se as comunicações que os Espíritos nos dão por golpes batidos. São ordinariamente frases curtas e lacónicas por causa do tempo que exigem para ser compostas. Abrimos esta coletânea por este género de manifestações porque é o mais antigo e porque é dos mais convincentes para as pessoas que não creem possíveis as relações das almas do outro mundo com as almas encarnadas, e porque, embora não seja em realidade senão o a, b, c da doutrina e pareça aos olhos de certos espíritas indigno dos Espíritos, este modo de comunicação não deixa de ser o mais vantajosamente empregado por estes para preparar para o Espiritismo os incrédulos de boa-fé, incompatível como é com toda a espécie de charlatanice e de momice. Quanto a nós, não o julgamos indigno dos Espíritos, pois pensamos que o meio não é nada e que o resultado é tudo. Eis, para as pessoas pouco versadas nestes estudos, em que consistem as conversas tiptológicas com os Espíritos.

É com o auxílio de um alfabeto que elas têm lugar, e basta para as obter pousar sucessivamente o dedo sobre cada uma das letras rogando ao Espírito presente que acompanhe. Quando se chega à primeira letra de que o Espírito se quer servir para formar a sua frase, um golpe se faz ouvir na mesa; escreve-se essa letra. Retoma-se em seguida o começo do alfabeto, o Espírito bate quando se chega à segunda letra; escreve-se essa segunda letra. Recomeça-se e prossegue-se assim até que a frase esteja terminada, o que é anunciado por uma batida ritmada na mesa. — Qualquer pessoa pode segurar o alfabeto.

Peço perdão pela explicação precedente aos espíritas avançados; mas sendo este opúsculo dirigido a toda a gente, pode acontecer que, apesar da universalidade das experiências de tiptologia, certos leitores não tenham ainda sido testemunhas delas, e desejem saber de que maneira se produzem.

Dizemos que este modo extremamente simples de comunicação é dos mais convincentes; pois os golpes são batidos de forma muito sonora nas paredes da mesa ou de um móvel qualquer empregado

(se se serve habitualmente de uma mesa, é unicamente por causa da comodidade) em qualquer lugar e em qualquer móvel que seja, desde que haja ali um médium; e como se pode produzi-los em sua casa, no meio da sua família, pode-se sempre assegurar a honorabilidade das pessoas presentes, pode-se também estar sozinho com o médium para fazer a experiência; ora, operando em tais condições, é evidente que toda a velhacaria ou toda a fraude possíveis não poderiam em caso algum recair senão sobre o médium. Esta única dificuldade será em breve resolvida.

Considerai primeiro que os golpes se fazem ouvir nas próprias paredes da vossa mesa, que sabeis não estar preparada (de resto, não há nenhuma preparação possível), no móvel qualquer que designais ao Espírito, no soalho, nas paredes, e até mesmo no ar; considerai em seguida que a pessoa médium não entra em nada na comunicação, a não ser emprestando sem o saber o seu fluido ao Espírito, do que vos podeis assegurar, quer fazendo ao Espírito perguntas mentais ou em língua estrangeira, quer colocando-vos com o alfabeto num lugar qualquer do salão onde o médium não possa ver, e estareis seguro de que se este se lembrar de bater golpes ao acaso, não produzirá quando muito senão uma sequência confusa de letras.

Por outro lado, as pessoas que se derem ao trabalho de examinar a maneira como se obtêm estas sortes de comunicações saberão que é impossível ao médium produzir esses ruídos cujas vibrações se sentem com a mão na mesa; que os outros fenómenos físicos, tais como ritmos sonoros conhecidos, fixação de mesas ao soalho de tal maneira que os homens de maior força não podem levantar um ligeiro velador, suspensão acima do solo de um corpo pesado, contrária às leis da gravidade, ruídos de serra, de trabalhos de oficina ou de tiroteio, gritos de animais e outros ruídos estranhos que podem parecer experiências pueris à primeira vista, mas às quais os Espíritos se prestam de boa vontade quando se lhes pede para estabelecer uma convicção, são completamente inimitáveis e baralham toda a ideia de momice possível; que o estalido

muscular e outras ineptidões de igual valor estão há muito fora de qualquer discussão, e que, enfim, podemos sempre assegurar-nos da boa-fé das pessoas que gozam das faculdades medianímicas e que não têm, de resto, nenhum interesse em passar assim o seu tempo.

Se está demonstrado que este género de comunicações exclui toda a velhacaria, compreender-se-á que é dos mais convincentes para as pessoas que desejam fixar a sua crença na existência e nas manifestações dos Espíritos. Todavia, acrescentaremos um facto que por si só provaria o que vimos de avançar: é que acontece frequentemente que certos Espíritos, em vez de bater simplesmente as letras como dissemos, levantam a mesa, com todos os pés juntos, sustentam-na suspensa e isolada no espaço, e deixam-na em seguida cair pesadamente, e isto a cada letra da frase. Ora, não podendo este fenómeno ser produzido por nenhuma causa visível ou simplesmente conhecida, somos bem forçados a admitir aqui a intervenção de uma causa invisível e desconhecida.

Admitida esta causa invisível, não nos resta, para estabelecer por aí a existência dos Espíritos, senão acrescentar esta simples proposição de lógica: uma causa que produz efeitos inteligentes é necessariamente, ela mesma, uma causa inteligente. Ora, como se verá, o Espírito que fala pela mesa não é o de nenhuma das pessoas presentes nem o reflexo de nenhum pensamento, visto que primeiro os assistentes estão todos perfeitamente acordados e depois o Espírito dita na maior parte do tempo coisas totalmente inesperadas, por vezes não compreendidas, frequentemente em resposta a perguntas pessoais feitas e insolúveis, outras vezes, enfim, factos relativos à existência desse próprio Espírito quando estava encarnado. — Perguntar-nos-eis como acontece que o Espírito, imaterial, possa agir sobre a matéria; responder-vos-emos quando nos tiverdes ensinado como o nosso pensamento faz mover o mecanismo do nosso corpo; até lá confessaremos

humildemente a nossa ignorância repetindo, todavia, com o poeta latino: *mens agitat molem*.

Quanto a certos fiéis da Igreja que, não podendo negar estas manifestações, não têm outro refúgio senão atribuí-las aos demónios do inferno com os quais não fazem um escrúpulo de nos supor em relação, se não fôssemos indignos de repetir atrás do nosso Mestre de todos a sua resposta a uma pergunta análoga, diríamos: A nossa doutrina é mais oposta ao reino de Satanás do que o próprio catolicismo; ela é, antes de tudo, a sua implacável inimiga.

Ora, quando dizeis que é Belzebu que opera estas coisas, lembrai-vos de que todo o reino dividido contra si mesmo perecerá e que toda a casa dividida contra si mesma cairá em ruína; como se teria então Satanás assim dividido contra si mesmo? — Cristãos, nossos irmãos! É em nome de Deus que chamamos os Espíritos, e é em seu nome que eles nos respondem.

De resto, eis textualmente frases e citações que foram ditadas espontaneamente por golpes batidos num círculo de amigos espiritualistas onde temos o hábito de nos reunir, no Salão Mont-Thabor. São devidas, na sua maior parte, ao Espírito de uma jovem mulher chamada Marie, morta há 10 anos, e que ficou com as pessoas que amava. As que não foram ditadas por este Espírito estão assinadas. Leitor, pela obra se conhece o artesão. Lê estas frases e as comunicações que as seguem, e diz-nos se pensas que são espíritos infernais que as ditaram.

Ditados por pancadas.

I

«Meus amigos, tendes agora na vossa terra o que foi anunciado nos Atos dos Apóstolos. Cap. II, versículos 17, 18 e 19:

«Acontecerá nos últimos dias que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e as vossas filhas

profetizarão; os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos terão sonhos. – Nesses dias derramarei do meu Espírito sobre os meus servos e sobre as minhas servas, e eles profetizarão. – Farei aparecer em cima prodígios no céu, em baixo sinais extraordinários na terra.»

II

«Deus não esclarece o mundo com o raio e os meteoros, ele dirige pacificamente os astros que o iluminam: assim as revelações divinas suceder-se-ão com ordem, razão e harmonia.»

III

«Lede e aproveitai as leis dadas a Moisés; Levítico cap. XIX.»

IV

«A Serpente do Orgulho envolve a terra com os seus inumeráveis anéis. Ó homens! o que resta de todos esses ossos triturados pelas mãos da Morte? Um pouco de poeira saída do almofariz dos séculos.»

V

«Tende a fé de Paulo quando fala aos Filipenses sobre as suas prisões, o seu sofrimento, e sobre o seu combate interior entre viver e morrer. Epístola 1.ª, cap. 1.»

VI

«Que a paz e a união vos concentrem numa mesma família! sem isso Deus (1) não estaria no meio de vós.»

VII

«Sem divisão nas vossas crenças. Paulo aos Coríntios, Epístola 1.ª, cap. I., versículo 12.»

VIII

«Crede com o coração e não com os sentidos.»

IX

«Coragem, mesmo após um milagre obtido; pois os incrédulos expulsar-vos-ão como o Cego de Nascença de João, cap. IX. (1).

(1) Quando a palavra Deus se encontra no curso de uma comunicação, os Espíritos presentes batem em continência enquanto se dita; desde há algum tempo, inclusivamente, já não a ditam de outra maneira e não batem mais as letras que a compõem.

X

«O homem agita-se e Deus conduz o homem.»

«FÉNELON.»

XI

«Não vos deixeis intimidar pelos sarcasmos dos zombeteiros e dos incrédulos; sede fortes como Paulo, Atos dos apóstolos, cap. XXIII, vers. 6, 8, 9.»

Pergunta-se ao Espírito se poderia citar uma passagem num livro colocado sobre a mesa, desconhecido da sociedade, embrulhado e ainda por abrir; o Espírito responde:

«Vede a definição de Deus em Alaux, página 223.»

Era a obra sobre a razão por Alaux; abriu-se a folha no lugar indicado e a citação foi achada exata.

XII

«Aprendei a amar a Deus e não a temê-lo, pois o amor atrai e o temor repele.»

XIII

«Desejo, para a vossa felicidade terrestre e para a vossa felicidade nos céus, que a paz e o amor fraternal sejam os hóspedes do vosso coração!

«O apostolado da fé oferece doçuras quando está unido à caridade. Vede a Epístola de Paulo aos Filipenses, cap. II, vers. 1, 2.»

(1) Esta frase foi ditada pela escrita em algarismos.

XIV

«Orai por nós neste momento (1), orai por todos; as almas daqueles que estão na beatitude derramarão esse divino orvalho sobre aquelas que dele necessitam.»

XV

«Orai por nós, a vossa lembrança nos é agradável; quando nos vierdes juntar, tereis um cortejo de Espíritos reconhecidos que descerão para vos receber.»

XVI

«Para serdes agradáveis aos Espíritos bem-aventurados, orai por aqueles que sofrem; a vossa oração será ouvida pelo Todo-Poderoso.»

XVII

«Tende tanta fé como o centurião de que fala Mateus ch. VIII, v. 1, 2, 3, 4, 5, e fareis milagres.»

XVIII

«Arevèlé suov ueid te serèrf sov imrap sreinred sel zeyos; évelé ares essiaba's inq inlec te éssiaba ares evèlé's iuq iulec.»

«Suov imrap engèr en edrocsid ed tirpse'l siamaj euq.»

(1) Esta frase e as duas que se seguem foram batidas no ar, a 2 de Novembro.

– Nenhum de nós compreende esta língua, quereríeis dar-nos a tradução das vossas frases?

«A tradução é muito simples: lede começando pelo fim.»

– Porque ditastes assim?

«Desejo tanto quanto possível dar-vos provas novas e inesperadas para reanimar a vossa crença por vezes vacilante.»

XIX

«Não se devem exagerar os factos que se contam, sob pena de ridículo; contentai-vos em pregar com coragem, imitai Miqueias, ch. VI. v. 1, 2.».

XX

«Tomai o Evangelho, respigai nesse campo celeste; o Senhor é bom, deixará cair das suas gavinhas divinas a espiga que deve nutrir as vossas almas, a qual frutificará e vos dará uma ampla colheita com a qual vos apresentareis a seu Pai.»

XXI

«Pregai com coragem; não vos desanimeis com os obstáculos que opõem à vossa crença; vós conheceis a incredulidade dos apóstolos a respeito de Jesus. Lucas, cap. XXIV.»

XXII

«O homem respira para viver e para morrer, e morre para renascer.»

XXIII

«Muitas pessoas não creem no que o seu espírito não compreende; daí a falta de sabedoria e de temor. Eclesiastes, ch. I, v. 12, 13. – Ch. III, v. 22, 23, 24, 25.»

XXIV

«Chegou o tempo em que os homens serão obrigados a recorrer à nossa crença, pois a fé antiga se vai.»

XXV

«Aqueles que pedem sempre milagres são os Judeus; aqueles que opõem a sua razão são os Gentios; aqueles que creem e que são

tratados como loucos são os verdadeiros sábios. Paulo aos Coríntios; Ep. I. ch. I, v. 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25.»

XXVI.

«To be good is to be happy: angels are happier than men, because they are better.»

XXVII

«Combatei os vossos inimigos pela oração e não pela zombaria; Moisés venceu Amalec por este meio e não pelas armas.» «Judite; ch. IV, v. 13.»

XXVIII

«O momento presente é crítico para a nossa crença; não é senão pela prudência que triunfareis. Não se deve ir depressa demais nem longe demais.

«A propagação do Espiritismo é útil, mas não se deve lançá-la ao acaso através do mundo; é preciso semear com inteligência num terreno fértil que vos possa dar uma boa colheita.»

XXIX

«Meus amigos, tende a maior caridade para com os vossos irmãos, amai-vos uns aos outros; e que o Orgulho não se apodere do vosso coração!»

XXX

«Lucas; ch. X, v. 27.

A Religião e a Amizade são duas companheiras que ajudam a percorrer o carreiro penoso da vida.»

XXXI

«Enquanto esperais que Deus vos liberte de vós mesmos, deveis desenganar-vos a vosso respeito.»

Pede-se ao Espírito para fazer uma citação:

«AGOSTINHO.»

«Tendes um forte incrédulo entre vós: a citação que pedis seria inútil.»

XXXII

(O Sr. L. F. estava presente.)

«Ponde ordem nas vossas sessões a fim de que sejam úteis àqueles que se querem instruir.»

XXXIII

«Spiritus ubi vult spirat; et vocem ejus audis, sed nescis unde veniat, aut quo vadat: sic est omnis qui natus est ex Spiritu. Joan. Cap. III.»

XXXIV

«Homem, fica bem convencido de que não somos infalíveis porque não temos mais corpo.»

XXXV

«O tempo não existe mais para nós, Espíritos, o tempo está na eternidade.

«O espaço é a imensidade da extensão, não tem nenhum limite.»

Pede-se uma citação ao Espírito:

«Lucas; ch. 21, v. 1, 2, 3, 4, Esmola bem entendida.»

«Mateus, ch. 25, v. 35, 36, 40;»

XXXVI

«Uni-vos pelo coração, a forma não é senão pouca coisa aos olhos de Deus.

XXXVII

«O que se chamou demónios são os Espíritos imperfeitos que provam, pela solicitação ao mal, la fé e a constância dos homens no bem. Vede o Livro dos Espíritos, página 206.»

Pede-se ao Espírito o que contém a página 160 do mesmo livro.

«Gosto igualmente que leiais a escolha da reencarnação, p. 130.»

O que há de notável é que o mesmo assunto é tratado em cada uma destas páginas.

XXXVIII

«O que é o homem? Entra na vida para dela sair em breve. Que aquele que está de pé saiba que pode cair morto estatelado sem outra preparação além de uma saúde florescente!»

XXXIX

«A alma não pode achar uma plena consolação e uma alegria perfeita senão em Deus, o consolador dos aflitos e o sustentáculo dos fracos. Que uma tal verdade vos guie!»

XL

«MOISÉS.»

«A fé religiosa ama e ora sem comentários; a oração é um magnetismo religioso que vai da terra ao céu e do céu à terra; Deus é o centro e o foco dos fluidos.»

XLI

«Und streues streben wird belahut.»

Pede-se ao Espírito a tradução desta frase.

«O esforço sincero será recompensado.»

XLII

«A ciência é uma vasta floresta, onde alguns traçam rotas, onde muitos se extraviam, e onde todos veem os limites da floresta recuar à medida que avançam.»

XLIII

«A Dúvida perseguir-vos-á ainda por muito tempo; o vosso espírito tornar-se-ia preguiçoso na busca da Verdade se fosse demasiado ajudado por nós.»

Porque é que um Espírito se coloca por vezes no lugar de outro?

«É uma prova que se é frequentemente obrigado a sofrer da parte dos Espíritos maliciosos.»

XLIV

«A vida é dolorosa, é uma expiação; os males deste mundo são castigos que é preciso sofrer com resignação e mesmo com alegria.»

XLV

«O Senhor disse: o céu é o meu trono e a terra é o escabelo dos meus pés. Qual é o lugar onde me encerrareis? Portanto, a adoração de Deus deve ser universal e não estreitada num círculo de ideias e de costumes.»

XLVI

«Meus bons amigos, estou feliz entre vós; as manifestações de que sois testemunhas cada dia são uma prova da bondade de Deus.

«Os laços de afeição que me unem a vós, meus amigos, não se afrouxarão: amo-vos e amar-vos-ei porque sois bons e porque orais por nós.»

Tendo estas frases sido batidas no ar, pergunta-se ao Espírito por que causa os golpes não se fazem mais ouvir na mesa.

«Estão aqui duas pessoas que procuram um mecanismo na mesa e eu desconsertei-as. Isto é uma prova mais forte.»

XLVII

«Cada primavera vê reviver as suas lindas flores e a sua verdura; o homem só pede ao ano que se esvaece as suas horas de esperança e as suas doces ilusões; onde estão elas? – No céu, onde as reencontrará.»

XLVIII

«A esperança é a mais doce consolação do coração, ela faz-nos reviver noutro mundo; o mais infeliz dos humanos é aquele que detém os seus pensamentos no limiar da morte e que nada espera além do túmulo.»

XLIX

«Nenhum de vós viu a felicidade senão através da esperança; nenhum de vós gozou dos tesouros que a vossa imaginação gera e que perseguis com tanta impaciência. – O que não podeis achar aqui em baixo, esperais possuí-lo num mundo melhor; ora, é impossível pensar que se aspira toda a vida ao que não é e ao que nunca será. O vosso coração, ao elevar os seus desejos para um mundo desconhecido, não saberia, portanto, estar no erro.»

L

«A lembrança de uma boa ação alegra o coração. Meus amigos, concedei-me a esmola da oração.»

– Sois um Espírito desconhecido que vem a nós pela primeira vez?

«Sim. Chamo-me Homon.»

– Não me conheceis.

– Qual é o vosso país?

«Eu era médico estrasburguês.»

– Há quanto tempo estais morto?

«Há cento e vinte e quatro anos.»

– Porque vindes a nós, já que nenhum daqui ouviu falar de vós?

«Sou infeliz e desejo uma oração. A oração é uma caridade.»

LI

«Maria,» – «Desejo as boas-vindas aos meus visitantes, ao amável médium que nos é tão bom intérprete, ao sábio viajante e ao homem sério que nos quer conhecer. Esta noite não quero esquecer as minhas boas amigas ausentes que pensam em mim à beira-mar.» (1)

(1) Esta frase foi batida no ar.

Um certo número de pessoas do nosso círculo estavam neste momento no Havre e receberam efetivamente a visita do Espírito de Maria à hora em que ela nos ditou esta frase.

LII

«Que a caridade vos una, que a sabedoria vos guie! Lede e meditai o livro primeiro da Sabedoria inteirinho e aplicai dele os primeiros versículos.»

LIII

«O homem deve amar bem a beleza; quanto mais a sua alma se elevar, tanto melhor a compreenderá, e tanto mais a amará. A arte, a beleza, a forma: é o vestuário que Deus lançou para cobrir a nudez do mundo.»

LIV

«Liepe e Noël! O Senhor Satanás é defunto e de morte má. Muito pesarosos estão os monges, monásticos, beatos e hipócritas, carmelitas calçados e descalços, beatos e frades, mitrados e

encapuzados: ei-los sem trabalho, os Espíritos destronaram-nos. Não sereis mais assados e escaldados nas marmitas monacais e assadeiras diabólicas; fujam dessas aldrabices papais e clericais. Deus é bom, justo e cheio de misericórdia; ele diz às suas criancinhas: amai-vos uns aos outros, e perdoa ao arrependimento. O grande Diabo do inferno está morto, viva Deus!»

«ALCOFRIBAZ NAZIER»

LV

«Revejo amigos, afastados da nossa reunião ordinária, mas que visitei lá longe. Estou feliz, peço-vos que continueis a louvar a Deus e a dizer connosco: Barouahc ougmourado molé gnolom! (Bendito seja aquele que criou o mundo!)»

«Quando a Amizade recolhe as suas asas brancas e regressa ao teto hospitaleiro, é sempre bem-vinda (1).»

LVI

«Ó homem! Tu estás morto pelo espírito e pela fé. O futuro prepara-se para ti lúgubre e cheio de abalos, oh! possas tu despertar a tua alma entorpecida nos braços do Ceticismo!»

– É para alguém de nós em particular?

«É geral. – Achais-me sombrio, preferiríeis receber uma palavra alegre; não podeis conjurar os acontecimentos, mas aqueles que têm fé serão tranquilizados.»

«NECKER.»

(1) Não será inútil observar que as frases e as comunicações que os Espíritos nos ditam são, na maior parte do tempo, de circunstância, e provaram-nos muitas vezes que os Espíritos não são alheios às nossas ações nem mesmo aos nossos pensamentos. Assim, a primeira destas frases era motivada pelo regresso da viagem ao Havre de que Maria já nos falou; a segunda pela

chegada do nosso amigo Sr. de G. B., o autor da Carta de um católico, que regressava do seu consulado.

LVII

«Fui rica e má até uma idade muito avançada. Pobre Iollande Bailly, desde que morreste nessa grande cidade de Paris, desde que foste enterrada nesse lúgubre cemitério dos Inocentes, tens sofrido muito! Há trezentos anos que erro, sem repouso e sem tranquilidade interior possíveis. Homens, aproveitai a vossa vida para fazer o bem e para vos abrir um caminho para Deus!»

LVIII

«Walk never blindly, you must see, hear and understand; when you shall have well studied you shall believe. God loves you, my dear friends, and directs you.»

LIX

«A vida, que é um meio de perfeição, não pode conduzir a uma morte eterna; o Espírito, fonte imensa de pensamentos imortais, não saberia desaparecer nas profundezas tenebrosas do nada; portanto, a alma é imperecível.»

«NECKER»

LX

«O Cristo buscava a ovelha perdida, e quando a reencontrava, trazia-a de volta ao redil, dizendo aos outros para se perdoarem e se suportarem mutuamente. Não é isso o que vós fazeis, ó homens. Quando credes que uma ovelha se perdeu porque se terá afastado do meio do vosso rebanho, longe de a trazerdes de volta, lançais-lhe pedras para a perder de todo. Isso é divisão: o reino dos bons não saberia ser dividido.»

LXI

«Muitas pessoas sofrem aqui em baixo com a ausência de seres queridos; não serão um pouco consoladas senão quando tiverem a persuasão de que podem conversar connosco.»

A pessoa (o Sr. doutor M.) a quem estas palavras se dirigiam, assistia pela segunda vez apenas a este género de sessões e estava vivamente impressionada; pediu ao Espírito para querer assinar.

«Uma amiga chorada, e que no entanto está feliz por te ver amado tanto quanto mereces.»

«L.....»

Depois a mesa levantou-se e dirigiu-se para essa pessoa... Fomos então testemunhas de uma cena comovente que nunca esqueceremos, e que arrancaria ao coração mais duro a confissão que um espírito cético e raciocinador poderia recusar.

LXII

«Eu sou um alegre companheiro que vos maravilharei com os meus discursos, não sou um Espírito mateólogo. Vestirei o meu capuz e direi: Bebei a água da cave, pouco mais, pouco menos estareis contentes!»

«ALCOFRIBAZ NAZIER.»

Tendo-se travado uma discussão bastante viva a respeito desta visita inesperada e desta linguagem que certos eruditos não achavam puramente rabelaisiana, o Espírito bateu:

«Bons rapazes sois por vos esganiçardes com esta tolice; melhor vale que bebais frio do que faleis quente.»

«RABELAIZ.»

LXIII

«Boa mãezinha, guarda sempre os teus impulsos caridosos; traduz-os, pois se ficassem estéreis, chegariam nados-mortos diante de Deus.»

– «ISÈRE»

«Estão aqui irmãs, filhos, amigos; todos quereriam comunicar-se ao mesmo tempo. Contento-me em exprimir à minha amiga aqui presente a minha felicidade por vê-la, peço-lhe que console a minha família em lágrimas, e que lhe diga que vigio sobre ela e a protejo. Até à vista.»

«AMICIE MARCILLET.»

LXIV

«Sinto pena por não poder vir senão para censurar o ato irrazoável dos meus compatriotas que fizeram um auto-da-fé das vossas crenças (1). Pobres seres encerrados na matéria!»

(1) Alusão ao Auto-da-fé de Barcelona.

«FERNANDO VII.»

LXV

«A fé não se adquire num instante; é preciso que a graça do Todo-Poderoso venha em auxílio daquele que se quer instruir.» «A tua filha amada, EUGÉNIA.»

«Sou, meus bons amigos, o intérprete de todos os Espíritos que são o objeto dos vossos desgostos; eles estão lá, eles veem-vos, eles ouvem-vos, eles contam os batimentos dos vossos corações.»

LXVI

«Suov ruop erètsym nu sruojuot tnores emèm srueisulp; erdnerpmoc ed simrep erocne sap tse suov en li'uq snoitseuq sed ridnoforppa ruop tirpsé'l sap zetnemruot suov en. Liesnoc nob nu zevius.»

LXVII

«Quando a união mantiver os vossos corações enlaçados numa cadeia de amor, sereis os eleitos da terra e os amigos dos anjos.»

LXVIII.

«Não poderíeis compreender a felicidade que experimento ao ver aqui a minha mulher e os meus filhos, e ao assegurar-lhes que vigio sobre eles e sobre Olímpia, minha querida sobrinha.»

«DOUTEY.»

Um jovem, que vinha pela primeira vez e que era desconhecido dos assistentes, tendo-nos pedido para lhe deixar fazer uma evocação mental, algumas pessoas pretenderam que estas evocações pessoais não se deviam fazer em público; o Espírito bateu o que se segue:

«Porque não quereis que um pai e uma mãe venham trazer as suas bênçãos para os seus filhos (1) queridos no começo de um ano que traz no seu seio o bem e o mal?»

E tendo-se a mesa levado à altura do pescoço deste jovem, aí ficou algum tempo suspensa e voltou frequentemente para ele no curso da noite.

(Este testemunho de simpatia da parte de Espíritos que nos amam, renova-se frequentemente agora, e as nossas reuniões, que eram de início sessões de estudos espíritas, tornam-se cada dia mais familiares e, posso dizê-lo, mais íntimas com os nossos Espíritos habituais.)

LXIX

«Porque havemos de atribuir sempre ao Espírito do mal o bem que fazemos? Porque havemos de fechar sempre os olhos e nada querer ouvir? Porque não haveis de seguir o impulso do vosso coração e não haveis de reportar a vossa gratidão àqueles que já não existem e que vós amastes? Porque haveis de desconhecer Deus no seu amor?

«Inclinai-vos, pobres mortais! o ano esvaece-se, mas Deus reserva-vos muitos outros milagres quando tiverdes fé.»

(1) Este jovem é órfão e tem um irmão e uma irmã, o que nenhum de nós sabia.

LXX

«Mais um dos vossos anos que vai juntar-se às suas irmãs no imenso abismo do nada; possa ele ser o mais belo florão da vossa coroa eterna!»

«MARIE.»

PSICOGRAIA.

Comunicações dadas pela Escrita medianímica.

Qu'est-ce que l'âme? – Voilà l'éternel objet des disputes des hommes.

VOLTAIRE, Dict. phil.

As comunicações que precedem foram todas ditadas seja por pancadas, seja por levantamentos de mesa; e as demos, repetimo-lo, apesar do modo grosseiro a que as devemos, e precisamente porque este modo fornece aos experimentadores os melhores elementos de convicção e converteu mais incrédulos à nossa crença do que as mais belas páginas de filosofia espírita.

Se se deu ao trabalho de ler estas frases e de as comparar, viu-se que a hipótese do reflexo do pensamento humano é absolutamente inadmissível; pois as citações evangélicas que se acharam todas exatas, as frases ditadas em línguas antigas ou estrangeiras, pela escrita em algarismos ou por palavras invertidas, as provas de identidade que certos Espíritos deram, etc..., não se encontravam evidentemente no cérebro de nenhuma das pessoas presentes.

Assim, do que precede depreende-se que a intervenção de uma causa independente de nós, invisível e inteligente, é necessária para explicar a produção destes fenómenos, e até aqui, a julgar

pelo seu ensinamento, esta inteligência ultramundana não parece de todo ser uma potência do inferno.

Não pretendo, meu caro leitor, que fiques tão convencido pela simples leitura destas frases como se tivesses sido testemunha, *de visu et auditu*, da maneira como foram produzidas, e confesso-te desde já que uma convicção tão rapidamente adquirida não me pareceria muito sólida; no entanto, entre as pessoas com quem estás em relação, há provavelmente um certo número que já conhecem estas experiências, e se não me fazes a honra de acreditar na minha palavra (o que de forma alguma me melindra numa questão deste género), podes pelo menos dar crédito às atestações daqueles que conheces.

Podes também, se desejas convencer-te por ti mesmo, vir ao nosso salão, onde te darás conta da veracidade de tudo o que avancei, e quando creres, unir-te-ás a nós para dizer àqueles que ainda duvidam: Amigos, o dia nasceu há muito tempo e não tendes senão de abrir os olhos para ver o sol.

Antigamente, isto é, há cerca de uma década, conversava-se com os Espíritos por este único meio; mais tarde, em vez de se empregarem horas inteiras para obter algumas frases, procurou-se outro meio mais rápido, e os próprios Espíritos ensinaram o de adaptar um lápis a um objeto móvel, cesta, prancheta ou outro, sobre o qual se pousariam as mãos rogando ao Espírito que pusesse esse objeto em movimento e formasse letras.

Foram essas as primeiras comunicações pela escrita; vê-se que se ressentiam ainda da infância da doutrina e da novidade das experiências; por isso se chegou sucessivamente a suprimir todos os acessórios e a segurar muito simplesmente um lápis na mão, deixando o braço dócil e completamente passivo. É o que se chama hoje a Psychographie: o médium pega num lápis, e evoca-se um Espírito que vem escrever.

Como dissemos ao começar, este meio não oferece a mesma vantagem que o primeiro para convencer os recém-chegados,

porque se não se estudou o Espiritismo e se não se conhece o médium, por mais aparente que seja a passividade deste, não se é forçado a acreditar que é um Espírito que lhe conduz a mão. É por isso que será sempre bom estudar a doutrina antes de observar a escrita medianímica, e de se assegurar antecipadamente da realidade das manifestações dos Espíritos; no entanto, se alguém se permitir suspeitar da boa-fé e da honorabilidade do médium, pode sempre tomar as precauções necessárias para não formar um julgamento temerário contra ele.

Rogai a um Espírito superior que queira condescender em comunicar-se convosco, e proponde-lhe como tema uma alta questão de filosofia ou de moral, um problema ou um assunto de ciência; se o Espírito puder e quiser responder, estando as pessoas que gozam de faculdades medianímicas recrutadas em todas as classes da sociedade, podeis sempre ter à vossa disposição um médium que esteja na impossibilidade de resolver por si mesmo, indiferentemente, todas essas grandes questões. – Aconteceu-me, quando procurava conhecer o reverso das cartas, rogar a Galileu que resolvesse uma questão de astronomia, por intermédio de um jovem médium que mal sabia o seu francês, e receber imediatamente a solução que desejava. Não falaremos dos meios materiais aos quais o médium não quereria sempre prestar-se, de lhe vendar os olhos, por exemplo, de interpor um corpo opaco entre a sua cabeça e o seu caderno, etc... Sente-se que é preferível empregar métodos menos grosseiros, mais bem aceites, e que conduzem a tão bons resultados.

Quando, pelo estudo e pela prática do Espiritismo, se conhecer o mundo dos Espíritos, e quando não se puder mais emitir logicamente dúvidas sobre a sua existência e sobre os meios de comunicação que nos ligam a eles, a Psychographie será certamente o modo mais vantajoso de correspondência; deixar-se-ão as experiências tptológicas para os principiantes, da mesma forma que a criança que sabe ler abandona aos mais jovens o alfabeto da primeira infância, e poder-se-á somente então

conversar frutuosamente e tão completamente quanto possível com os seres invisíveis.

Agora, leitor, se queres ouvir esta espécie de conversas, prossegue a leitura desta obra: eis um certo número de instruções que nos trouxeram as vozes do céu para as entregar ao teu estudo e às tuas meditações. A maior parte foi dada a um dos mais antigos médiuns de Paris, à Menina Huet, conhecida desde há muito no mundo dos Espíritas. – As comunicações que não se devem a este médium são acompanhadas do nome daquele a quem se devem. – Embora a forma nada seja para os Espíritos, é bom notar, pelo valor literário que possuem algumas destas comunicações, que foram todas dadas espontaneamente, de um só jato de pena, por assim dizer, e que ficaram tais e quais, ao contrário das obras dos homens, que sofrem sempre mais ou menos correções da parte dos seus autores. Espero, querido leitor, que se és minimamente espiritualista, a sua leitura eleve a tua alma para Aquele que permitiu que nos fossem dadas, e que se és materialista, elas te conduzam pelo menos ao vestíbulo do templo.

COMUNICADOS E EVICAÇÕES ESPONTÂNEAS

DISPOSIÇÕES A TRAZER PARA A EVOCAÇÃO.

(25 de Junho de 1855.)

Meus amigos, quando desejais entrar em relação connosco, vinde bem preparados pelo espírito de fé, isto é, pelo espírito de Deus; recolhei-vos e chamai-nos respeitosamente. Então viremos com felicidade aconselhar-vos, conversar como irmãos, falaremos de Deus, dos Espíritos e da religião. Após as sessões não entregueis o vosso coração à dissipação; mas ficai em êxtase, isto é, na presença de Deus, e conservai o espírito de recolhimento e de compunção.

MONTEBELLO.

É PRECISO SER PRUDENTE NO ESTUDO DO ESPIRITUALISMO.

(30 de Junho de 1855.)

Venho hoje sem que me chameis, porque vejo aqui pessoas que se extraviam no estudo do espiritualismo.

Sabei bem que os extremos se tocam, e que à força de querer o impossível e o maravilhoso, os vossos olhos se encandeariam e seríeis enganados.

A vossa ciência ainda não saiu do berço; pensai, meus caros amigos, que é preciso sempre manter-se no limite da sua inteligência e da sua força.

MONTEBELLO.

PRÁTICA DA CARIDADE

(16 de Julho de 1855.)

Continuai sempre as vossas experiências no isolamento; daqui a alguns anos produzi-las-eis à luz do dia. Segui os nossos conselhos, praticai a caridade para com todos. – Caridade primeiro em consolar aqueles que sofrem moralmente, em prevenir a confissão de uma alma agitada, em derramar a divina influência da esperança sobre o espírito que duvida. Caridade depois nas vossas obras; tende cuidado em não ferir o brio daqueles que salvais da desgraça, tende sempre essa amabilidade que vos fará amar por todos, que o vosso humor seja sempre igual e que o sorriso esteja sempre nos vossos lábios para vos atrair os corações!

NUMA.

GRANDES QUESTÕES AGITAM-SE (1)

(28 de Dezembro de 1853).

A nossa doutrina caminha a passos largos sobre a terra, a união começa a estabelecer-se; mas há ainda almas que não estão à altura das outras e que devem desaparecer; almas fracas ou arrogantes, inquietas e sem pensamentos fixos, das quais uma parte se unirá a vós e o resto se apagará.

(1) Esta comunicação e a seguinte foram escritas sob o ditado da Sra. de B., médium adormecido.

Tudo caminha, grandes questões agitam-se, e o ano que vai abrir-se não se fechará sem vos ter dado a solução do destino do espiritualismo.

Ponde, pois, os vossos corações em uníssono e orai a fim de que o véu se rasgue e que o espaço desapareça, a fim de que todos vos torneis um para formar uma mesma família. Daqui a pouco tempo sabereis o que é a união das almas; sabereis o que é a fraternidade dos espíritos; compreendereis Deus, unir-vos-eis a ele, e tornar-vos-eis mais confiantes no futuro para atravessar essa passagem da morte que conduz à vida.

MONTEBELLO.

A VERDADE TRIUNFARÁ

(7 de Janeiro de 1856)

O mundo dos pensadores transformou-se num santuário, habitamos no meio dele; mas há ainda nas ideias uma dissidência que nos perturba; os pensamentos chocam-se e o caos obscuro envolve-os ainda. Uns veem a verdade, os outros não veem senão a matéria, animada, dizem eles, por um fluido elétrico; ficaríamos

alarmados com este erro que vai crescendo, se não soubéssemos que vai em breve parar para desaparecer em seguida e que a verdade, que é sempre uma, grande e forte, se tornará vitoriosa apesar das tempestades que terá de suportar. Tudo se obscurece por momentos, mas um dia, após muitos trabalhos, após muitas lutas, após muitos sofrimentos mesmo físicos, avistar-se-á a luz: ela resplandecerá, brilhante e inalterável, como um belo céu após a rude tormenta.

Orai, meus amigos, é o laço mais puro e mais poderoso que vos une ao nosso mundo, onde tereis o segredo de tudo o que procurais, onde a vossa natureza sofrida, inquieta, poderá, ao lançar-se para as altas regiões, aproximar-se cada vez mais de Deus. Só lá encontrareis na sua integridade a eterna verdade.

Orai; haverá terça-feira, 15, às onze horas daqui, uma grande sessão na América, e recebereis dentro de pouco uma missiva (1) que vos fará conhecer a utilidade e a importância das comunicações com os Espíritos.

NUMA.

TENDE CONFIANÇA E CAMINHAI

(16 de Janeiro de 1856.)

Em breve, meus irmãos, recebereis grandes manifestações que vos ligarão mais intimamente ainda aos vossos amigos do Novo Mundo. Até lá, guardai o mais profundo recolhimento, orai e tende fé. A fé, meus amigos, conduz ao amor, e o amor conduz a Deus. Elevando assim as vossas almas para o Senhor, encontrareis, nesta vida de provações mesmo, uma paz inefável e doces consolações. Caminhai, pois, sem vos inquietardes com os impedimentos que sobrevierem no vosso caminho; caminhai sem vos preocupardes com todos os obstáculos que vos opuserem; caminhai com os vossos amigos de além-mar; uni-vos de coração àqueles que conduzimos na mesma via, e sereis grandes e fortes para fazer triunfar a vossa santa causa.

(1) Três dias depois recebeu-se uma carta de Nova Iorque, relativa a novas experiências espiritualistas.

Terça-feira, orareis e unir-vos-eis, pelo pensamento, a esses irmãos bem-amados que receberão grandes e belas comunicações.

MONTEBELLO.

A VIDA MATERIAL NADA É,
A VIDA INTELECTUAL É TUDO

(22 de Janeiro de 1856.)

A vida não é senão um segundo no espaço, e o tempo não é senão um ponto na eternidade.

Ficai nessas regiões elevadas que reduzem a terra ao seu justo valor; ocupai-vos sempre dessas grandes coisas, e não passeis o vosso tempo com as afeções efémeras da vida. Mas que os vossos corações estejam unidos num mesmo pensamento! pois só lá se encontra a força; pois só lá reside a felicidade.

Não falo ao corpo; as minhas palavras dirigem-se apenas à alma, e é ela só quem pode compreender o meu ensinamento. Deixo toda a questão material para ser discutida por essa classe de homens, demasiado numerosa, cuja inteligência está ainda nas trevas. Quanto a vós, guardai a oração no fundo do vosso coração como um perfume para o vosso Pai, e ficai na ordem das coisas intelectuais; será para vós o começo da vida eterna, isto é, o prelúdio do conhecimento de Deus.

PUMÉRIC.

PROFECIA

(22 de Janeiro de 1856.)

Eles são numerosos esta noite em Nova Iorque – oram; – há entre eles uma mulher inspirada que fala com eloquência do nosso mundo, que nos vê e que nos ouve. Esta mulher fala de uma sociedade universal, de uma grande família de irmãos unidos pelos laços estreitos da afeição. Um dia, esta sociedade universal não será mais um sonho irrealizável; mas é preciso, antes de pensar nisso sequer, despojar a velha capa que vos liga à gleba, espiritualizardes-vos, reunir-vos numa mesma comunhão de pensamentos, de ideias, de orações. Então o mundo invisível estará lá, perto de vós, em comunicação habitual, e conversareis todos com os amigos que a morte vos terá levado. Então tudo será unidade de felicidade, de simpatia mútua, e todas as almas, reunidas numa só, gravitarão em direção ao Criador, primeiro modelo de todas as coisas, ordenador de todos os mundos. Então, meus amigos, começará a era de felicidade na qual vereis, sabereis e compreendereis, na qual nos fundiremos todos num mesmo amor.

NUMA.

A ORAÇÃO

(1 de Fevereiro de 1856.)

Sursum corda! Eleva o teu coração para Deus; que o teu pensamento não fique preso à matéria: ocupa-te das coisas elevadas, como te recomendei; sem isso, retiro-me.

Porque duvidar sempre? Não basta provar-te a nossa existência por tantos fenómenos inexplicáveis? De que precisas ainda? – A dúvida, bem o sabes, é o grande mal deste mundo; a felicidade do outro é a certeza que se tem de uma existência eterna e a plenitude dos sentimentos. Vê-se, compreende-se, admira-se e ama-se; e lá no alto, meu amigo, o amor é a oração.

A oração é o sentimento íntimo da nossa alma liberta de qualquer laço grosseiro e que aspira à verdade. A oração é o estado natural dos seres que vêm de Deus e que refletem a sua grandeza. Tudo ora neste mundo, tudo rende homenagem ao Criador. O pássaro gorjeia o seu canto de amor, a flor exibe a sua corola perfumada, a folha de erva cresce na verde pradaria, o grão de areia detém a vaga da tempestade. É este conjunto e esta unidade de poesia que constitui a harmonia do mundo. Ora, porque te ocupas sempre de coisas que passam, e negligencias a tua verdadeira missão? Sabes que esta terra não é senão uma triste e estreita passagem a atravessar para ir para a vida; porque geras, pois, um acorde dissonante na harmonia do mundo, e não tendes como todas as criaturas para o Senhor da terra e dos céus?

PUMÉRIC.

A ORAÇÃO SOBE A DEUS

(2 de Maio de 1856).

Há aqui um Espírito que dirige o progresso do espiritualismo na América e que vos falará esta noite desses irmãos bem-amados, dos seus estudos, das suas experiências. Do fundo dos seus corações eles dirigem a Deus a sua oração; estão em relação com

os seus Espíritos familiares, e pela sua intercessão pedem ao Senhor a conversão dos seus irmãos, a fé e a constância.

Ó meus amigos, orar é pouco e é muito; é pouco para vós, não há grande despesa de palavras e de eloquência a fazer; é muito face a Deus, que sonda os corações e que prefere às palavras mais pomposas uma parcela do vosso amor.

MARIE (Espírito familiar.)

O ESPÍRITO PROTECTOR DO ESPIRITUALISMO NA AMÉRICA.

(2 de Maio de 1856.)

Discípulos bem-amados da santa causa, venho trazer-vos alguns conselhos. Tende fé, meus amigos, e perseverai sem temer os obstáculos. Todos os povos devem colocar-se sob a mesma bandeira, e cada vez que um de vós abandonar a santa aliança dos corações, cairá mais do que nunca na matéria e no nada; ai dele no mundo espiritual! pois ter-lhe-á sido dado vislumbrar a luz e terá fechado os olhos da sua inteligência. Há muitos chamados, mas há ainda poucos escolhidos porque o orgulho do homem tudo quer reportar a si. Meus amigos, se Deus permite que nos manifestemos a vós, é a fim de vos guiar na reta via; recebei os nossos conselhos, sede humildes, e sereis elevados.

Rejeitai os maus, homens e Espíritos. Combatei estes últimos sobretudo, pela virtude, pela paciência e pela resignação; não deixeis o joio crescer no meio do bom grão, arrancai-o e uni-vos de longe aos meus filhos do Novo Mundo, vossos irmãos mais velhos, que habitam no meio de uma natureza virgem e primitiva, e que caminham a passos largos; nós conduzimo-los, conduzimo-los a todos às portas da imutável Verdade.

Discípulos de uma obra pia, elevai os vossos corações para Aquele que é. Sede agradecidos para com ele, pois muito

recebestes; sede indulgentes para com os vossos irmãos, pois tendes necessidade de indulgência. Dizei a Deus do fundo da vossa alma: Senhor, escutai a minha humilde oração, tende piedade de mim, porque sou pobre e vós sois rico e misericordioso.

Adeus, meus amigos; como os adeptos da América reuni-vos frequentemente, e adquirireis a Fé, a Esperança e a Caridade.

CHRISTOPHE COLOMB.

UMA ASSEMBLEIA DE CRENTES EM GENEBRA.

(16 de Maio de 1856).

Chego de Genebra; eles estão reunidos numa sala elevada que apenas alguns fachos iluminam. O seu médium é uma jovem de dezasseis anos que traja o fato das filhas do povo. Ela está adormecida, vê o Espírito e conversa com ele. Um só lhe fala; um só consulta o Espírito presente; todos o escutam em silêncio.

Meus amigos, fazei em Paris o que se faz em Genebra, reuni-vos frequentemente e estudai na calma e no recolhimento.

Quando o dia do Senhor tiver passado duas vezes, rogarei ao Espírito de Genebra que venha a vós e vos fale.

PUMÉRIC

DISCURSO SOBRE A NOVA DOUTRINA.

(26 de Maio de 1856.)

Que a paz do Senhor seja convosco!

É preciso agir com prudência e sabedoria para sustentar uma certa influência sobre os Espíritos, não lançar a nossa ciência ao primeiro que chega, que dela pode ser indigno, e exercer um verdadeiro sacerdócio que trará adeptos à nossa doutrina.

Não digo que seja preciso rejeitar todos os homens em geral, pois há almas bem dignas de praticar o vosso culto; mas digo que é preciso ser prudente, pois há homens que o profanariam; e estes nada devem ver: os seus olhos curiosos são sacrílegos.

Estudai na sombra; mas não temais falar das vossas experiências aos vossos amigos e àqueles que têm sede de crença religiosa. Iniciai estes antes de os receber no vosso santuário.

Para uma doutrina nova, faz falta um catecismo novo, um formulário que os prosélitos possam estudar. Trabalhai para formar uma sociedade religiosa bem instruída; desta maneira, progredireis rumo à perfeição.

Tereis invejosos e maus; mas quem os não tem neste vale de lágrimas? Deus envia-os para fazer adquirir a paciência, que é uma bela virtude aos olhos da quele que tanto sofreu nesta terra; juntai-lhe a humildade, a caridade, e aproximar-vos-eis da Divindade.

Os maus Espíritos não prevalecerão aqui sobre os bons; mas afastai de vós os homens que vo-los podem trazer, e, como o Mestre disse: Sacudi a poeira que os seus sapatos deixaram na vossa casa.

Meus amigos, tinha este ensinamento para vos dar esta noite; refleti sobre as palavras que vos acabo de ditar e meditai-as. – Adeus.

PÈRE CONSTANT.

O ESPÍRITO PROTECTOR DO ESPIRITUALISMO EM GENEBRA.

(26 de Maio de 1856.)

Meus amigos, as pancadas que acabais de ouvir foram batidas pelo Espírito de Genebra.

PUMÉRIC.

As crianças de Genebra têm fé, e a paz de Deus está com elas. Escutam em silêncio o eco das nossas vozes; recebem com recolhimento os nossos bons conselhos; comunicam intimamente connosco e são fortes. Irmãos, elas amam-vos sem vos conhecer.

A fim de que fiqueis bem convencidos de que vos digo a verdade, anuncio-vos desde hoje que novos e terríveis desastres se preparam para os vossos compatriotas do sul da França (1).

(1) As inundações de Junho de 1856.

Irmãos, dizei comigo estas palavras ao Deus eterno que o átomo ou o menor dos animais adoram melhor do que muitos homens: Deus de caridade! envia-nos um Espírito que nos encha de benevolência uns para com os outros.

As crianças de Genebra têm caridade, e a paz de Deus está com elas. Amam-se aqui em baixo como nós no nosso mundo celeste, onde cumprimos a lei de Jesus Cristo, onde amamos as almas exiladas e onde as protegemos, até que, libertas dos seus laços carnais, venham juntar-se a nós para cumprir por sua vez a missão que o Todo-Poderoso lhes dará.

Irmãos, grandes desgraças devem acontecer sobre esta terra, orai para desviar a cólera de Deus.

CH. BONNET.

A CRIANÇA E O RIBEIRO.

Médium Sr. A. Didier.

(11 de Outubro de 1859.)

Um dia, uma pequena criança chegou perto de um ribeiro bastante rápido que tinha quase a impetuosidade de uma torrente. A água lançava-se de uma colina vizinha e crescia à medida que avançava na planície. A criança pôs-se a examinar a torrente, depois recolheu toda a espécie de pedras que pegava nos seus bracinhos, e resolveu construir um dique.

Cega presunção! Apesar de todos os seus esforços e da sua pequena ira, não o conseguiu alcançar. Refletindo então mais seriamente, se é que se deve empregar esta palavra para uma criança, subiu mais alto, abandonando a sua primeira tentativa, e quis estabelecer a sua represa perto da própria nascente do ribeiro. Mas, ai de mim! Os seus esforços foram ainda impotentes; ficou desalentado e retirou-se a chorar. E que isto se passava na bela estação, e o ribeiro não era demasiado rápido em comparação com o que devia ser no inverno; ele cresceu e a criança viu o seu progresso. A água, rugindo, lançava-se com furor, derrubando tudo à sua passagem, e teria engolido o próprio infeliz, se ele tivesse ousado aproximar-se como da primeira vez.

Ó homem fraco! Queres erguer um baluarte, um obstáculo insuperável à marcha da verdade, e não és mais forte do que essa criança, e a tua pequena vontade não é mais forte do que o seu pequeno braço. Mas, ainda que a quisesses atingir na sua nascente, a verdade, tem a certeza, arrastar-te-á infalivelmente.

BAZILE

OS SÁBIOS

(29 de outubro de 1859)

Visto que chamais um Espírito a vós, Deus permite-me vir; vou dar-vos um bom conselho, sobretudo a vós, M.....

Vós, que vos ocupais sempre dos sábios, pois essa é a vossa preocupação, deixai-os de lado; que podem eles sobre as crenças religiosas e sobretudo espíritas? Em todos os tempos não repeliram as verdades que se apresentaram, não rejeitaram todas as invenções, tratando-as como quimeras?

Aqueles que as anunciavam, a essas verdades, uns eram tratados como loucos e como tais encerrados, outros eram lançados nos cárceres da Inquisição, outros apedrejados ou queimados. A verdade, mais tarde, não deixava por isso de brilhar aos olhos dos sábios surpreendidos que a tinham colocado debaixo do celeiro. Dirigindo-vos incessantemente a eles, quereis, novo Galileu, fazer com que vos inflijam a tortura moral que é o ridículo, e ser forçado a retratar as vossas palavras? O Cristo dirigiu-se às academias da sua época? Não; ele pregava a sua divina moral a todos em geral e ao povo em particular.

Para apóstolos, ou propagadores da sua vinda, escolheu pescadores, pessoas simples de coração e ignorantes que não conheciam as leis da natureza e não sabiam se um milagre as podia contrariar, mas que acreditavam ingenuamente. «Ide, dizia Jesus, e contai o que vistes.» Ele nunca fez um milagre senão em favor daqueles que o pediam com fé e convicção, recusou-o aos fariseus e aos saduceus que vinham para o tentar, e tratou-os como hipócritas. Dirigi-vos, pois, vós também, às pessoas que querem acreditar; rejeitai os sábios incrédulos.

De resto, o que é um sábio? Um homem mais instruído do que outros porque estudou mais, mas que perdeu muito do prestígio que tinha outrora, auréola fatal que lhe valia frequentemente as honras da fogueira. Mas à medida que a inteligência popular se desenvolveu, o seu brilho diminuiu; hoje o homem de génio já não teme ser acusado de feitiçaria, já não é o aliado de Satanás. A humanidade esclarecida aprecia no seu justo valor aquele que

trabalha muito e que sabe muito; sabe colocar no pedestal que lhe convém o homem de génio que gera grandes obras. Como sabe em que consiste a ciência do primeiro, já não o atormenta; como sabe de onde emana o génio criador, inclina-se diante dele.

Mas por sua vez ela quer ter a liberdade de acreditar em verdades que são a sua consolação; não quer que aquele que sabe mais ou menos de química, mais ou menos de retórica, que gera o mais belo ópera, venha a entravar as suas crenças lançando-lhe o ridículo à face e tratando as suas ideias como loucura; ela desviar-se-á do seu caminho e prosseguirá silenciosamente a sua rota. A verdade envolverá um dia o mundo inteiro e aqueles que a tinham repelido serão obrigados a reconhecê-la.

Eu próprio, que me ocupei de Espiritualismo até ao meu último dia, fiz o sempre na intimidade; a Academia importava-me pouco; ela virá a vós mais tarde, acreditai.

DL. G. GIRARDIN

O VIAJANTE

Médium M. A. Didier.

(18 de novembro de 1859)

Viajante, onde está o teu caminho? Ignoras o, e caminhas sempre! Tens um objetivo, vais ver os teus parentes, os teus amigos, reencontrar após uma longa ausência aqueles que julgavas perdidos ou que te julgavam perdido para eles?

Oh! As tuas fadigas devem ter sido muito duras, as tuas penas muito amargas! Trazes no teu rosto as marcas certas de um longo sofrimento, estás velho e enfraquecido, foste infeliz, mas caminhas sempre, apesar da tempestade que ruge em teu redor.

Vês a escuridão por toda a parte; ela envolve-te com a sua névoa enegrecida, tudo é mistério para ti no meio desta sombra, o teu andar é incerto, e no entanto caminhas sempre, sempre!.. Algo

mais forte do que tu te impele, e caminhas. O que é, pois?! Quem te impele? Não o sabes, meu amigo, de tempos a tempos ergues uns olhos inquietos e olhas; buscas o céu. Ah! Ele está negro, negro por toda a parte... Um sorriso passa pelo teu rosto e baixas os olhos para a terra, depois choras, deténs-te!

Mais é preciso chegar; a noite torna-se mais escura à medida que avanças. Então, desesperado, a tua voz eleva-se para o céu blasfemando: «Mas quê! Nada? Nada que me console, nem uma mão caritativa, nenhum horizonte, nenhuma providência!»

De repente o viajante detém-se, sente-se entorpecido; senta-se perto de um abismo imenso que não tem sequer a força de medir, abismo sem fundo que é preciso atravessar contudo. Adormece; depois, subitamente, o sol reaparece; o viajante ergue-se de novo, alegre por rever a luz, e vê lançado sobre o abismo imenso uma ponte que atravessa sem dificuldade. De repente avista do outro lado da ponte braços que se estendem para ele, ouve vozes que o chamam. Ah! Deus! Reconheceu os seus parentes, os seus amigos, abraça-os a chorar; reencontrou a sua pátria, imagem dessa pátria celeste para a qual deveis todos ir.

Homens! Aprendereis que passagens difíceis é preciso atravessar antes de lá chegar; mas tende confiança e voltareis a ver o sol!

LAMENNAIS

A ESMOLA

(10 de dezembro de 1859)

Por uma bela noite de primavera, um homem rico e generoso estava suavemente sentado no seu salão e, pela sua janela entreaberta, aspirava com voluptuosidade o perfume das flores do seu jardim; enumerava com complacência no papel as boas obras que tinha feito durante a estação dos prazeres; perante esta recordação, não podia deixar de lançar um olhar de piedade e quase de desprezo sobre a casa de um dos seus vizinhos, que

apenas pudera dar um modesto escudo para a reconstrução da igreja paroquial, ao passo que ele tinha colocado generosamente três mil libras para essa obra pia. «Lancei negligentemente, dizia ele, uma nota de 500 libras na bolsa que me estendia essa jovem duquesa em favor dos pobres; dei muito para as festas de beneficência, para toda a espécie de lotarias, e espero que Deus me leve em conta todo o bem que fiz. — Ah! Esquecia-me de uma leve esmola que fiz ultimamente a uma infeliz viúva carregada com uma numerosa família e que cria ainda um órfão; mas dei-lhe tão pouca coisa que não será certamente isso que me abrirá o céu.» — «Enganas-te, respondeu-lhe de repente uma voz desconhecida, é a única esmola que Deus aceita e eis a prova.» No mesmo instante, uma mão apagou no papel tudo o que ele tinha escrito e, deixando apenas a última boa obra, levou o papel para o céu.

Não é a esmola feita com ostentação que é a melhor, é aquela que é feita em toda a simplicidade do coração.

JOINVILLE,

súbdito e amigo do rei Luís.

SCARRON

(10 de março de 1860)

Meus amigos, fui muito infeliz na terra, porque o meu Espírito era igual e por vezes superior ao das pessoas que me rodeavam e o meu corpo estava abaixo. Por isso o meu coração estava ulcerado pelos sofrimentos morais, e pelas dores físicas que tinham colocado o meu invólucro terrestre num estado piedoso e miserável. O meu caráter tinha-se azedado em consequência das minhas doenças e pelas contrariedades que experimentava no trato com os meus amigos. Deixei-me ir para a malignidade mais cáustica; era alegre e sem desgosto na aparência, mas quanto sofria no fundo do meu coração, e quanto gemia quando estava

só, entregue aos secretos pensamentos da minha alma! O dia mais belo da minha existência foi aquele em que o meu Espírito, separado do meu corpo, leve e iluminado por um raio divino, se lançou para as esferas celestes; pareceu-me que renascia e a felicidade apoderou-se do meu ser: descansava finalmente! Mais tarde a minha consciência despertou; reconheci as faltas que tinha para com o meu Criador; experimentei as angústias do remorso e implorei a piedade do Todo-Poderoso. Desde esse tempo procuro instruir-me no bem; tento tornar-me útil aos homens, e progrido cada dia. No entanto, meus amigos, preciso que se reze por mim, e peço aos fervorosos que elevem em meu favor os seus pensamentos para Deus. Se me chamarem a si, tomarei a iniciativa por minha vez de lhes vir falar e de responder aos seus pedidos tanto quanto o puder. Assim se pratica a caridade.

PAUL SCARRON

CONSELHOS AOS ESPIRITUALISTAS

(17 de março de 1860)

Os estudos sérios a que vos entregais religiosamente e conscienciosamente não podem senão ser úteis a vós e aos outros. Continuai-os sempre com o mesmo ardor; que o espírito de paz e de fé esteja sempre no meio de vós, e Deus aí estabelecerá o seu reino. Nunca permitais que o orgulho se apodere do vosso coração: foi ele que perdeu o homem, é ele ainda que continua a sua obra de perdição.

Quantas almas sofrem no nosso mundo por se terem deixado ir para esse espírito de malícia e de maldade! Sede humildes no vosso coração, sede bons, amai os vossos irmãos, e estareis seguros de triunfar desse inimigo terrível; então o vosso trabalho trará a marca do vosso amor do bem, vir-se-á de boa mente a vós, e recebereis os vossos irmãos com esse espírito de caridade que

convém a todo o homem que crê em Deus e no bem futuro da sua alma.

FÉNELON

DAI E AMAI

Médium Mme Le Boyer

(17 de março de 1860)

Amo-nos uns aos outros e façamos a outrem o que gostaríamos que nos fosse feito. Toda a religião, toda a moral se encontram encerradas nestes dois preceitos; se eles fossem seguidos aqui na terra, seríamos todos perfeitos. Acabavam-se os ódios, os dissentimentos, direi mais ainda: a pobreza; pois do supérfluo de cada rico muitos pobres se alimentariam, e já não veríeis nos sombrios bairros que habitei durante a minha última encarnação, pobres mulheres arrastando atrás de si miseráveis crianças carecendo de tudo.

Ricos, pensai um pouco nisso; ajudai o melhor que puderdes os infelizes. Dai para que Deus vos restitua um dia o bem que tiverdes feito; para que encontreis ao sair do vosso invólucro terrestre um cortejo de Espíritos reconhecidos que vos receberão no limiar de um mundo mais feliz.

Se pudésseis saber a alegria que experimentei ao reencontrar lá no alto aqueles que tinha podido ajudar durante a minha última vida! Dai, e amai o vosso próximo; amai-o como a vós mesmos; pois bem o sabeis, agora que Deus permitiu que comeceis a instruir-vos na ciência espírita, esse infeliz que repelis é talvez um irmão de um outro mundo, um amigo que rejeitais para longe de vós, e então qual será o vosso desespero um dia ao reconhecê-lo no mundo dos Espíritos! Dai e amai; adeus, lembrai-vos dos meus preceitos.

IRMÃ ROSÁLIA

O ANJO DA CARIDADE

Médium M. Collin

(24 de março de 1860)

Num sótão obscuro e húmido, sobre um catre frio e duro, uma mulher bela ainda e jovem está prostrada e a morrer. As suas faces estão pálidas; pela atonia, pela fixidez do seu olhar sangrento e febril, sente-se que a serpente do desespero lhe lavra o coração, e que a lâmina afiada de um punhal satânico lhe rasga o peito. Ao seu seio seco está suspenso um filho saído na véspera do misterioso berço das suas entranhas; aos seus pés e sobre o frio pavimento tiquetaqueia de frio e rebola-se nas torturas da fome uma outra criança, cuja nudez é mal dissimulada por farrapos de trapos. Desde há três dias nenhum alimento transpôs o limiar maldito, mais um instante e o poder criador vai ser vencido pelo seu rival, pelo agente destruidor.

Mas quem bate a esta porta? Quem é esta mulher de andar imponente, de figura majestosa? Uma auréola radiante envolve a sua fronte virginal, dos seus olhos de esmeralda sai uma fonte de graciosos e ternos sorrisos, dos seus lábios vermelhos escapa-se como um raio de mel a doce e cariciosa esperança.

Oh! Diz-me, quem és tu, afinal, tu que o sol da vida acompanha?

— Eu sou o braço direito de Deus, sou eu que lhe dou mão forte e reforço; sou a via sagrada pela qual, de melhoria em melhoria, o homem sobe até à perfeição idealizada na terra pelo arquétipo humano; sou o cimento dos mundos; sou a personificação de todas as virtudes. É pelo meu culto apenas que o homem se aproxima do seu divino modelo; pois é por mim que ele é quase-Deus, visto que por mim ele dá a vida, ou antes impede de se dissolver a vida dada por Deus. Quem eu sou? Sou a luta e o sofrimento, e serei brevemente a vitória. Desde a infância do mundo que luto e combato contra o mais implacável inimigo do

homem, contra o egoísmo que lhe rói as entranhas. Quem eu sou? Sou a humanidade militante e chamam-me a CARIDADE!

EUGÈNE SUE

A LEI DA HARMONIA

Médium M. Collin

(24 de março de 1860)

Deus é a unidade absoluta na unidade manifestada; Deus é a unidade impulsiva e absortiva; la lei da sua expressão é a harmonia; desta fonte decorrem todas as que governam os mundos e os seres que os povoam. Abstrativamente, o homem é tributário da lei de amor, de trabalho e de fraternidade. Pela lei de amor o homem mantém-se em comunicação com Deus que é o seu pai. Pela lei de trabalho ele caminha e gravita para o objetivo final, razão de ser da sua criação. Pela lei de fraternidade o homem manifesta-se exteriormente. É praticando estas leis que o homem concorre para a harmonia geral. É transgredindo estas leis que o homem se coloca em plena revolta contra si mesmo e contra Deus, que perturba e destrói a harmonia, que produz todo o mal de que as sociedades estão devoradas.

O dia em que, pelo esforço supremo da lei da harmonia, o homem, transpondo uma distância incomensurável, acordou rei da criação; teria morrido de pavor e de terror no seu isolamento, se Deus não tivesse feito brilhar aos seus olhos o facho da verdade que, semelhante a um farol, o atraía, iluminando o, para o objetivo da sua viagem. Foi essa, acreditai bem, a primeira das revelações cuja série desde então nunca mais se interrompeu; mas o homem não tardou a retroceder para as origens.

Graças, todavia, à previdente bondade de Deus, que tinha interposto uma muralha de bronze intransponível entre o seu passado e o seu presente, o homem foi forçado a deter-se e a voltar para a luz, para a margem; sem isso, quantos homens

teriam vindo afogar-se nos profundos e misteriosos abismos dos graus!

Hoje, a revelação parece tomar um outro caráter e assumir formas mais sensíveis; é um bem para uma sociedade mergulhada no culto dos factos e que é preciso impressionar pelos factos.

ZOROASTRE

A CARIDADE MORAL

Médium Mme Le Boyer

(24 de março de 1860)

Desejo que compreendais bem o que pode ser a caridade moral, aquela que todo o ser pode praticar, aquela que nada custa de material, e no entanto aquela que é mais difícil de pôr em prática.

A caridade moral consiste em suportarmo-nos uns aos outros, o que é muito difícil neste baixo mundo. Sede caritativos e avançareis na boa via; sede humanos e suportai-vos uns aos outros. Há um grande mérito em saber calar-se para deixar falar um mais tolo do que si, e isso é um género de caridade. Saber ser surdo quando uma palavra trocista se escapa de uma boca habituada a escarnecer; não ver o sorriso desdenhoso que acolhe a vossa entrada em casa de pessoas que, frequentemente sem razão, se julgam acima de vós, ao passo que na vida espírita, a única real, estão por vezes muito longe disso: eis um mérito, não de humildade, mas de caridade.

Ao passar perto de um pobre enfermo, olhá-lo com compaixão tem sempre muito mais mérito do que lançar-lhe com desprezo a sua óbolo. Contudo, não se deveria tomar esta figura à letra, pois esta caridade não deve impedir a outra; mas pensai sobretudo em não desprezar o vosso semelhante. Lembrai-vos do que já vos disse: é preciso recordar-se sem cessar que no pobre rejeitado repelis talvez um Espírito que vos foi caro e que se encontra

momentaneamente numa posição inferior à vossa; revi um dos pobres da vossa terra, que tinha tido a felicidade de ajudar algumas vezes, e que imploro agora por minha vez. Sede, pois, caritativos; não façais os desdenhosos; deixai passar uma palavra que vos fira e não acrediteis que ser caritativo consiste apenas na caridade material, mas também na caridade moral; repito-vos, fazei uma e outra.

Lembrai-vos da palavra de Jesus: somos todos irmãos; e pensai nisso sempre antes de repelir o leproso ou o mendigo; virei ainda dar-vos uma mais longa comunicação, mas sou chamada de volta. Adeus, pensai naqueles que sofrem, rezai.

IRMÃ ROSÁLIA

O AMOR

(24 de março de 1860)

Tinha-se obtido a palavra Amor em escrita direta.

AMOR! Tudo se resume nesta palavra, pois amor e caridade são uma mesma coisa. Caridade! Palavra profunda e sublime que devemos ao cristianismo, que recebemos d'Aquele que nos ensinou a amar e a perdoar. Quando se ama, suportam-se os defeitos dos seus irmãos, aliviam-se, acode-se em seu socorro, e quando se reportam todas essas ações caritativas à Divindade, que recompensa de inefável felicidade nos espera no céu!

É o amor imenso de um Deus, amor infinito, que vos protege sob a asa da providência; por este único pensamento deveis ser sempre levados para o bem e calcar aos vossos pés a serpente do orgulho. O que sois vós, com efeito, aqui na terra? O que são aqueles a quem se chama grandes? Têm a cabeça mais elevada do que os seus irmãos, mas têm os pés tão baixos, estão ao mesmo nível e apoiam-se na mesma terra que as crianças e os animais. Uma única coisa eleva realmente o homem acima do seu semelhante, acima da natureza, é esse amor, essa caridade de que

fala Jesus. Aí está toda a moral que ele pregou na terra; aí está toda la lei que rege o mundo celeste.

FÉNELON

O HOMEM

(12 de maio de 1860)

O homem é um composto de grandeza e de miséria, de ciência e de ignorância. Na terra ele é o representante de Deus, pois a sua vasta inteligência abarca o universo; soube descobrir uma parte dos segredos da natureza; sabe servir-se dos elementos; percorre distâncias imensas por meio do vapor; pode conversar com o seu semelhante de um antípoda ao outro pela eletricidade que sabe dirigir. O seu génio é imenso; quando sabe depositar tudo isso aos pés da Divindade e fazer-lhe disso homenagem, é quase o igual de Deus!

Mas como é pequeno e miserável quando o orgulho se apodera do seu ser! Então não vê a sua fraqueza, não vê que a sua existência, essa vida que não pode compreender, lhe é arrebatada por vezes instantaneamente pela única vontade dessa Divindade que ele desconhece. Ele, que tudo estudou, tudo analisou, que segue os astros nos seus cursos, conhece a potência criadora que faz germinar o grão de trigo sob a terra? Pode criar a flor mais simples e mais modesta? Não; o seu poder não vai até aí. Deveria então reconhecer que há um ser superior a ele; a humildade deveria apoderar-se do seu coração, e ao admirar a grandeza de Deus e ao estudar as suas obras, faria um ato de adoração e a sua recompensa esperá-lo-ia no céu.

THÉRÈSE.

O QUE É A SABEDORIA?

(7 de abril de 1860)

A frase seguinte tinha sido batida:

Tende à sabedoria para ganhar a felicidade do céu: tudo não passa de vaidade.

Disseram-vos esta noite para tenderdes à sabedoria para ganhardes a felicidade do céu. Ora, o que é a sabedoria? — Não se apegar demasiado às vaidades deste mundo, ser bastante indiferente à opinião dos homens em geral. Que vos importa o que este ou aquele pode dizer ou pensar de vós? O que vos importa é saber o que Deus vos pode pedir, pela conduta que tendes neste mundo: pela vossa caridade bem entendida, caridade moral sobretudo; pelo bem que fazeis aos vossos irmãos; pela vossa doçura e a vossa humildade diante dele; pela vossa gratidão para com o Criador, pois ao admirar as obras de Deus prestais-lhe a homenagem que lhe presta a natureza inteira. Portanto, não agir senão tendo em vista o bem, adorar a Deus, amar os seus irmãos, não se ocupar do que dirão, aí está a verdadeira sabedoria, aí está o verdadeiro caminho do céu ou da felicidade na nossa vida. Segui estes preceitos e sou feliz com isso. Procurai segui-los vós mesmos e tereis a felicidade em partilha, não só na vida onde estamos, mas também na vossa vida terrestre.

VINCENT DE PAUL.

EVOCAÇÃO (1)

DE MYRDHINN OU MERLIN O ENCANTADOR

(28 de abril de 1860)

Fénelon conversava connosco; M. de la V. pergunta-lhe se lhe pode dizer o que era Merlin, cognominado o Encantador.

«Era um célebre médium sem o saber que tinha o poder de comunicar com os Espíritos.»

— Poderia evocá-lo?

«Sim, se o seu corpo (pois ele está reencarnado) lhe permitir vir.»

Após uma longa espera, o Espírito vem escrever com uma escrita semelhante aos manuscritos da sua época, século

VI.

«Finalmente eis-me entre vós.»

— Em nome de Deus, sois mesmo vós, Myrdhinn?

«Sim, sou eu. Descendo de Saturno.»

— O que éreis na terra?

«Um sábio e uma personagem importante; era Bardo.»

— Qual era o assunto dos vossos poemas?

«Cantava os guerreiros e os deuses.»

(1) Embora não haja fórmula sacramental de evocação, empregamos ordinariamente a seguinte: Em nome de Deus Todo-Poderoso, rogamos a (.....) que se queira comunicar connosco.

— Que guerreiros cantáveis?

«Os do meu país gaulês.»

— Cantastes realmente os Gauleses, e não seriam antes os Bretões? Citai-nos alguns nomes.

«Os seus nomes estão na noite dos tempos, esqueci-os.

— No entanto, éreis bretão.

«A Bretanha era bem o meu país, mas os Gauleses também se batiam e cantei a guerra em geral.»

— Dissestes há pouco que tínheis cantado os deuses; quais eram eles?

«Cantei a poesia, também o deus da beleza e o deus das grandes coragens.»

— Dizei-nos um nome desses deuses que cantastes?

«Quereis nomes pagãos? Hoje já não creio neles.»

— Éreis uma grande personagem?

«Julgavam-me mágico porque sabia mais do que os outros; era mais instruído do que os da minha época e passei por um encantador.»

— Em que lugar viveis agora?

«Em Saturno; estou reencarnado. Sou uma personagem conhecida que detém a justiça do país.»

— Quando vivíeis, não tínheis relações com esse astro?

«Dessa planeta tirava a minha potência mágica: era astrólogo, como sabeis.»

— Que partido tiráveis da vossa ciência?

«Aconselhava os reis.»

— Com que objetivo aconselháveis os reis?

«O futuro era-me revelado por uma potência superior e eu ditava-o aos grandes em vista do bem e do progresso; por vezes, também, um pouco de glória me advinha disso.»

— Sob que forma se manifestava a vossa potência?

«Para falar a vossa linguagem atual, era médium intuitivo: tinha revelações.»

— Como manifestáveis essas revelações?

«A inspiração chegava-me sob essa forma e eu ditava-a aos grandes pelos meus cantos ou pelas minhas palavras. A minha maneira de revelar assemelhava-se à dos druidas.»

— Como vos chegava a inspiração?

«A inspiração chegava-me primeiro pela evocação, depois pela tensão do meu espírito, e as palavras chegavam por si mesmas.»

— Que género de evocação fazíeis?

«Evocava Deus primeiro no Espírito de verdade, de revelação, e um bom anjo trazia-me a inspiração.»

— Cantastes os deuses, e agora falais de Deus?

«Deus, é a religião; os deuses, são a poesia, a ficção ou a forma.»

— Cantastes, portanto, a fábula?

«Sim.»

— Vós que vos pretendíeis inspirado pelo Espírito de verdade, como pudestes cantar a fábula?

«É preciso frequentemente disfarçar a verdade sob os traços da fábula para a fazer passar mais facilmente; não o fazeis ainda hoje?»

— Poderíeis escrever comigo?

«Sim; sinto que a vossa natureza me é simpática, mas talvez não o fizesse numa primeira tentativa.»

— Podeis dizer-nos se vivestes muito tempo?

«Vivi muito tempo.»

— Quantos anos, aproximadamente?

«Mais de oitenta invernos.»

— Como morrestes?

«Não de morte natural.»

— Fostes feliz ou infeliz neste mundo?

«Infeliz, perseguido.»

— Vivíeis da vida selvagem ou civilizada?

«Amava a solidão, e só ia à presença dos grandes para lhes falar do futuro.»

(As investigações do senhor visconde H. de la Villemarqué provaram a veracidade de todas estas respostas, e a identidade do Espírito.)

A NOVA ERA

Médium M. Collin.

(19 de maio de 1860)

«*Fiat voluntas tua sicut in cælo et in terra!*» Palavras sempre incompreendidas pelos homens e que, todavia, estão destinadas a cumprir-se um dia. Sim, vejo-o, a vossa humanidade vai sofrer uma transformação que não será senão o início do seu encaminhamento para o reino de Deus na terra.

Felizes daqueles que, desde hoje, pelos seus pensamentos e pelas suas ações, contribuem para descolar as portas de bronze fechadas sobre a prisão na qual esmorece e se definha a humanidade; mas serão malditos, já o são nas suas alegrias, todos aqueles que se opõem pelos seus pensamentos e pelas suas ações ao cumprimento da lei de Deus.

SOCRATE.

CREDE COM O CORAÇÃO

(28 de maio de 1860)

A frase seguinte tinha sido batida:

Crede com o coração e não com os sentidos.

Que a recomendação que vos é feita esta noite não seja estéril! Crede com o vosso coração, com a foi; mas que a vossa razão não venha misturar-se no pedido dos milagres, ela arrefece tudo porque analisa tudo. Quando os Judeus vinham ao encontro de Jesus pedir-lhe um milagre, fosse uma ressurreição, fosse uma cura, acreditais que estudavam primeiro a questão para saber se o que pediam era possível ou contrário às leis da natureza? Não;

desejavam-no, criam nisso firmemente, e Jesus, vendo essa fé viril, respondia-lhes: «Ide, a vossa fé vos salvou.» Agora, ainda, são as almas mais simples que obtêm as maiores graças. Crede, sede bons, e não procureis fazer ciência; não exciteis a curiosidade dos vossos irmãos, mas antes a sua piedade.

IRMÃ ROSÁLIA.

O QUE É A VERDADE

Soluções dadas simultaneamente por diversos médiuns.

A verdade é o princípio da harmonia universal. Como estais longe dela!

LAMENNAIS.

A verdade em todas as coisas é dizer o que se crê, ainda que o que se crê seja um erro; pois se falais contra a vossa convicção, mentis a vós mesmos e, por conseguinte, mentis aos outros. Como explicar a verdadeira verdade? O que é a verdade? O que é verdadeiro aqui será falso num outro país; o que é aceito lá é rejeitado aqui. Não há senão uma verdade real e incontestável, é Deus.

FÉNELON.

A verdade! Todos os povos fizeram uma apropriada aos seus costumes, aos seus usos; todos os homens não fazem uma também, que acariciam e mimam porque ela lisonjeia as suas paixões? Mas se quereis entender a verdade superior a toda a convenção social e humana, dir-vos-ei que a única é Deus. Deus, como fonte única de toda a lei, como autor da lei da harmonia contra a qual o homem, sozinho em toda a natureza, se empertiga

e se revolta. Esta verdade, vimos hoje, como outrora, fazê-la brilhar aos olhos dos homens de boa vontade. Para a contemplar e chegar a ela, é vos preciso adquirir essa fé ardente que recomendo aos Colossenses.

PAULO, APÓSTOLO.

O PREÇO DO TEMPO

(16 de junho de 1860)

Se pudésseis por um instante refletir sobre a perda de tempo, mas refletir nisso muito seriamente e calcular o prejuízo imenso que causais a vós mesmos, saberíeis quanto essa hora, esse minuto decorrido inutilmente e que perdeis sem retorno, podia ser útil ao vosso bem futuro. Todos os tesouros da terra não saberiam restituir-vo-lo, e se o empregastes mal, um dia sereis obrigados a repará-lo pela expiação. Que não daríeis vós então para resgatar esse tempo perdido? Votos inúteis; regressos supérfluos! Por isso, pensai bem nisso, é no vosso interesse futuro e até presente; pois frequentemente os desgostos atingem-vos na própria terra. Quando Deus vos pedir contas da existência que vos deu, da missão que tínheis a cumprir, que lhe respondereis? Sereis semelhantes ao enviado de um soberano que, longe de cumprir as ordens do seu mestre, passasse o tempo em futilidades, sem se ocupar do assunto para o qual o teriam acreditado; que responsabilidade não incorreria ele no seu regresso? Vós sois aqui na terra os enviados de Deus, e tereis de lhe prestar contas do vosso tempo passado com os vossos irmãos. Recomendo-vos esta meditação.

MASSILLON.

EVOCAÇÃO

DE SANTA TERESA.

(23 junho 1860)

O senhor general conde A. de M. roga a santa Teresa que se queira comunicar com ele.

«Deus permite-me vir até vós.»

«TERESA.»

— Li as vossas obras, visitei o vosso convento em Sevilha; estas recordações dão-me um grande desejo de vos ouvir, e seria feliz por receber de vós algumas palavras.

«Perguntáveis a vós mesmos se eu dignaria vir para o meio de vós, eu colocada bastante alto no reino celeste? Grande Deus! Eu, antiga pecadora, para a qual esse Deus de amor dignou mostrar-se e indicar-me o lugar que ocuparia num inferno de remorsos! Eu que Deus tanto amou para dignar conceder-me tantas graças! Eu não viria a vós, quando um dos seus anjos me deu a missão de vos ditar alguns conselhos para o vosso bem futuro?!... Nada é pequeno aos olhos do Todo-Poderoso. Crede que ele se ocupa muito de vós e que o seu único pensamento é reconduzir os pecadores e proteger na boa via aqueles que nela já caminham. Amai, amai. Esta palavra é tudo. É Deus, sois vós, é a vida. Sem amor, nenhum céu, nenhuma felicidade. Que a vossa alma se funda num amor imenso e cante os prelúdios da vossa vida celeste.»

— O vosso manto colocado sobre os meus ombros pelas vossas religiosas trouxe-me felicidade?

«Não, não é o manto que traz felicidade, pois, afinal de contas, ele apenas revestiu os ombros de uma pobre pecadora, grande penitente, pois cometeu grandes faltas; é antes o respeito, a veneração que tendes pelas relíquias dos servos de Deus, e que as minhas boas e fiéis irmãs levam a um tão alto grau. Por isso o

meu Espírito visita os meus conventos o mais frequentemente possível.»

— Ocupais por vezes no refeitório esse lugar vago que está reservado à vossa memória?

«Sim, agrada-me estar aí.»

— Poderíeis aparecer-nos?

«Para serdes testemunhas de uma aparição, são precisas muitas condições que se não encontram aqui. Que recolhimento, que perseverança, que ardor de fé não é preciso para isso! Fui durante a minha vida frequentemente favorecida pelas êxtases celestes; mas era um favor especial do meu Criador; podereis obter essa graça, mas é preciso merecê-la.»

— Que pensais de M. X. que duvida?

«Pobre espírito infeliz, como tenho pena dele! Não ama, apenas teme.»

PROVEITO DOS CONSELHOS

(28 de junho de 1860)

Aproveitais os nossos conselhos e o que vos dizemos cada dia? Não; muito pouco. Ao sair de uma das nossas reuniões, conversais sobre a curiosidade do facto, sobre o interesse mais ou menos grande que ele ofereceu aos assistentes; mas haverá um único entre vós que pergunte a si mesmo se pode aplicar a si a moral, o conselho que acabamos de prescrever, e que tenha a intenção de pôr em prática o nosso ensinamento? Pediu, solicitou uma citação; tem-na: isso basta-lhe. Regressa às suas ocupações diárias prometendo a si mesmo voltar a ver um espetáculo tão

interessante; conta os factos aos seus amigos, a fim de excitar a sua curiosidade, e apenas para provar que os sábios podem ser confundidos; muito poucos o fazem com o fito de pregar a moral, muito poucos mesmo com o fito de se melhorarem. A minha lição é severa; não vos quero contudo desalentar; trazei sempre boa vontade, somente um pouco mais de bons sentimentos para com Deus, e um pouco menos de desejo de confundir os incrédulos: isto compete ao tempo e a Deus.

MARIE.

A VERDADE ESPIRITUALISTA

(21 de julho de 1860)

«Ora, Jesus encontrou à porta do templo um paralítico entrevado de todos os seus membros, que desde há vinte anos pedia esmola e que toda a gente conhecia. Vendo a fé no espírito desse homem, Jesus disse-lhe: Levanta-te e caminha. E esse homem levantou-se e caminhou glorificando o Senhor, indo por toda a parte contar o milagre que lhe tinha restituído o uso dos seus membros de que estava privado desde há vinte anos. O que ouvindo, os doutores da lei disseram-lhe: Mentis, não éreis paralítico, e esse Jesus não te curou.»

Tendes em vosso redor uma multidão desses doutores cuja má-fé é tão grande; esses homens seriam testemunhas dos fenómenos mais estranhos e negariam a evidência. Mas, crede-me, não são essas pessoas que importa convencer; eles serão um dia derrubados pela Verdade, que não pode deixar de vir à luz apesar de todos os obstáculos que lhe opõem as orgulhosas vaidades de certos homens. Vede o rio que desce a montanha e se dirige para

o mar, em vão mil acidentes lhe disputam a passagem, ele supera-os, transpõe majestosamente as planícies eriçadas e chega ao seu objetivo marcado antecipadamente pelas leis de Deus. Quanto maiores são os obstáculos, mais ele mostra a sua força e melhor faz brilhar o seu poder; quanto mais a verdade espiritualista experimentar dificuldades, mais ocupará os pensamentos e mais cedo triunfará: é a luta que fará o seu triunfo. O que importa aos espiritualistas é a fé, sem a qual nada é possível.

AUGUSTIN.

EVOCAÇÃO

DE PIERRE D'OGREMONT

(28 de julho de 1860)

Marie, com a qual estávamos em conversação, escreve esta frase:

«Está aqui perto de vós um Espírito sofredor que obteve a permissão de vos vir encontrar.»

— Pode-se evocá-lo?

«Sim.»

EVOCAÇÃO

«Obrigado pelo vosso bom querer para comigo; desde há perto de cinco séculos que sofro.»

— Qual é o vosso nome?

«Nomeava-me Pierre d'Ogremont.»

— Estais errante desde esses cinco séculos?

«Sim.»

— Qual é a causa do vosso longo sofrimento?

«Entre outros crimes, fiz perecer um inocente no cadafalso; sofro a minha punição terrestre, mas blasfemei e permaneci endurecido.»

— Desempenhastes algum papel na história?

«Era magistrado em Paris.»

— Sob que reinado?

«Sob Carlos VI.»

— Em que ano morrestes?

«1389.»

— E estais errante desde essa época?

«Não só erro, mas não vivo senão no meio dos tormentos. Sofro remorsos cruéis: o meu crime não está ainda perdoado.»

— Estais nas trevas?

«Não; mas estou tão longe de Deus!»

— Disseram-nos que desejáveis comunicar-vos connosco; com que intenção nos chamais?

«Uma prece por mim, por favor! Ninguém nunca rezou a Deus na minha intenção; os homens amaldiçoaram-me, um só me perdoou: é a minha vítima. Mas esse perdão é o meu mais cruel suplício, é como um ferro em brasa sobre a minha ferida.»

— Como morrestes?

«Fui atingido por uma horrorosa doença que me reduziu à putrefação, e fui comido vivo pelos ratos, pois, causando horror aos meus semelhantes, tinha-me refugiado numa cave.»

— Prometemos-vos preces.

«Obrigado. Regresso às minhas penas.»

«P. O.»

SOPHIE SWETCHINE

(4 de agosto de 1860)

«Em viva, não me ocupava da evocação dos Espíritos, teria julgado fazer mal: a religião que professava do mais profundo do meu coração proibia-mo. Hoje venho encorajar-vos a ocupar-vos de nós, com um fito religioso.»

«SOPHIE SOYMONOF.»

— Não conhecemos esse nome.

«Conheceis-me sob o nome de Swetchine. Quando me interrogardes, pedirei a Deus que vos ensine sempre a verdade. A verdade é o facho da vida, não se deve nunca alterá-la. Quando a vossa confiança não vos faz nenhum reparo, que cumpristes os vossos deveres para com Deus, para com os homens e para convosco mesmos, estais no bem, estais no verdadeiro. A natureza é sempre bela e jovem, não vos canseis nunca de a admirar. Amai a Deus, não se saberia amá-lo demasiado. Fazei a sua vontade e ele receber-vos-á na sua misericórdia.»

— Acreditais que a natureza seja igual a Deus?

«É a sua obra, mas não iguala aquele que a criou. A natureza é matéria; Deus é espírito. A matéria estava no nada, Deus tirou-a de lá; criou-a no momento dado e tomou-a do nada. O espírito emana dele.»

A RELIGIÃO E A AMIZADE

(18 de agosto de 1860)

A frase seguinte tinha sido batida:

A Religião e a Amizade são duas companheiras que ajudam a percorrer o carreiro penoso da vida.

Disseram-vos que a Religião e a Amizade eram duas companheiras que ajudavam a percorrer o carreiro tão difícil da vida. É uma verdade, pois sem religião e sem amizade o coração

está muito nu, muito árido, e o espírito muito vazio. Quando o desgosto e a tristeza vos esmagam, qual é a vossa consolação se não tendes religião, qual é o vosso refúgio? Não vejo nenhum. Contar as suas penas a Deus, que consola sempre, é um benefício; partilhá-las com um amigo é um alívio. Mas é muito raro encontrar um amigo verdadeiro, e frequentemente a falta não vem da ausência de um amigo, mas bem de que vós mesmos nunca o fostes; pois toda a gente quer ter um amigo, e ninguém quer sê-lo. Se a Amizade é tão difícil de encontrar, a Religião encontra-se sempre; esta doce companheira está incessantemente ao nosso lado, inteiramente pronta a ajudar-nos e a consolar-nos. Sede bons, justos, caritativos, e chegareis a nós tendo a Esperança por guia.

SOPHIE SWETCHINE.

GUTEMBERG

(25 de agosto de 1860)

No começo da sessão tinha-se perguntado a Marie se se poderia obter Escrita direta; ela tinha recomendado para isso colocar um papel na gaveta da mesa e retirá-lo de lá no fim da sessão. O que tendo sido feito, encontraram-se no papel linhas hebraicas assinadas Jean Gensfleisch. Questionou-se Marie a esse respeito.

— Qual é o Espírito que assinou assim?

DE L'AUTRE MONDE. 92

«É Gutemberg, impressor.»

— Está ele então reencarnado, visto que assina outro nome que não o que trazia na terra?

«Não; trazia esse nome aqui na terra, procurai.»

(Investigações feitas, encontrou-se: Jean Gensfleisch, dito Gutemberg.)

— Qual é a tradução dessas linhas?

«Procurai Josué, cap. 1, versículo 8.»

«Esta noite houve união nas ideias, fé e simpatia nos corações, por isso vos foi permitido obter uma manifestação notável. Refleti sobre esta prova da nossa potência, não peçais mais do que isso, pois seria uma prova dessa leviandade de espírito que deseja incessantemente e nunca está satisfeito porque a curiosidade sozinha o anima. Estes fenómenos tão extraordinários são uma prova evidente da bondade de Deus, que quer mostrar até ao materialismo que a alma não morre com o corpo. Os Espíritos comunicam com os vivos por toda a sorte de meios, quer para firmar os crentes, quer para atrair os incrédulos. Sede os apóstolos desta verdade, mas sede apóstolos prudentes; não comprometais a fé por palavras ou ações que possam dar armas contra vós. Evitai o ridículo, sede calmos e sábios; é a única maneira de atrair a vós as pessoas sensatas, as únicas que podem fazer caminhar os sábios no seu seguimento no caminho da verdade.»

«JEAN GUTEMBERG.»

O RIDÍCULO

(1.º de setembro de 1860)

Tive durante a minha vida uma visão cuja significação me foi dada após a minha morte. Estava só e triste, não tendo por toda a companhia senão os meus amargos pensamentos; o caminho que seguia era longo e áspero, sempre uma coluna de nuvens erguida diante de mim me ocultava a minha rota. Quando queria correr, um peso de chumbo pesava sobre a minha cabeça e nas minhas pernas e tropeçava penosamente; quando me queria deter e sentar-me, alquebrado de fadigas, os meus rins dilaceravam-se sobre a pedra, os meus olhos turvavam-se e as minhas pernas

entorpeciam-se, era-me preciso levantar-me e caminhar sempre; a solidão em meu redor era aterrorizadora. Subitamente a nuvem dissipou-se. Vi um ser formidável e ouvi distintamente estas palavras: Ó tu que trazes a cruz de Cristo sobre o teu peito, maldito sejas! Olhei-o fixamente, mas todo o meu ser se pôs a tremer; vi-o sorrir, mas desse sorriso saiu uma baba imunda cujo odor era tão infeto que quase morri; teria preferido que se enfurecesse, pois então teria lutado com ele. Sou mais forte do que tu, disse-me ele, pois eu, tiro o pensamento aos povos a rir, curvei-os a rir e mato-os a rir; sou eu que estreito a inocência e que lhe arranco essa flor que germina no seu coração e que se nomeia a Esperança. Mas, respondi-lhe eu, como te chamas? Nasci do ceticismo e da morte, disse-me ele, sou todo-poderoso, e não há senão a morte que vos liberte de mim.

LAMENNAIS.

O HOMEM DEVE SER CONSIDERADO RELATIVAMENTE À CRIAÇÃO UNIVERSAL

(8 de setembro de 1860)

Escreve algumas das verdades eternas:

A unidade é a lei. Todos e tudo num só; um só em todos e tudo. A vida por toda a parte e em tudo. Cada parte do todo criado concorre, na esfera do seu destino, para a obra final que é a manifestação da potência divina, eclodida de um gérmen de amor preexistente a tudo. Cada parte do todo criado recebe e imprime a sua influência sobre as outras partes. O espírito do homem exerce a sua ação sobre o seu corpo; a sua influência exerce-se ainda, sem ele o saber, na ordem descendente até ao último grau da criação. O espírito do homem recebe, na ordem ascendente, influências imediatas de Espíritos que lhe são simpáticos ou superiores, e mediatamente essa influência remonta até à fonte, até à unidade que é Deus. Nada, portanto, nos fenómenos que

impressionam os vossos sentidos é contrário à lei de Deus, é sobrenatural. Do último ser da criação até Deus, a cadeia dos seres existe sem solução de continuidade. Este vasto e belo sistema pode comparar-se, se ouso empregar esta imagem incompleta, às engrenagens multiplicadas de uma máquina complicada. Todas estas engrenagens chamam e recebem influências que as fazem concorrer para o cumprimento da obra do mestre. O atrito das engrenagens entre si produz a resistência; são as paixões que provocam no homem a resistência que ele experimenta em fazer o bem de que tem, contudo, consciência. Se, portanto, quereis concorrer utilmente para a obra do Mestre, é-vos preciso conhecer-vos, a vós e às vossas paixões, e colher a força, pela inspiração, nos graus hierárquicos ascendentes. Tenho muito a dizer-vos sobre esta grande questão dos fins do homem, e tratá-la-ei mais longamente todas as vezes que estiverdes dispostos a ouvir-me. Sabei apenas que o homem deve ser considerado relativamente, como uma engrenagem no concurso das outras engrenagens. É por isso que não está na lei de Deus que o homem esteja isolado do resto das criaturas e, crede-me, o homem nunca está menos só do que quando se julga só. O espírito de Deus vigia sempre, nada é inativo na natureza, tudo tem um objetivo a atingir, um papel a cumprir.

ZÉNON

UTILIDADE DO ESPIRITISMO

(15 de setembro de 1860)

O Espiritismo é uma doutrina pura e direita antes de tudo; por que razão, então, negar a sua eficácia moral nesta terra e dizer sempre: Para que serve ocuparmo-nos destas coisas, são porventura semelhantes quimeras que nos alimentam? O Cristo disse, no entanto: Está escrito: não te alimentarás só de pão, mas também de toda a palavra saída da boca de Deus. O Espiritismo é uma doutrina que deve interessar não só a respeito da vida futura, mas é também uma fonte de consolações para esta vida. Quantos

homens esmagados pela dúvida já, pelo Espiritismo, ergueram a cabeça e olharam para o céu? Ó homem! não procures mais descobrir os mistérios da mortificação revolvendo os túmulos. Ergue a cabeça e, prestando ouvido, escuta essa voz celeste que te grita do espaço: Não sou o Deus dos mortos, mas sou o Deus dos vivos.

Ó Cristo, fonte de toda a inspiração religiosa e caritativa! prossegue sempre a tua missão celeste, abre a porta do teu templo divino sobre o qual está escrito: batei e abrir-se-vos-á; foste tu que deste aos homens estas palavras de consolação: Senhor! que o espírito do mal não nos cegue, não nos feche os ouvidos. Envia-nos a tua graça divina, pois sem ela sucumbiremos.

JEAN L'ÉVANGÉLISTE.

PENSAMENTOS SOBRE A POESIA,

A MÚSICA E A BELEZA

(22 de setembro de 1860)

Quero esta noite entreter-vos sobre um assunto menos sério. Deixai-me falar-vos um pouco de poesia, de canto e de música; quando estava na terra adorava estas divindades, a poesia sobretudo era a que eu preferia. Que admirável maneira de exprimir as suas ideias, que língua harmoniosa para falar de Deus e da natureza! E depois a poesia não é apenas a versificação das ideias, é a idealização de tudo, pois sabe tudo embelezar com um charme particular e revestir com uma veste de gaze o objeto mais prosaico; torna a natureza encantadora e bela. A música, sua irmã, harmoniza as ideias de uma outra maneira, impressiona mais os nossos sentidos, eleva-nos e transporta-nos pelos seus acordes ora doces e suaves, ora graves ou radiantes, e quando esta música é expressa por uma voz jovem e sonora, como vai à alma, como nos fascina! Nada, ah! não, nada está acima do canto. Não há senão

uma coisa que se lhe possa comparar, mas isto é pessoal à mulher: é ser jovem e bela. Fui-o, fui admirada, pois recebera em partilha os dons da natureza. Mas, ai de mim! o céu roubou-mos cedo, morri jovem, fui reencontrar lá no alto, mais viva e mais ardente, essa poesia que tanto amava, esse belo que foi o sonho da minha vida.

MARIA MALIBRAN.

JESUS NO LAGO

Médium M. A. Didier.

(6 de outubro de 1860)

A humanidade na terra sofre, reza, blasfema ou atordoa-se. Reza quando a resignação vem tomar lugar no seu coração; blasfema quando já não crê; atordoa-se quando crê ainda. Todavia, o Cristo está sempre com ela.

Um dia o Cristo atravessava um lago com alguns dos seus apóstolos; adormeceu na barca; mas eis que uma terrível tempestade se elevou, tão grande que esses homens habituados aos perigos do mar foram tomados de pavor e quiseram acordar o Cristo. Não sabiam que, enquanto o corpo de Jesus dormitava, o seu Espírito vigiava no meio deles; é por isso que o acordaram dizendo: Mestre! uma palavra vossa, e os ventos e as vagas aplacar-se-ão.

Jesus Cristo respondeu-lhes: Homens de pouca fé, por que duvidastes?

É uma palavra que o homem não compreendeu ainda no seu verdadeiro sentido. O Cristo dormia, é verdade, mas o seu Espírito planava acima dos seus apóstolos; estes, como os que não conhecem senão a matéria, não compreendiam e não sentiam no seu coração essa proteção, essa luz divina que vigia sempre sobre a humanidade. O espiritualismo parecia aniquilado nestes últimos tempos, mas desperta no meio da tempestade e Cristo diz a todos: Homens, não duvideis mais, pois estou convosco.

LAMENNAIS.

SAVANAROLLE

Roga-se a um bom Espírito que se comunique.

«Amai-vos uns aos outros e perdoai aos vossos inimigos. É a melhor moral que vos posso ensinar, eu que tanto sofri da crueldade dos homens.»

— Quem éreis?

«Um monge dominicano.»

— Como morrestes?

«De morte violenta, queimado.»

«J. SAVANAROLLE.»

— Em que época?

«Maio de 1498.»

— De que país éreis?

«Era italiano.»

— Com que idade morrestes?

«Antes dos cinquenta anos.»

Sendo um dicionário consultado, tudo se encontrou exato.

A SUPERSTIÇÃO E A INDIFERENÇA

A superstição valerá mais do que a indiferença? Desses dois males qual é o pior?

A superstição é certamente uma doença da alma, uma gangrena do coração; mas o médico espiritual pode trazer-lhe remédio e curar a sociedade dessa chaga horrorosa. Então, a cura obtida, tereis uma doce crença, uma fé religiosa; há, portanto, esperança.

Mas a indiferença é a morte da alma, o aniquilamento da sociedade, é o ceticismo. Que pode a medicina religiosa e moral

perante um cadáver? O coração parou, nada bate sob a artéria do corpo social, pois o homem morreu ao perder as suas crenças. Duvida de tudo, duvida de si mesmo... felizes ainda os que duvidam!

A superstição é a religião tomada pelo lado falso, é verdade, mas enfim há vida. — Eh! meu Deus! que povo não baixou a cabeça sob o peso das superstições? Qual é mesmo o espírito humano que não tenha as suas? Vede esse homem que não crê em nada, que nega tudo, e que contudo não é senhor de si; se perde um amuleto que traz habitualmente sobre o seu coração, estremece, teme, e só reencontra a sua tranquilidade de espírito no momento em que esse talismã, ao qual liga alguma importância, lhe é restituído. Por que teme o homem e curva por vezes a cabeça sob poderosas reflexões, se nada existe? Portanto, sem que ouse confessá-lo a si próprio, o cético crê em alguma coisa; mas guarda a morte por temor da vida. Mais vale a superstição do que a indiferença; mais vale a chaga gangrenada do que a morte!

NECKER.

UMA ASSEMBLEIA DE ESPÍRITOS
E UMA REUNIÃO DE VIVOS

(24 de dezembro de 1860)

Meus bons amigos, vou dizer-vos quais são as nossas impressões quando estamos no meio de vós, em companhia de um círculo que se interessa por nós, com bons humanos que não esquecem de todo aqueles que já não são, porque não acreditam que tudo morra com o corpo.

Estamos aqui em assembleia como vós aí estais, somente ocupamos menos lugar, não mais do que os vossos pensamentos

ocupam. Em realidade, meus amigos, o homem é o pensamento, a inteligência. Essas ideias tão grandes que revolucionam o mundo não ocupam espaço, e no entanto, são tudo. Pois bem! nós também agora já não somos nada materialmente, e todavia, somos tudo, visto que somos nós mesmos, a nossa individualidade. Aqui, somos felizes por vos ouvir, tomamos parte nas vossas conversas, partilhamos as vossas ideias, respondemos-lhes, uns comunicando por factos materiais, outros conversando pela escrita, como eu faço. Estamos realmente diante de vós, ao vosso lado, acotovelamos-vos, vós nos vemos e gostaríamos de poder mostrar-nos aos vossos olhos; mas ordinariamente só o podemos fazer aos olhos da vossa alma.

Não nos sentis perto de vós; não recebeis uma influência que age sobre vós? Recolhei-vos e sede atentos... Pois bem! somos nós; são os vossos parentes, os vossos amigos. Se não soubésseis que as vossas preces chegam a nós, viríeis rezar seja nos templos, seja sobre os nossos túmulos? Sabeis que as vossas preces são ouvidas; elas são-nos agradáveis, sobem para Deus, e não podemos senão agradecer-vos a vossa boa memória. Reuni-vos frequentemente, meus amigos, experimentai por vezes para aumentar o número dos felizes que olham para o céu, mas reuni-vos também para conversar connosco, para nos dizer que nos amais; seremos tão felizes como se estivéssemos ainda no estado corpóreo no meio dos nossos irmãos bem-amados.

MARIE.

A ESTRELA

Médium C. F.

Ergue a cabeça, ó homem! e observa o céu.

Qual é esta estrela radiante que cintila no azul? Em vão sombrias nuvens disputam o reino do ar, em vão o aquilão fustiga e amontoa as nuvens: o astro centelhante resplandece nos céus!

Ergue a cabeça, ó homem! e observa o céu.

A estrela não reina pacificamente no éter; ela caminha. Onde vai ela? — Vai dizer ao marinheiro que, se o oceano é infinito como o céu, há um porto para onde a sua rota deve tender, do mesmo modo que há um porto nos céus para a alma que atravessa os espaços, levada na asa do anjo da morte.

Onde vai ela ainda? — Vai deslizar o seu raio de esperança entre as grades da prisão; vai pousá-lo sobre a fronte cândida da criança adormecida; vai dar ao pobre a consolação que Deus envia ao coração que sofre; vai pedir ao rico a sua esmola vertendo a serenidade na sua alma; vai mostrar ao ignorante o nome do Criador escrito em letras brilhantes no quadro da noite; vai provar ao sábio a vaidade da ciência humana comparada à ciência divina.

Ergue a cabeça, ó homem! e observa o céu.

Esta estrela conduz a Deus. À sua claridade os Espíritos ditaram o seu símbolo: chama-se-lhe a Estrela do Espiritismo.

GALILÉE.

OS HABITANTES DE L'AUTRE MONDE II

ESTUDOS DO ALÉM-TÚMULO

PUBLICADOS POR

CAMILLE FLAMMARION

DEDICATÓRIA

AO LEITOR

Amigo leitor, o sucesso obriga. O acolhimento favorável que acabas de dar à Primeira Série desta obra empenha-me a oferecer-te a segunda; não quero ficar atrás de ti no que toca às nossas boas relações. Fui simples e franco nas palavras que te dirigia no preâmbulo do nosso primeiro volume, e esta simplicidade e esta franquia foram para ti a garantia segura da boa-fé que as ditou; por isso os teus amigos mais recalcitrantes vieram cedo juntar-se

a ti e engrossar o número daqueles que estudam imparcialmente estes primeiros capítulos da nova filosofia. Hoje sou o mesmo de há seis meses, e falo-te ainda como falo a mim mesmo.

Embora o príncipe dos críticos tenha censurado com algum fundamento os escritores por falarem, em geral, muito demasiadamente das observações feitas pelos seus leitores sobre as suas obras, cremos, contudo, dever responder a duas observações que nos foram dirigidas a propósito do prefácio do nosso primeiro volume.

Ao ver-nos empregar indiferentemente, na aparência, as palavras Espiritualistas e Espíritas, perguntou-se a que Escola pertencíamos. Toda a gente sabe que há em Paris dois centros principais de estudos psicológicos demonstrativos sobre la imortalidade da alma, sem contar as numerosas reuniões onde se ocupam igualmente desta questão. Não somos de nenhuma escola exclusivamente, e somos de todas. Pensámos que não era conveniente enfaixar esta ciência nova no seu berço, e maniatá-la sob um pretexto ou sob outro para a impedir de crescer, e que era insensato e pueril querer impertinentemente e de antemão que ela seja no futuro isto ou aquilo; pensamos ainda que, em vez de se encerrar voluntariamente num espírito de sistema, é preciso, pelo contrário, observar largamente, experimentar em todas as condições, tudo ver, tudo ouvir se for possível, usar, enfim, de todos os meios de que podemos dispor para chegar ao conhecimento do verdadeiro.

Parece também que se procurou em vão a nossa profissão de fé pessoal na primeira série desta publicação, e fomos convidados a não deixar essa negligência na continuação. Embora esta acusação não seja inteiramente fundada, pois ter-se-ia podido, sem grande trabalho, encontrar numa página ou noutra provas não equívocas da nossa crença, exprimiremos, contudo, aqui em poucas palavras o que explicámos longamente noutro lugar.

Cremos sinceramente na imortalidade da alma; mas procuramos tornar esta verdade manifesta, visível, tangível, e poder dar dela uma certeza inabalável, estabelecendo-a sobre provas tiradas da experiência. Para que serve? Dir-nos-ão aqueles que, professando uma fé absoluta, nunca tiveram sequer o pensamento de se questionarem sobre o fundo dessa fé. Eis, leitor.

Se a tua crença na imortalidade está assente sobre a rocha inabalável, prevenida contra todo o abalo do ceticismo, ao abrigo dos ventos tumultuosos; se a dúvida nunca lançou a sua sombra sobre a luz da tua fé, se a tua alma, sempre cheia da certeza dos seus destinos, dirige as tuas ações conformemente aos seus princípios, e se, enfim, apesar do véu que te oculta os mistérios da vida futura, não desejas de modo nenhum erguer, se for possível, desde hoje, um canto desse véu e entrever os acontecimentos que te esperam no futuro, quer seja pela tua própria natureza, quer pelo absolutismo da tua humilde crença na revelação divina e na sua interpretação; és feliz, leitor, não tens nenhuma necessidade de abrir um livro de filosofia, este entre outros não se dirige a ti... fecha-o a partir desta página, recolhe-te em ti mesmo e adormece deliciosamente sobre as tuas asas.

Infelizmente, o estudo que fizemos das crenças íntimas do homem em todas as classes da sociedade deu-nos um pouco de experiência sobre esta grave questão; é o que faz com que não esperemos que um grande número dos nossos leitores possa aplicar a si próprio interiormente, e sem restrição alguma, as palavras precedentes. Vejamos, tu que lês presentemente estas linhas, ou és espiritualista, ou és materialista; se és espiritualista:

A tua fé na existência metafísica da alma, enquanto essência espiritual e independente do organismo humano, tem para se salvaguardar contra os ataques da dúvida um escudo invulnerável? Como raciocinas sobre a entidade desse espírito, sobre a relação íntima que parece uni-lo inviolavelmente ao teu corpo, sem desferir por isso o menor golpe na sua individualidade pessoal? Estão as tuas ideias bem solidamente fixadas sobre este

importante assunto, demonstras a ti mesmo a espiritualidade absoluta da tua alma e a sua sobrevivência ao teu corpo? Antes de falar, pesa bem a questão: ela é séria... Agora podes responder.

— Para me explicar sem ambiguidade, a minha crença não está de modo nenhum assente sobre o que se chama a certeza; mas as aspirações da minha alma dão-lhe a esperança de que o seu destino não jaz por inteiro num futuro de alguns anos, e a esperança é a minha fé.

Bem. Tu agora, que não lês este livro senão para rir dele ou por pura curiosidade, responde por tua vez. Estás bem seguro de que o teu pensamento não passa do atributo da tua organização, que as faculdades da tua inteligência encontram o seu princípio nas funções cerebrais dos lobos que operam sob o teu crânio, numa palavra, que o teu espírito nasceu com o teu corpo, cresce com ele, e o acompanhará sem retorno na sua queda ao abismo do túmulo? Reflete; crês bem profundamente no que avanças? Vejamos... sê sincero, estamos sós.

— Para falar francamente, não sei nada; mas quando à minha volta tudo demonstra que a faculdade de pensar não passa da atribuição do cérebro, não vejo para que serve procurar cobrir de mistérios este resultado tão claro da experiência.

Bem. Leitor, quem quer que sejas, a tua profissão de fé está expressa numa ou noutra destas respostas. Ou nos enganamos muito, ou pensamos que há na vida de cada um momentos cruéis em que a alma desperta da sua crença límpida ou do seu ceticismo comum para se perguntar, como alguém que se desconhece a si mesmo, o que ela é, de onde vem e para onde vai. Fosses tu São Francisco de Sales... farias como ele; quando, após longas insónias passadas no estudo da Eternidade, a dúvida voltava a dizer-lhe: E, contudo, se isto não fosse? o santo apertava convulsivamente o seu querido crucifixo contra o peito, exclamando: Meu Deus, meu Deus! A Vossa santa graça ter-me-á abandonado? Fosses tu Santo Agostinho, o grande doutor, fosses

tu, sozinho, todas as cabeças do Concílio de Trento, dirias com eles: Revelação divina! Vós sois a nossa fé, a nossa única salvaguarda! o que equivale a dizer: A nossa razão extravia-se na procura do infinito, creiamos, creiamos! Por outro lado, fosses tu Voltaire, o rei dos incrédulos, fosses tu, sozinho, para descer do maior ao mais pequeno, todas as cabeças dos revolucionários que inauguraram o culto da deusa Razão, como ele, como eles, não saberias nada.

Nisso não mereces a censura, querido leitor, é-te permitido duvidar algumas vezes das coisas que não estão contidas sob a compreensão habitual do nosso espírito, e não só isso te é permitido, mas também não podes não duvidar; esta faculdade, boa ou perniciosa, é inerente à constituição humana, e para fazer desaparecer em nós o espírito de dúvida e de investigações, é preciso que a educação da juventude ou o raciocínio do homem maduro ponham no seu lugar uma crença que nos preencha e cumule as nossas aspirações. Não nos cansemos, pois, de trabalhar para aqueles que não receberam esse benefício no seu coração.

Enquanto não se pôde escorar uma crença qualquer sobre factos, sejam físicos, sejam morais, sejam psicológicos, ainda que tivessem apenas uma existência subjetiva no nosso espírito, nunca se tem senão uma crença coxa, suscetível de ser derrubada ao choque do primeiro raciocínio. Mas quando se pode dar ao edifício de uma doutrina a experiência por pedra angular, procedendo por isso mesmo com sabedoria e prudência, não se expõe ninguém a construir sobre a areia.

Não é, pois, querido leitor, para te censurar pela tua dúvida que a constatámos; não, não mais do que te condenámos ainda há pouco pela tua indiferença em matéria de espiritualismo; é somente, ainda, para a estabelecer aos teus próprios olhos, a fim que saibas bem que o nosso estudo tem a sua razão de ser.

Mas é para impedir essa dúvida terrível de estender mais longe as suas devastações no teu coração que te apresento factos que estabelecem ostensivamente a existência e a imortalidade da alma; é para te dar uma crença humana, uma crença raciocinada e sólida pela sua base, que venho ainda hoje dizer-te: Meu amigo, o teu destino não está confinado a este mundo, os teus parentes, os teus amigos falecidos vêm eles mesmos trazer-te as provas disso: não sejas surdo à sua voz.

E de resto, para esses mesmos cuja crença não reclama demonstração nem provas, a vida futura, na qual entrarão daqui a menos de um século, não os toca bastante para que estejam ansiosos por saber que existências se desenvolvem além do túmulo, para que estejam desejosos de receber algumas noções sobre o mundo invisível que creem sem o conhecer e sem o compreender?

Mais uma vez, não se trata aqui de filosofia transcendente, de especulações de teologia natural; são experiências de ciência psicológica, factos que estabelecem a existência do mundo espiritual e a faculdade que o homem possui, em certas condições, de entrar em comunicação com ele. Como já exprimimos, são materiais dispersos que se reuniram para a edificação do futuro.

Estes últimos anos puseram a questão da alma novamente na ordem do dia, e novos debates se travaram de todas as partes a seu respeito. É preciso confessar que ela é infelizmente tão nova como nos tempos antigos; mas é preciso reconhecer que entrou no verdadeiro domínio do estudo experimental. Por um lado, os trabalhos cranioscópicos e as discussões fisiológicas parecem materializar mais do que nunca este princípio do nosso pensamento, ao ponto de o submeter ao escalpelo do experimentador; compreendes, querido leitor, sem que tenhamos necessidade de nomear nada, que se trata aqui das recentes experiências científicas, as quais são do mais alto alcance. Por outro lado, os espiritualistas penetraram-se cada vez mais da importância da questão e puseram tudo em obra para reunir todos

os dados de solução que estavam nas suas mãos. Ora, pensamos que, neste estado de coisas, os mais pequenos factos bem constatados têm a sua importância, importância superior até às mais altas discussões especulativas da metafísica, e que é do nosso dever registá-los imparcialmente e convidar os nossos vizinhos a agir assim. Se de todos os lados cada um estudar, será bem necessário que a verdade se faça luz. Aplicámo-nos aqui ainda, principalmente, a estabelecer a identidade dos Espíritos todas as vezes que o pudemos, pois esse é o lado fraco da nossa jovem ciência, é preciso convir nisso sem procurar paliá-lo sob razões mais ou menos especiosas. Dedicámo-nos também ao género de comunicação que exclui toda a participação, sensível ou oculta, da vontade humana, aos ditados por Golpes batidos, diante dos quais se viram cair sucessivamente todas as hipóteses mais ou menos doutas pelas quais certos eruditos tinham tentado explicá-los.

Mas fica-nos mal, amigo leitor, empregar num longo preâmbulo o tempo que tiveste a bondade de consagrar a este estudo. Eis o livro aberto; inteira-te das coisas que nele são expostas e, se por acaso se encontrarem factos que te pareçam impossíveis, inverosímeis, vem constatá-los por ti mesmo: o nosso salão está-te aberto.

Ditados por Pancadas.

I

«Há alguns meses apenas fazia parte da sociedade dos vivos, estava rodeado pela família que me ama e que adoro sempre, hoje o sopro da morte passou sobre a minha fronte e separou-nos. Separados! não, Senhor! estamos sempre juntos, estamos ainda unidos pelos laços da mesma simpatia, conversamos juntos como precedentemente. Como sou feliz por poder assim comunicar convosco! O mesmo sucede com todas essas crianças da vida que deixaram a sua mãe para tomar o seu voo para o céu.»

«DOUTEY» Dia aniversário da sua morte.

II

«Meus amigos, sem união não obtereis nenhuma manifestação notável. (Havia nesse dia incrédulos com sistemas). Quando nos chamais, é preciso deixar à porta toda a opinião preconcebida, toda a ciência mesmo, visto que os nossos menores fenómenos a invertem.»

«SOPHIE SWETCHINE.»

O senhor Príncipe Gagarine, sobrinho de Madame Swetchine, dirige-lhe uma pergunta mental; o Espírito responde:

«Crês que é a vontade sozinha que age sobre os teus semelhantes? Não, não é ela somente, é a tua fé fervente, essa fé que remove as montanhas e arranca à morte a presa que ela escolhera. Combati-te em minha vida em virtude das minhas crenças religiosas, aprovo-te agora.»

O senhor príncipe G.., perguntara se é pela sua única força magnética que opera curas. Faz uma nova pergunta mental.

«Sim. Hesitas, mas com prudência conseguirás persuadi-la; dir-lhe-ás que a sua irmã querida pensa sempre nela e reza por ela.»

A pergunta fora esta: Posso falar de espiritismo à minha mãe?

«SOPHIE SWETCHINE.»

III

«Estou contente por rever aqui um colega, muito melhor poeta do que bom crente. Aperto-lhe cordialmente a mão, e espero que, apesar da distância que nos separa e que ele não deseja transpor, será meu amigo hoje como ontem.»

«ALBERT MONTÉMONT.»

IV

«Meu caro colega, estaria contente se a minha bem-amada pupila Corinne, a qual faz agora um giro pela Alemanha, soubesse que o seu velho Montémont não está demasiado infeliz neste mundo aqui. Já não tem belas e terrestres damas em seu redor, é verdade, mas pode ver algumas quando quer e onde quer. Que dizeis disso, meu caro M.....?»

V

«*Dear little sister, I am here, and I see that you are as good as ever. You are a medium I will go to you with great happiness. Tell my mother her dear daughter loves her from this world.*»

«LOUISA.»

VI

«Meus amigos, a vossa companheira sempre amante está lá perto de vós, cobrindo-vos religiosamente com as suas asas diáfanas e protegendo-vos com a sua coroa obtida por preço dos seus sofrimentos.»

«L..... M.....»

VII

«A vós que não credes ainda, seria feliz se pudesse colocar a convicção nos vossos corações; mas tendes preconceitos tão fortemente enraizados na alma, que será muito difícil removê-los. Não é senão por um estudo sério, seguido de investigações imparciais nas nossas manifestações, que chegareis à crença.»

«MARIE.»

VIII

Visto que nos permitis falar intimamente às pessoas que amámos na terra, venho lembrar-me à memória de uma amiga que deixei há quinze anos e quatro meses e de uma criança que amava ternamente. Os ingratos evocam os Espíritos de todos os seus conhecidos e nunca pensam no seu pobre amigo e padrinho, que contudo precisa de preces.

«J.,..»

IX

«As minhas filhas bem-amadas pensam sempre no seu bom pai, suprem pelas suas preces o esquecimento do seu irmão, do meu filho, ai! que já não me dá um único pensamento de amor. Agradeço-lhes e abençoo-as»

«D....»

O reparo expresso nesta frase e na precedente era infelizmente fundado. Nesta circunstância perguntamos aos incrédulos de todos os partidos o que pensam destas manifestações.

X

«Minha querida mãezinha, deixo de bom grado as nossas esferas brilhantes e esplêndidas para vir dizer-te uma palavrinha de amor. A terra é muito sombria, vista do nosso séjour, mas atrai-nos, como o íman, quando nela possuímos ainda um coração que pensa em nós.»

«ISÈRE.»

XI

«Desejais todos ardentemente o favor de conversar com aqueles que perdestes; é um piedoso voto: a lembrança do coração é a melhor prece que se nos pode dirigir. Aqui chorais todos, uns um pai, uma mãe, uma esposa, filhos adorados, outros amigos, e vindes buscar a consoladora panaceia que deve trazer a calma à

vossa alma. Um pai está ali que deseja ir para o seu filho bem-amado.»

Aqui a mesa pôs-se em movimento e dirigiu-se para um recém-chegado. Este perguntou-lhe o seu nome e algumas palavras a si dirigidas.

«Sou teu pai, B.. M.. meu filho, desejas conhecer a vida futura, a tua intenção é louvável. O homem está colocado na terra para cumprir uma missão; se falha, é culpado, é punido. Iniciar-vos na felicidade celeste daqueles que foram bons entre vós é a única consolação que vos podemos deixar aqui na terra.»

XII

«Nunca pensais em mim, mal me conheceis, de tal modo estais ocupados a evocar Espíritos que fazem erguer as vossas mesas e produzem fenómenos físicos. Deixai trazer uma lembrança da sua filha àquele que faz tudo por nós.»

«CLARY DIDIER.»

XIII

«Uma palavra de amor à minha querida mãezinha. O seu anjo de asas brancas, a sua Bébeth querida que reza a Deus (1) por ela.»

(Criança de cinco meses. As explicações que pedimos aos Espíritos a este respeito confirmaram-nos, concorrentemente com outras, na nossa opinião de que o Espírito não tem idade.)

XIV

«Meu amigo, fui arrebatada tão precipitadamente desta terra que a morte foi mal sensível para mim. Estou muito feliz por vir até ti após vários anos de separação; espero que esta vinda será uma felicidade para ti mesmo.»

«VIRGINIE.»

XV

«Pobre mãe, venho a ti para refrescar um pouco o teu coração tão ardente de dor; colhes algumas consolações na minha vinda até ti; o mesmo sucede com todas as mães aflitas e que creem em Deus.»

«MARIE DE SUDRE.»

XVI

«Há aqui uma pobre irmã muito aflita, pois a sua perda é recente. Consola-te, irmã bem-amada, estamos sempre juntos, e reunir-nos-emos mais intimamente ainda um dia.»

«MARIE-LISE.»

XVII

«Preciso muito de vos vir distrair um pouco das vossas emoções: há aqui belos olhos que não se devem fazer corar vertendo lágrimas: melhor é alegrar o coração do que entristecê-lo. Estas damas esta noite estão encantadoras, e como os semelhantes se atraem, tendes convosco uma brilhante sociedade de Espíritos. Que elegante mesa formaríamos, sem vaidade, se cada um de nós pudesse revestir um invólucro corpóreo e se, sobretudo, um dos meus antigos jantares vos fosse oferecido!»

«BALTHASAR.»

(Ver a história deste Espírito no fim do volume.)

XVIII

«Nasci no ano novecentos, no país dos Totonaques, cidade de Zintzoutzan; mas não morri sem ter viajado bem. Vivi grande número de anos na cidade de Ténochtitlan construída pelos Astecas, cidade pouco populosa então e que se nomeia hoje México. Eis que me chamam de volta. Será preciso contudo que eu volte a falar-vos sobre as viagens que fiz entre os Chichimecas, os Tzens, os Zaques e outros, boa noite.»

«OAXACA.»

XIX

«Falais de órgãos, velhos amigos, eu vos responderei razão. Deus é bom; ele ama aqueles que praticam o bem, não ama os maus, dá-os ao seu grande diabo, que eu não pude ver ainda, para os fazer assar na sua grande panela de remorsos; esses bons rapazes adorando a benta adega da adega, ele leva-os para o seu santo paraíso.»

«RABELAIZ.»

XX

«Meus caros amigos, devíeis não ser ingratos para com os bons Espíritos que fizeram a vossa educação espiritualista e vos iniciaram na nova doutrina; negligenciais o seu ensino para não vos ocupardes senão de experiências muito fúteis frequentemente, úteis por vezes quando se não abusa delas, mas sempre ligeiras.»

«MARIE.»

XXI

«Rezar pelos amigos é uma doce elevação da alma; rezar pelos desconhecidos é um dever humano; rezar por aqueles que nos fizeram mal é uma virtude digna de um Deus. Rezai por mim.»

Segundo o nosso hábito, pedimos-lhe para assinar. – Ele recusa.

— De que nação sois?

«Francês.»

— Em que época morrestes?

«Neste século.»

— Em que ano?

«1851.»

— Onde?

«Em Paris.»

— Que idade tínheis então?

«A cinquentena.»

— O que éreis?

«Magistrado.»

— Em que cidade?

«Em Lyon.»

Depois, recusa de responder a qualquer outra pergunta.

XXII

«Venho aqui atraído pela simpatia geral, e mais ainda pela presença da minha amável hospedeira da semana passada (a senhora marquesa de Lousada), e também pela de um charmoso poeta (o senhor P. F. Mathieu) e de um gracioso fabulista (o senhor conde de Montesquiou).»

«HENRI MURGER.»

XXIII

«Meu caro amigo, todos os teus pensamentos se voltam para distantes famílias que sofrem. Os teus interesses materiais estão comprometidos, e todavia afirmo que é menos essa ideia que te tormenta do que a de ver o teu país livre um dia da chaga social que o rói. Deus exaudirá os votos dos homens benfazejos que se devotam ao bem dos seus infelizes irmãos. A posição dos povos melhora lentamente, é um longo parto que se anuncia por fortes crises; não se pode contar por anos, mas sim por séculos. Contudo, amigo, tranquiliza-te: esta crise presente trará um bem sensível.»

«JOSEPH a o senhor Pecquer du BEKLEY.»

XXIV

«Meu irmão na Lei, recorda a tua memória; – Saul veio encontrar a Pitonisa a Endor e pediu-lhe para evocar o Espírito de Samuel.

«E o Espírito de Samuel apareceu, anunciando ao rei os destinos de Israel e os seus.

«Vê a nossa Bíblia, Reis. Liv. I. cap. XXVIII.»

«ISAAC JOSÉPHE.»

XXV

«Meus amigos, breve é a vida; não vos deveis entristecer nem estar matagrabolizados; jamais creiais no Assador do outro mundo: são esses sujeitos da Igreja que inventaram esta tolice. Permanecei cada um na vossa casinha, rezai a Deus, partilhai o vosso jantar com um irmão: isto é pregar mais eloquentemente pelas obras do que pela linguagem. Regozijai-vos, bebei bem, bebei sempre, jamais morrereis; bebei com os irmãos e quando for preciso vir aqui não deveis ter medo..... Deus tem graças para todos.»

«ALCOFRIBAZ NAZIER.»

Um assistente pergunta-lhe em que ano ele morreu.

«Rabelaiz está aqui desde o ano de 1553.»

XXVI

Uma pessoa do nosso círculo trouxera uma obra recentemente saída, cuidadosamente envolvida numa folha dupla. Tendo-a colocado sobre a mesa, pede ao Espírito Marie o título e o assunto da obra.

«Este volume é a história da vida e dos prodígios de um Espírito que se manifestou a vós há dois anos, e cuja comunicação imprimistes.»

(Ver a primeira série da presente obra, p. 76).

— E qual é o nome desse Espírito?

«Embora o tenha suficientemente indicado, acrescentarei contudo que se nomeava Myrdhinn ou Merlin o Encantador.»

XXVII

Um recém-chegado, que fora impressionado pela experiência precedente, quis certificar-se por si mesmo da sua possibilidade, renovando-a de sua iniciativa por um pedido análogo. Pediu ao Espírito para lhe fazer uma citação bíblica. — Pode-se notar que a citação é perfeitamente apropriada à circunstância.

«Meus irmãos, não faleis mal uns dos outros. Aquele que fala contra o seu irmão e que o julga, fala contra a Lei e julga la Lei. Não há senão um legislador e um juiz. Mas vós, quem sois vós para julgar o vosso próximo?»

«JACQUES (Cap. IV, vers. 11, 12.)»

«Como são profundas e altas,

Estas palavras de sentido divino!

Não julgueis o vosso próximo;

Pois se o vosso vizinho comete hoje faltas

Será a vossa vez amanhã.»

Pergunta-se que espírito improvisou estes versos.

«A minha tia M ....., aqui presente, lembrar-se-á, espero, do seu Ferdinand.»

XXVIII

«Espiritualistas, sois de dia para dia testemunhas de fenómenos mais admiráveis: tudo pomos em obra para vos constranger a aceitar a verdadeira crença.»

«RODRIGUE.»

Uma pessoa pergunta ao Espírito se ele poderia bater as palavras gravadas no interior do seu anel.

«Amo que me amem como amo quando amo.»

XXIX

A m i s n o u s v o u s a i m o n s b i e n t o u s

S o y e z u n i s e n D i e u s u r v o u s m a r i e

Que significa este agrupamento bizarro?

«Lede de duas em duas letras.»

Esta inversão dá:

«Amigos, nós vos amamos bem a todos

Pois vós sois bons e fiéis.

Sede unidos em Deus: Sobre vós

O Espírito-Santo estenderá as suas asas.»

«MARIE.»

XXX

Desde há algum tempo, em vez de receber simplesmente as comunicações dos Espíritos à medida que se apresentam, tentámos provocá-las, isto é, chamar os Espíritos com os quais desejamos entrar em relação, e pedir-lhes as provas de identidade que nos parecem mais intimamente pessoais ao Espírito. Um dia um de nós evocou a sua mãe.

«Meu filho bem-amado, venho com felicidade ao teu apelo: ouvi-o e aproximei-me de ti. Mas não estou só, o teu irmão, que se me reuniu no outro mundo, está ao meu lado; ele é sem dúvida o mais feliz, ele que não teve de atravessar todas as provações que Deus faz sofrer aos homens. Assim, nós, que estamos no seio da felicidade, não gozamos dela egoistamente sem pensar naqueles que deixámos aqui na terra. Rezamos para que a força lhes seja dada a eles e aos seus filhos, que são também os nossos. Que a fé, facho divino, guie os seus corações para o céu; que a esperança os sustente e que a caridade os acompanhe.»

«A tua mãe, B .....»

XXXI

Um outro dia, uma pessoa chama um amigo. Pede-lhe primeiro o seu nome.

«Aristide Frézard.»

Depois uma palavra sobre a morte.

«Meu amigo, a passagem de um mundo para o outro é penosa; mas o despertar é soberbo.»

XXXII

Há algumas semanas, vindo à nossa reunião, o senhor M..... pensava numa pessoa morta desde há três dias apenas, e estava interiormente animado do desejo de receber dela uma comunicação. Sem que tenha partilhado o seu pensamento aos assistentes, os quais, de resto, não conheciam a pessoa de que se trata, a primeira frase batida foi esta:

«Estou muito feliz, amigo, por estar assim presente à vossa memória. Estou ainda no turbilhão; vejo contudo a dor daqueles que deixei na terra.»

«URSULE MENIER.»

XXXIII

Outras evocações mentais.

«Cyrille Parmentier» Obrigado, minha querida e boa Marie, estou feliz por ter a permissão de vir a ti, que me restas a única na terra; obrigado ainda, pois és a única pessoa que reza por mim.»

XXXIV

«Madeleine» Agradeço-vos, meu amigo, estou feliz por vos ver aceitar as ideias espíritas. Relembrai no vosso coração a memória da vossa pobre esposa que substituístes no vosso lar. Conversai por vezes comigo: será um bem para ambos.»

XXXV

«Denis.» Obrigado, amiga, pelas tuas boas preces: Deus leva-mas em conta.»

XXXVI

«Eugénie.» Minha boa filha, pensa por vezes no preço do tempo, utiliza-o melhor, pois Deus é avaro dele.»

XXXVII

«Charles, seis anos e sete meses.» Dai, peço-vos, à minha boa mãe algumas palavras de consolação, a fim de que ela suporte a dor de me ter perdido; dizei-lhe que o seu filho é feliz.»

XXXVIII

«Henri Trufaut.» Meu amigo, lembra-te de que a vida não é uma recompensa, nós recebemo-la em vista de fazer dela homenagem àquele que tudo nos dá com profusão; por isso devemos suportar com resignação as penas deste mundo e com humildade as alegrias terrestres.»

XXXIX

Este modo de evocação conduziu-nos a começar doravante as nossas sessões pelos nomes dos Espíritos presentes, que eles nos ditam primeiro. Em seguida a cada nome pergunta-se ao Espírito o da pessoa pela qual ele vem e depois se tem alguma comunicação importante a fazer-lhe. Quando os Espíritos são demasiado numerosos para poderem todos dar uma frase no decurso da noite, frequentemente um deles toma espontaneamente

a palavra em nome de todos. Recebem-se então comunicações semelhantes à seguinte, que tomamos entre o número.

«Onze Espíritos estão presentes: Charles, Marie, Ferdinand, Stéphanie, Pauline, Thérèse, Cunhado, Eugénie, Élisabeth, Joseph, Victoire.»

«Charles vem repetir ao seu sobrinho Camille o que já lhe disse, a saber que já não é do número dos vivos, Marie vem consolar a sua querida mãe, sempre aflita com a sua morte prematura, Ferdinand felicita a sua bela tia pelas notícias que ela recebeu em confirmação do que ele lhe anunciara, Pauline traz a consolação do coração à sua querida Maria, assegurando-lhe que a resignação conta diante de Deus, Thérèse diz à sua filha que se manifestará a ela só, Cunhado agradece à sua criança mimada a sua afeição sincera, Eugénie e Bébeth não esquecem os seus bons pais, um avô vem pelo seu Henri, Victoire vem lembrar-se à memória do seu esposo e eu venho dar um pensamento de amor à minha boa mãe.»

«STÉPHANIE.»

XL

«Quer a sociedade permitir-me tomar lugar aqui? Fiz no tempo acrósticos de um certo género, e estaria encantado por estar em condições de voltar às minhas ocupações preferidas. Os meus versos são maus, mas a intenção é boa.»

— Quem sois?

«Era a alegria do Hotel de Rambouillet... Por que não seria eu a vossa? Estou cheio de boa vontade e não sou mau.»

— Como vos chamais?

«Neuf-Germain. – Permitis-me versificar?»

— Deixar-vos-emos a palavra pedindo-vos, todavia, que não a tomeis senão quando Espíritos não tiverem comunicações íntimas a dar aos seus amigos.

XLI

EPITÁFIO ANTECIPADO

Foi um homem amável e que cada um amou,

Charmoso, e atraindo a doce simpatia,

Crítico de versos mordazes e cheios de fogo..

Apesar de todo este patetismo, reconhecei MATUIEU.

XLII

MADRIGAL

Quando vos vemos, minha bela, é preciso bem amar-vos,

E cada dia o céu se deve agradecer

Por nos ter dado a elegante MERCIER.

XLIII

OUTRO

A bondade da tua alma em todo o tempo me encantou,

A mediunidade que tão bem te sorriu

É um presente. Aquele que com ela te gratificou

Quer que ela seja para ti como um bom número.

Possa ela sobre o teu meio-dia

Espalhar a felicidade, a alegria e a luz.

Meus amigos, amai todos MARIA RODIÈRE.

XLIIII

OUTRO

A qual dos dois coube o melhor número?

Um esposo perfeito sobre a sua cabeça colocou

A coroa onde, diz-se, o ouro às pérolas se alia;

Da esposa, por sua vez, ele tornou-se o modelo;

E para recompensar o espírita decano (1)

O céu nomeou a senhora LEDOYEN.

Neuf-Germain compôs diversos outros acrósticos invertidos deste género, análogos a estes. Não nos esqueceu; mas, não sabemos por que razão, incensou-nos um pouco alto demais na peça que nos dirigiu, e os termos elogiosos de que se serviu não devem de modo algum encontrar lugar aqui. Nenhum outro Espírito nos deu pedaços análogos; os versos ditados são a maior parte do tempo quadras sob a forma ordinária, como os seguintes:

(1) Este epíteto não é apenas motivado pela natureza do acróstico, como se poderia crer, ele é também a expressão da realidade. N. Ledoyen é, com efeito, um dos primeiros que tiveram a coragem da sua opinião; pode, com bom direito, ser nomeado o decano dos Espíritas.

XLV

Quando o sol brilhante dissipa as estrelas,

Sabeis vós, ó mortais! se vereis a noite?

E quando o céu se funde em fúnebres véus

Há um amanhã, podereis vós revê-lo?

XLVI

A fé é como um campo bento

Que choca uma ceifa soberba,

E cada trabalhador aí pode ao infinito

Ceifar e colher, depois levar a sua gavela.

XLVII

Um dia, algumas damas estavam reunidas e conversavam entre si, antes da nossa chegada, sobre os fenómenos mais curiosos do espiritualismo, deixando de lado a questão séria, e falando a torto e a direito, a favor e contra as manifestações. Um Espírito vem, faz executar uma dança à mesa, depois dita este acróstico bizarro e um tanto ou quanto terra a terra, que se não considerará, assim o esperamos, como um reflexo do pensamento das pessoas presentes.

Diabretes que sois,
É preciso encadear-vos:
Em tudo o que fazeis
Muito pouco se deve fiar.
A pobre alma crédula
E mesmo a incrédula,
Confiando-se a vós,
Sucumbem sob os vossos golpes:
Espíritos abomináveis,
Ide para todos os diabos.
FARFADET, a nós da vossa parte.

Façamos notar, de passagem, que este facto indica uma vez mais que, nos Espíritos como nos homens, há gosto geralmente no meio onde simpatias estão adquiridas, sob qualquer aspeto que seja, não fosse senão sob o da pura distração. Não falamos dos versos em si mesmos: seria uma triste honra a fazer a estas damas atribuir à sua presença uma comunicação tão medíocre sob o aspeto dos pensamentos e do estilo.

XLVIII

Inspirado pela última frase da comunicação sobre a Esmola, inserida nos Habitantes de l'autre monde, primeira série, p. 64.

Para Job, o seu pobre amigo, Crésus corre apressado,

Dá-lhe trinta escudos e escapa-se o mais rápido.

O grande coração! ... – Não; de Job ele se desembaraçou.

O motivo só faz o mérito.

XLIX

Não podemos resistir ao prazer de inserir, a terminar, uma fábula igualmente ditada por pancadas, que nos foi recentemente dirigida (1). A revogação do Édito de Nantes tinha sem dúvida colocado em mau humor o Espírito que ditou esta crítica: damo-la pura e simplesmente, tal como saiu da mesa.

(1) Pelo senhor Jaubert, vice-presidente do tribunal civil de Carcassonne, autor do livro intitulado: Fables et Poésies diverses, por um Espírito batedor.

O REI E O RÚSTICO

Fábula.

«Um rei que poluiu as liberdades públicas,
Que vinte anos se saciou com o sangue dos heréticos,
Esperando do carrasco a paz dos seus velhos dias,
Decrépito, saturado de adúlteros amores,
Esse rei, esse orgulhoso de quem se fez um grande homem,
Luís catorze, enfim, se é preciso que eu o nomeie,
Outrora, sob as ramagens dos seus vastos jardins,
Passeava a sua Scarron, a sua vergonha e os seus desgostos.
Sobreveio dos cortesãos a nobre criadagem.
Cada um perdia pelo menos dez polegadas da sua estatura;
Páginas, condes, marqueses, duques, príncipes, marechais,
Ministros inclinavam-se sob ultrajantes rivais.
Mais humildes do que um litigante pedindo audiência,
Graves magistrados faziam a vénia.
Era divertido ver, fitas, cruzes e cordões,
Sobre os seus fatos bordados andar para trás.
Assim sempre, sempre esta ignóbil curvatura!
(Gostaria, uma manhã, de acordar imperador

De propósito para fustigar a espinha de um adulador.)
Só, caminhando diante de si, mas sem baixar a cabeça,
Prosseguindo a sua rota a passos lentos,
Modesto, coberto de um grosseiro pano,
Um rústico, se se quiser — talvez um filósofo —
Atravessou da corte os grupos insolentes...
«Oh! exclamou o rei, desvelando a sua surpresa,
Por que razão só tu me afrontas sem dobrar os joelhos?»
«Sire, disse o desconhecido, é preciso franqueza?
É que, só nestes lugares, não espero nada de vós.»

L

Terminaremos por um pensamento mais em harmonia com o espírito desta obra.

«A vida da natureza é uma transformação perpétua. A folha morta do carvalho cai sob o sopro do vento de outono; mas o solo juncado de despojos choca uma bolota para a manhã do ano. No jardim dos mortos, o homem restitui à terra o que lhe tomou nos seus primeiros dias; tudo se consome e tudo morre, mas ao mesmo tempo tudo se renova e tudo se reacende. Sob esta renovação incessante das coisas, é preciso ver o sopro de Deus, que não muda nem morre; sob o invólucro jacente e inanimado do moribundo, é preciso reconhecer a alma, que vai elevar-se e remontar à sua fonte, a alma essencialmente viva, que não cai sob os abalos da tempestade, que não envelhece sob o peso dos períodos seculares.»

«MARIE.»

PSICOGRAFIA

Comunicações dadas pela Escrita medianímica.

A imortalidade da alma é uma coisa tão importante, que é preciso ter perdido todo o sentimento para estar na indiferença de saber o que há disso.

PASCAL, Pensamentos, art. IX.

De todos os fenómenos da ordem espiritualista, o das comunicações ditadas por pancadas é sem contestação o mais digno do interesse dos experimentadores, visto que os coloca em condições de se darem conta *a priori* da realidade e da importância destas manifestações ultraterrestres. As explicações do hipnotismo, dos movimentos inconscientes, do sono nervoso e outras, não explicam absolutamente nada sobre este facto, testemunho irrecusável de uma causa invisível e atuante, e todos os homens de boa-fé que quiseram experimentar por si mesmos disseram connosco: eis efeitos inteligentes que proclamam uma causa inteligente. Diante disso caíram as denegações ridículas de todos os sistemas; e não restaram de incrédulos senão as pessoas atingidas de surdez ou de cegueira mentais, — as quais, bem o sabeis, leitores, não pertencem ao vosso mundo.

Ao abrir o género das comunicações chamadas psicográficas, não podemos ainda aqui, leitor, senão recordar-vos em algumas palavras a sua origem e a sua maneira de ser, como o fizemos na primeira série desta obra, para a qual não queremos remeter-vos a cada instante.

O método de tiptologia indicado mais acima foi o primeiro modo de conversação entre os Espíritos e os homens, pelo menos no que respeita aos factos do espiritismo moderno; mais tarde, em vez de empregar horas inteiras para obter algumas frases, buscou-se outro meio mais rápido, e os próprios Espíritos ensinaram o de adaptar um lápis a um objeto móvel, cesta, prancheta ou outro, sobre o qual se pousariam as mãos rogando ao Espírito que colocasse esse objeto em movimento e formasse letras. Foram essas as primeiras comunicações pela escrita; vê-se que elas se ressentiam ainda da infância da doutrina e da novidade das experiências; assim, chegou-se sucessivamente a suprimir todos os acessórios e a segurar muito simplesmente um lápis com a mão, deixando o seu braço dócil e completamente passivo. É o

que se nomeia hoje a Psicografia: o médium pega num lápis, e evoca-se um Espírito que vem escrever.

Como dissemos ao começar, este meio não oferece a mesma vantagem que o primeiro para convencer os recém-chegados, porque se não se estudou o Espiritismo e se não se conhece o médium, por mais aparente que seja a passividade deste, não se é forçado a acreditar que é um Espírito que lhe conduz a mão. É por isso que será sempre bom estudar a doutrina antes de observar a escrita medianímica, e certificar-se antecipadamente da realidade das manifestações dos Espíritos; contudo, se se permitir suspeitar da boa-fé e da honorabilidade do médium, pode-se sempre tomar as precauções necessárias para não formar um julgamento temerário contra ele. Rogai a um Espírito superior que se queira comunicar convosco, e ponde-lhe por tema uma alta questão de filosofia ou de moral, um problema ou um assunto de ciência: se o espírito puder e quiser responder-lhe, sendo as pessoas que gozam de faculdades medianímicas tomadas em todas as classes da sociedade, podeis sempre ter à vossa disposição um médium que esteja na impossibilidade de resolver por si mesmo, indiferentemente, todas estas grandes questões. — Aconteceu-me, quando procurava conhecer o reverso das cartas, rogar a Galileu que resolvesse uma questão de astronomia por intermédio de um jovem médium que mal sabia o seu francês, e receber imediatamente a solução que desejava. — Não falaremos dos meios materiais aos quais o médium não quereria sempre prestar-se, de lhe vendar os olhos, por exemplo, de interpor um corpo opaco entre a sua cabeça e o seu caderno, etc.... Sente-se que é preferível empregar métodos menos grosseiros, mais bem recebidos, e que conduzem a tão bons resultados.

Quando, pelo estudo e a prática do Espiritismo, se conhecer o mundo dos Espíritos, e quando se não puder mais emitir logicamente dúvidas sobre a sua existência e sobre os meios de comunicação que nos ligam a eles, a Psicografia será certamente o modo mais vantajoso de correspondência; deixar-se-ão as

experiências tiptológicas para os principiantes, do mesmo modo que a criança que sabe ler abandona aos mais jovens o alfabeto da primeira idade, e poder-se-á somente então conversar frutuosamente e tão completamente quanto possível com os seres invisíveis.

Agora, leitor, se queres escutar este género de conversas, prossegue a leitura desta obra: eis um certo número de instruções que nos trouxeram vozes do céu para as entregar ao teu estudo e às tuas meditações.

A maior parte foi dada a um dos mais antigos médiuns de Paris, à menina Huet, conhecida desde há muito no mundo dos Espíritas. — As Comunicações que não são devidas a este médium são acompanhadas pelo nome daquele a quem se devem. — Embora a forma nada seja para os Espíritos, será bom notar, contudo, pelo valor literário que possuem algumas destas comunicações, que todas foram dadas espontaneamente, de um só jorro de pena, por assim dizer, e que ficaram tais e quais, ao contrário das obras dos homens, que sofrem ordinariamente mais ou menos correções por parte dos seus autores.

Esperamos que os ensinamentos diversos que elas encerram elevem a alma no conhecimento da vida futura; possam eles também lançar alguns lumes de verdade sobre a nossa vida presente, tão semeada de sombras e de temores!

COMUNICAÇÕES ESPONTÂNEAS E EVOCAÇÕES

A ERA DO ESPIRITUALISMO

(Janeiro de 1861)

Soai, soai, fanfarras radiantes, que do Oriente ao Ocidente ressoem gritos de alegria! Eis que o que foi anunciado finalmente chegou. Os mundos vão abalar-se; a palavra de Deus vai receber a sua execução; todos irmãos, nós amigos, os mais afastados fraternizarão em religião e em crença; a manifestação está feita: ó homem! inclina-te.

Honra! glória! três vezes honra! A Redenção deve enfim receber o seu coroamento; a Obra tanto tempo estéril vai tornar-se a mãe de rebentos mais numerosos do que os grãos de areia que estão à beira do mar, segundo o predisse Jacob; a Região entrevista dos nossos pais vai tomar o seu voo; oculto desde há muito por uma nuvem, o sol radioso perfurá-la-á em breve com os seus raios magníficos, que dardeja mais radiantes quanto mais tempo tiverem sido obscurecidos.

Vigiai sem cessar, rezai, pois a Obra vai começar, e a sua inauguração será o seu remate. Estreitai-vos todos num abraço poderoso; sede irmãos pelo coração, como o deveis ser pelo nome, e rezai para que os olhos daqueles que não veem se abram à claridade!

RÉBECCA.

A ESCADA DE JACOB

Médium M. A. Didier.

(Janeiro de 1861)

A humanidade esteve muito tempo sonolenta, o seu entorpecimento durou muitas idades, mas durante o seu sono teve uma visão sublime. Viu uma escada imensa que, elevando-se da terra, ia ter ao céu, viu nos degraus dessa escada imensa espíritos bem-aventurados que sorriam. As suas palavras eram palavras de consolação e de esperança, na sua fronte resplandecia essa chama celeste que é a do espírito divino e que se espalha em redor dos bons, estendiam os braços aos filhos da terra e mostravam-lhes o céu.

Ó Jacob! poderoso médium e poderoso Espírito, foi Deus que te enviou esta celeste visão; ela é a imagem do espiritismo, dessa comunicação direta com os Espíritos; pois essa escada por onde os anjos subiam e desciam não é outra senão a escada da reencarnação. Ó Bíblia! livro sagrado, a razão deve saber ler na tua poesia, mas não regular-te; eis por que as religiões são

impotentes para te compreender, e por que, no meio dos erros humanos, só o homem sábio te compreenderá.

LAMENNAIS.

A VIDA TERRESTRE

(Janeiro de 1861)

Quando tiverdes a felicidade de possuir a fé plena e inteira, sereis felizes tanto quanto se pode sê-lo na terra.

Que serão então os males deste mundo, quando estiverdes certos de viver um dia a nossa vida incomparável? Se pudésseis dela traçar a mais leve imagem, não teríeis senão um desejo, o de regressar à pátria de onde estais exilados. Mas Deus quer que as afeições da terra apaguem essa imagem e vos permitam viver a vossa vida.

A existência mais feliz da terra é como o botão de uma flor, cuja beleza inteira deve desabrochar um dia no céu, o amor que nos embriaga é o perfume delicioso que ela espalha sob o sol da eternidade. Oh! segui o nosso conselho: Amai para crer, crede para amar.

Boa amiga, ó tu por quem vim, sou feliz. Partilharás um dia esta felicidade; mas o Espírito encarnado neste mundo é demasiado limitado para compreender Deus, o infinito e a eternidade.

ERNEST.

A CRENÇA NA IMORTALIDADE

(Fevereiro de 1861)

Por que buscais toda a sorte de raciocínios para vos provar que não existimos? Esta crença é inata no vosso coração, é em vão

que a combateis. Aquele que realmente não crê na imortalidade da alma é o ser mais infeliz que existe; tenho pena dele sinceramente. A cada instante é torturado pela dúvida horrorosa; que será dele ao morrer? Nada: é o nada para a sua alma e a destruição para o seu corpo. A sua vida e a sua inteligência apagar-se-ão juntas, não vê nada para lá do túmulo; por isso suspira sem cessar e lamenta cada dia que decorre.

Aquele que crê numa outra existência é feliz pelo coração: as penas e as aflições desta vida tocam-no pouco; sabe que todo o sofrimento desaparece no momento da morte e que, quando a alma transpôs o limiar deste mundo terrestre, vai repousar num mundo melhor, onde gozará um dia de todas as felicidades. Assim, a melhor prece que posso dirigir a Deus por vós é conceder-vos a graça de crer, e espalhar sobre vós o orvalho celeste da esperança.

MARIE.

A NATUREZA

Médium M. Alaux.

(Fevereiro de 1861)

Estuda e trabalha: A ciência é infinita. O que o homem sabe não é nada ao preço do que pode saber, e quando souber tudo o que pode saber, não será nada ainda ao preço do que é. Abre os teus olhos à luz; ser-te-á dado ver. Mas sê humilde, sê paciente e sabe esperar.

A natureza é o teatro onde se manifesta o Espírito de Deus. Ela é eternamente produzida. Tem o seu princípio nele. É substância essencialmente distinta dele. É criada; mas desde que Deus é, cria. Neste sentido, a natureza não começou e não terminará. É matéria; os Espíritos desenvolvem-se nela e nela cumprem o seu progresso. Vêm de Deus e regressam a Deus, existem nele de toda a eternidade. São individuais e conservam a sua individualidade, não se confundem nunca nem com a matéria, nem com Deus. Quando digo que a natureza é criada e teve um começo digo a verdade, mas não conheceis a relação do tempo com a eternidade; não há tempo em Deus. A natureza teve um começo relativamente a ele, não relativamente a vós: há algo que está antes, algo que está depois; mas esta expressão não é senão relativa às coisas criadas, tudo é presente relativamente a Deus, o Ser incriado.

Sabes, de resto, que estas são altas questões metafísicas, sobre as quais nós, como vós, pensamos conforme compreendemos. Não vemos, raciocinamos sobre isso como vós mesmos.

ALINE.

A NOSTALGIA DO CÉU

(Março de 1861)

Meus amigos, se o não experimentastes, sabeis todos, pelo menos, qual é essa aflição de melancolia profunda a que se chama o mal do país: é o amor incessante do solo natal, é uma ideia fixa voltada sem cessar para os lugares testemunhas dos nossos jogos de infância; mal indefinível: viram-se morrer filhos da pátria por lhes ter sido proibido ir respirar o ar que respiravam os seus pais.

Pois bem! nas afeições da alma há um mal análogo a este, embora inteiramente oposto: é o mal do céu.

As almas que dele estão atingidas são pobres exiladas que esmorecem nesta terra; os prazeres, as alegrias deste mundo traduzem-se nelas por lágrimas.

O grito da ave celebrando o erguer da aurora, o hino da natureza em honra da bondade divina, todas as harmoniosas poesias as inundam de demasiada felicidade; sufocam, murcham, morrem. Nada saberia retê-las na terra; todos os seus votos, todos os seus desejos são para a pátria de onde estão afastadas: têm a nostalgia do céu.

A estes pobres anjos lançados sobre o globo é preciso a vista de Deus, é preciso o mundo onde vivemos atualmente. Por isso, pais e amigos, consolai-vos: para aquele que vos deixa a morte não é um mal, é frequentemente uma felicidade muito grande; é o cúmulo de todos os seus votos, e invejaríeis a sua imensa felicidade se vos pudésseis elevar à altura das suas sublimes aspirações. Que esta ideia faça cessar as vossas lágrimas; não vos queixeis, guardai-nos apenas uma lembrança até à vossa última hora.

LAMENNAIS.

CHROTE-CHILDE

(Abril de 1861)

Permiti-me, meus irmãos em espírito, vir a vós: faria uma felicidade de vos servir de guia, serei um dos vossos bons Espíritos familiares que se impuseram a missão de vos ajudar a avançar na via do bem.

O seu primeiro conselho será que importa praticar a caridade e sobretudo o perdão das injúrias. Deus perdoou a todos, perdoa a cada instante.

Não se deve nunca julgar e condenar o seu irmão. — Aquele que está sem pecado atire-lhe a primeira pedra, diz Jesus àqueles que iam apedrejar a pobre pecadora.

Longe de vos odiardes, como o fazeis, tratai de vos amar um pouco, esta prática será doce ao vosso coração.

Aquela que quer ser o vosso guia deveria ser uma das protetoras confessas do vosso país, e contudo deixaram-na muito tempo no esquecimento; mas perdoei-o aos meus filhos da França.

CHROTE-CHILDE.

— Quereis dizer-nos quem sois?

«Não me reconheceis sob este nome germânico que traduzistes em Clotilde?»

— Seríeis a Rainha de França?

«Vós o dissestes, sou eu que vos trouxe o benefício da religião cristã»

— Tivestes outras existências desde essa?

«Sim, tive outra existência, mas desconhecida da história; é por isso que venho a vós sob o meu nome de Clotilde.»

— Essa existência foi útil como a primeira para o avanço do bem?

«Não me pertence dizer-vos se foi bela diante de Deus; mas foi humilde entre os homens.»

— Estais atualmente num mundo?

«Não estou de modo algum num mundo como o entendeis, o que vos posso dizer é que estou no coro dos bons Espíritos.»

— Estais mais feliz do que os habitantes de Júpiter? (1)

(1) Se o leitor o não sabe já, faremos notar aqui que todas as comunicações que se receberam, em qualquer lugar do globo que seja, se concertaram para representar sob as cores mais brilhantes a estadia da planeta Júpiter.

«Por mais feliz que seja uma reencarnação num astro, um puro espírito elevado diante de Deus é sempre muito mais feliz.»

— Os habitantes de Júpiter são realmente superiores?

«Sim, os habitantes desse mundo são-vos em tudo superiores, fisicamente e moralmente.»

— Há mundos superiores a Júpiter?

«Sim, mas mundos que vos são desconhecidos.»

— Vistes de novo o vosso esposo Clodoveu?

«Vi de novo o altivo Sicambro Clodowig. Ele teve de progredir, pois a sua alma estava ainda num estado pouco avançado à época do seu aparecimento histórico na terra.»

— Podemos perguntar-vos se os vossos princípios religiosos no outro mundo ficaram os mesmos que neste?

«Nós não professamos nenhuma religião, nós Espíritos: a religião do homem desprendido do seu corpo é a caridade ou amor; o nosso culto íntimo, desprendido de toda a forma, resume-se nesta palavra.

«Mas deixai-me dizer-vos neste primeiro dia que o mesmo não pode ser para as criaturas terrestres: elas nascem no seio de uma religião que lhes ensina a amar a Deus e ao seu semelhante, devem segui-la e obedecer-lhe, é a verdadeira maneira de louvar o Senhor. A fé religiosa é um meio de elevar o seu coração para o soberano Criador; sem esta crença que se torna o homem? Assimila-se à bruteza, a qual possui mesmo um meio de agradecer a Deus seguindo servilmente em tudo a sua vontade.

«Por isso não saberia exortar-vos demasiado a submeter-vos à prática de uma religião; não é senão o orgulho que vo-la faz rejeitar, e bem o sabeis, o orgulho é o sentimento mais odioso à divindade.

«Filhos, sede religiosos e chegareis a nós.»

CLOTILDE.

PENSAMENTO

(Abril de 1861)

De todos os seres que estão na terra, o mais provado é o homem, e o homem inteligente. Vede-o perfurar o céu com o seu olhar de águia, estudar a marcha dos mundos, reunir todas as forças do seu espírito para adivinhar Deus, e sem o conseguir. Oh! bem-aventurados os pobres de espírito, porque o Reino dos céus lhes pertence, e também o da terra: têm aí a paz e a tranquilidade da alma.

Que sofrimento para aquele que busca a verdade e que a não pode encontrar; para aquele que, segundo os seus princípios, crê, e que é obrigado a combater a razão que se opõe à sua fé! Já não sabe para que lado pender. A sua vida inteira é um inferno antecipado; é uma tortura moral que quebra a sua existência e que ataca frequentemente o seu cérebro. Por isso não procureis discutir o que o vosso coração compreende sozinho; não vos crieis razões que combatam as vossas crenças e que vos levariam a negar as caras afeições que a vossa alma abraça com alegria, ou que lançariam sombra sobre la bondade e a grandeza de Deus.

Sede bons, humildes de coração, crede, amai; mas não raciocineis senão o menos possível sobre certos pontos da ciência infinita.

Pensai que não sois nada ao preço do que é, e que uma dupla infinidade vos envolve.

PASCAL.

O NAUFRAGO

(Maio de 1861)

Faz-se uma evocação geral.

«Permiti a um Espírito ainda errante pedir uma prece a compatriotas, a pessoas habitando o meu belo país fustigado pelas vagas.»

— Quem sois?

«Um infeliz capitão de um pequeno navio de pescadores que pereceu no mar, há dezassete anos.»

— Como vos nomeavam?

«Valois»

— Como se pode saber se o que dizeis é verdade?

«Encontrareis na nossa igreja de São Tiago de Dieppe um pequeno quadro que o meu pobre Louis mandou fazer para os homens salvos; ele bem rezou por mim, o pobre homem; mas se me désseis também uma pequena prece isso far-me-ia grande bem.»

— Por que vinde a nós?

«Porque há aqui homens do meu país.»

— Quem vos disse que podíamos ser-vos úteis?

«Acreditais que não saibamos que boas almas rezam por nós? — Somente desejo uma prece particular.»

— Poderíeis dizer-nos quem é esse Louis de quem falais?

«Era o meu segundo a bordo.»

— Em que lugar da igreja se encontra o quadro?

«Na capela de Nossa Senhora do Bom Socorro.»

— Quem vos disse para vir a nós?

«Foi um bom Espírito superior que me aconselhou a dirigir-me a vós.»

— Como se nomeava o vosso barco?

«Nomeava-se o *Automne*.»

— E o vosso segundo?

«Louis Couteux. Procurai um pouco e encontrareis.»

Prometemos-vos preces.

«Obrigado, adeus.»

Investigações feitas, a aventura, o naufrágio, o nome do capitão, do segundo e do barco, o quadro da capela, etc., tudo se encontrou perfeitamente exato.

SOPHIE SWETCHINE

(Maio de 1861)

Neste momento de desordem do espírito humano, são poucos os que elevam os seus corações para a divindade. Todavia, não se deve ser demasiado severo para com o homem: o seu espírito precisa de distrações, não pode ficar sempre absorvido nas ideias sérias. Venho conversar convosco esta noite.

Caros amigos e irmãos, desejais todos saber, quando um espírito está perto de vós, se é bom ou mau; esse desejo é louvável e a questão é fácil de resolver. Não tendes o discernimento e a vossa consciência que vos fazem conhecer um bom e um mau conselho? Não distinguis a insinuação pérfida da serpente da inspiração salutar do vosso anjo guardião? O conselho de um bom ou de um mau espírito será mais irreconhecível? A moral de um e de outro pode ser a mesma?

Não, certamente, é pelas suas palavras e pelas suas obras que os julgareis.

A paz, a tranquilidade da alma, a felicidade que a inunda e as palavras caritativas que vos são ditadas são a linguagem de um bom espírito, ao passo que o mau não traz senão as funestas paixões e o turbilhão do coração.

Nunca um espírito elevado para Deus virá dar-vos uma palavra contrária à caridade cristã, tanto moral como física. Essa caridade, que é a alma solidária do mundo.

Sem esta virtude divina que seria da pobre humanidade? Sede caritativos em ações; em palavras sobretudo: é por aí que pecais geralmente.

— Disseram que durante a vossa vida na terra tínheis visões?

«Estava dotada de uma segunda vista, em virtude da minha faculdade de médium, mas não conhecendo a vossa crença não sabia de onde vinham as minhas visões.»

— Se vos tivessem falado dos Espíritos, teríeis crido nisso?

«Não, a minha fé na religião que tinha abraçado por amor e por convicção ter-mo-ia impedido.»

— Devemos propagar esta crença?

«Visto que tende a consolar o homem transviado que se perde nos dédalos do raciocínio, é um bem que deveis espalhar.»

S. SOYMONOF.

OS ACONTECIMENTOS

(Junho de 1861)

«Meu pai, que este cálice se afaste de mim, todavia que a vossa vontade seja feita e não a minha!» É neste espírito de submissão que a vossa prece deveria sempre ser dirigida ao Senhor. Não se deve suplicar-lhe que afaste de vós os acontecimentos, isso não se pode; eles estão escritos no Livro eterno: devem cumprir-se. Não tendes, pois, senão um favor a pedir a Deus: é que vos dê a força e a coragem necessárias para os suportar.

Visto que deveis estar submetidos à provação, rezai a fim de obter a resignação: Deus vo-la concederá. Tal é a graça que tendes a pedir rezando, crede na palavra daquela que quer ser o vosso guia.

— Seríamos felizes por saber qual será a marcha do Espiritismo.

«Questão séria: ele prosseguirá a sua marcha através de muitas provações, mas chegará ao seu objetivo providencial. Quando fiz os meus esforços para assentar o cristianismo no trono de França, que de provações não teve ele de sofrer? Apesar de tudo caminhou vitoriosamente; atravessou os séculos, esse código divino da nova lei, imposto às populações meio selvagens.

O Espiritismo é um ramo do Cristianismo; é a vós, os apóstolos desta crença, que cumpre fazê-lo florescer com honra, para que um dia dê frutos de um sabor agradável.»

— O Espiritismo terá os seus milagres?

«Se chamais milagres aos factos misteriosos de que ignorais a causa, responder-vos-ei afirmativamente. É preciso sempre impressionar os sentidos antes de falar à imaginação; la alma recebe as impressões do corpo e é pelos milagres que se força a fé.

Já os tendes; tê-los-eis mais maravilhosos ainda com a permissão de Deus»

CLOTILDE.

A ALEGRIA EXTERIOR

(Julho de 1861)

A frase seguinte tinha sido batida: *Desejo para a vossa felicidade terrestre e a vossa felicidade no céu que a paz e o amor fraternal sejam os hóspedes do vosso coração.*

Um bom Espírito acaba de desejar para vós que o amor fraternal habite o vosso coração, é a melhor prece que pode dirigir ao Todo-Poderoso para a vossa felicidade; agindo segundo este preceito, caçaríeis para bem longe de vós a inveja e o egoísmo, regressaríeis à idade de ouro.

Para serdes bons e amantes, não é necessário serdes tristes, fazei de modo, pelo contrário, que o tédio se não apodere da vossa alma, a alegria é a companheira da bondade; quando um espírito

alegre vem a vós, não o repudieis, se o seu ensinamento não for mau.

Pode-se ser virtuoso e alegre ao mesmo tempo. Vede o que diz o Senhor no Evangelho: Jejuai, fazei penitência, mas também ponde vermelho no vosso rosto, que a alegria ilumine os vossos olhos, a fim de que se não creia que aqueles que me amam são tristes e languidos.

Segui este preceito, e a vossa virtude inteiramente amável atrairá para vós mais adeptos do que a severidade das vossas palavras.

CLOTILDE.

A BENEFICÊNCIA

(Outubro de 1861)

Caros e bons irmãos, entrais numa época do ano em que tendes necessidade de fundir o vosso coração ao fogo ardente da caridade.

Quem me dera ter o dom de mudar as pedras em pão, quando estava na terra, no meio de um povo de infelizes que suportavam cada dia os suplícios cruéis da fome e do frio! Como o meu coração sofria, como o vosso sofreria se fôsseis as testemunhas de semelhantes misérias! Mas também como a vossa alma seria inundada de amor, como ela se elevaria para Deus, quando soubésseis que vos é possível aliviar essas infortúnios!

A caridade, meus irmãos, não é sempre a largueza mais fácil para alguns de vós, é a esmola do coração. Ó mulheres, deixai de lado alguns dos vossos adornos; homens, privai-vos de um prazer: que esse dinheiro seja empregue em dar pão ao vosso irmão infeliz.

Sabeis que há quem careça do pão de cada dia. Não digais que não o podeis: sempre se pode. Se não tendes o supérfluo, dai uma

parcela do vosso necessário; por mais pequena que seja, ser-vos-á restituída ao centuplo. O vintém da viúva, de que fala o Cristo, foi mais apreciado do que o talento lançado maquinalmente pelo rico.

Ó meus bons amigos! crede na palavra do Além-Túmulo daquela que teve a felicidade de se devotar ao alívio dos infelizes; segui este conselho que vos trago com intenção; o que deixardes cair na mão do pobre estendida para vós, preparar-vos-á um lugar elevado nas nossas esferas celestes.

Virei frequentemente apresentar-vos a minha súplica.

IRMÃ ROSÁLIA

A CARIDADE

Médium Mme Rodière

(Novembro de 1861)

Dai, dai, o céu vos restituirá. Que de vezes, meus bons e caros amigos, viemos junto de vós exortar-vos à prática desta bela virtude: a Caridade cristã.

A ela voltaremos sem cessar, não que tenhais ficado surdos às nossas preces, mas para vos fortalecer cada vez mais, e a fim de que nunca deixeis invadir o vosso coração por esta horrível paixão: o EGOÍSMO.

Que as vossas almas escutem e respondam sempre a esses gritos de dor exalados de todas as partes por milhares de seres semelhantes a vós, que estão na miséria e na impossibilidade de satisfazer as necessidades mais rigorosas. São os vossos irmãos que sofrem, são os vossos irmãos que gemem; que digo eu? são os filhos e os amigos de Deus, esses pobres que vos pedem para vos lembrardes das palavras de Jesus-Cristo: «Amai-vos e socorrei-vos uns aos outros.» — Não vos preocupeis, caros amigos, com o destino reservado a algumas das vossas esmolas; é verdade que, por vezes, em vez de aliviar verdadeiras infortúnios, elas caem em mãos que acham bom explorar esta virtude, em vez

de pedir ao trabalho nobres meios de existência. Que este pensamento não detenha os vossos corações, é a caridade que quereis fazer: é a caridade que fazeis; mas, ao buscar a verdadeira desgraça, não vos torneis demasiado desconfiados, cairíeis no erro e recusaríeis talvez os vossos benefícios às necessidades mais vivas e mais prementes: vale ainda melhor arriscar a vossa esmola do que recusá-la.

Ó vós, mortais que possuís as riquezas da terra, como sois felizes! pois vos é dado o poder de secar muitas lágrimas, de acalmar muitas dores, de adoçar muitos males. Oh! dai, dai sem cessar, o céu vos restituirá...

Ó vós! que possuís pouco, dai sempre, peço-vos; por mais mínima que seja a vossa esmola, ela tem um valor imenso aos olhos de Deus; é para vós que estas palavras foram ditas: «Um copo de água dado em meu nome na terra será pago ao centuplo no reino dos céus.»

E vós, meus mui caros irmãos e amigos, que não possuís e que gemeis por nada poderdes contra tantos males que afligem a humanidade, ó regozijai-vos, pois tendes também algo a dar: dai do vosso coração, dai da vossa fé, tesouros mil vezes mais abundantes e mais preciosos do que as riquezas do ouro!... Que de vezes, quando era, como vós, filho da terra, vi de perto essas horríveis misérias! Contemplei esses dolorosos quadros de famílias indigentes e estive frequentemente na impossibilidade de trazer o menor alívio a essas dores! Então, voltando os meus olhares para o céu, dirigia-me a Deus e rogava-lhe com toda a força da minha alma que enviasse até nós um dos seus anjos consoladores. A minha prece era atendida, pois Deus nunca a rejeita quando é feita com fé e amor!

Caros espiritualistas, é a vós que me dirijo particularmente; dai o exemplo desta união fraternal pregada pela vida inteira de Jesus-Cristo, nosso divino modelo. Novos apóstolos, caminhai sobre os seus passos e, a exemplo dos primeiros, ide por toda a parte

semear e levar, se não for ouro, palavras de paz e de amor, essa esmola do coração!...

Antes de vos deixar, deixai-me testemunhar-vos a alegria que experimento ao encontrar em redor de mim impulsos da mais viva simpatia; de todos os lados vejo já corações inteiramente palpitantes de felicidade à ideia de aliviar as infortúnios; vejo também mãos já cheias de esmolas que têm pressa de espalhar sobre os que sofrem.

Oh! obrigado! por terdes respondido tão depressa ao meu apelo, estarei frequentemente perto das vossas almas para as ajudar a progredir na via da caridade. Estarei também lá no dia em que deixardes esta terra de exílio, conduzir-vos-ei ao grande Juiz que, ao receber-vos, vos fará ouvir estas belas palavras que vos cumularão de alegria:

«Oh! vinde, vós que sois os benditos de meu Pai, pois tive fome e destes-me de comer; tive frio e vestistes-me; estive aflito e consolastes-me. Oh! vinde tomar posse do reino dos céus que foi preparado desde o começo dos séculos, para vós e para todos os que tiverem dado na terra!»

VINCENT DE PAUL.

UMA VISITA DE JOBARD

(Dezembro de 1861)

Permiti-me, meus bons velhos amigos, visitar-vos esta noite e dizer-vos ainda que o meu primeiro desejo é ver a união mais perfeita reinar entre vós. Venho, pois, fazer a minha visita de bom ano aos meus amigos, venho para o meio do vosso pequeno círculo simpático, que vejo sempre partilhado em duas partes bem distintas: uma que é assídua às experiências, que crê e que procura seriamente instruir-se; outra que se compõe de visitantes quase todos portadores de boa vontade, tendo o desejo de crer e de chegar a uma inteira persuasão. Este desejo é legítimo,

esperemos que estes visitantes, meus bons amigos também, se tornem fervorosos adeptos.

Após os cumprimentos habituais, pois ainda não esqueci os hábitos terrestres, dir-vos-ei uma palavra séria. O que vedes, visitantes, espanta-vos;... Estive muito tempo como vós sob a impressão de uma profunda surpresa, à vista de tais factos. Estive muito tempo sem querer crer; mas nunca pronunciei a palavra impossível. Impossível não existe na natureza: de um dia para o outro a ciência faz o possível do impossível. Esse sável da mar, essa poeira que vos cega, duvidáveis outrora que eram outros tantos animais microscópicos que nascem, vivem e morrem deixando as suas carapaças siliciosas amontoadas, que na sucessão dos séculos formam massas enormes de recifes e de ilhas? Alguns destes infusórios, nomeados foraminíferos, são tão pequenos que um dedal conteria perto de quatro mil milhões deles. Vós gritais ao impossível, vós que não experimentastes este facto; e, contudo, nada é tão verdadeiro, há seres tão pequenos que povoam os mundos desconhecidos aos vossos sentidos, e que para vós não existem porque os não vedes.

Sede, pois, sábios e prudentes, não condeneis nada antes de terdes estudado. Então, somente, ser-vos-á permitido dizer: Estudei, nada vi, condeno o que fazeis. Mas, como isso não pode acontecer, direis, pelo contrário, vi e creio; sem isso não seríeis como eu senão uns

JOBARD.

O ESPÍRITO DO SÉCULO

(Dezembro de 1861)

Ai! não é senão demasiado verdadeiro, o espírito do vosso século é o ceticismo, a negação de tudo o que é grande, de tudo o que é belo; e, o que é mais terrível, de tudo o que é verdadeiro. As sensações, as emoções, os impulsos do coração estão submetidos às regras da arte, os eruditos da moda assemelham-se a esses

médicos de que fala Molière, que, recusando qualquer outro tratamento que não o do codex, preferiam ver morrer os seus doentes segundo a fórmula a curá-los por remédios anti-académicos. Deveis crer e experimentar segundo os seus cálculos e conforme as regras reconhecidas, senão sois desonrados pela sociedade e dignos, quando muito, das pequenas casas.

Ah! poesias do espírito, poesias da alma, que foi feito de vós? Vós sós formáveis outrora as grandes virtudes, os sublimes devotamentos; mas os homens raciocinadores arrancaram-vos dos corações onde palpitáveis, para não deixar no vosso lugar senão as virtudes mesquinhas do mundo, e se alguém ousa ainda deixar transparecer por vezes os raios de uma fé viva, eles abafam-no com todo o peso do ridículo.

Que pensais desses homens simples e piedosos que consagram a sua existência à felicidade dos seus irmãos e que se vem consultar em longas peregrinações? Bons cenobitas, almas de fogo que não têm de mais do que vós senão a ausência do frio cálculo, senão a fé fervente no santo nome de Deus. Filósofos, incrédulos, ide para esses homens, procurai fazer-lhes compreender que a sua imaginação está em sonho e não cria senão fantasmas, que o que supõem verdade não passa de ficção, e se tiverem o mal de escutar as vossas palavras, como os outros perderão essa sublime confiança que faz a sua força, essa fé ardente semelhante à dos discípulos a quem Jesus dizia: Ide, a vossa fé vos salvou, e a vossa obra será digna de vós. Sim, as Genevièves, as Joanas d'Arc, os Pascais e tantos outros, vós os tratais ironicamente de visionários; ora, eles o eram, com efeito, e essas visões eram-lhes dadas pelos seus Espíritos familiares, pelos seus anjos guardiões. São esses homens favorecidos do céu que vós desdenhais e de quem negais a grandeza.

Por que, pois, esgotar-vos na busca de vãos raciocínios para provar que uma coisa não deve ser: — um facto existe, logo ele é. — Por que tanto defender-vos da ideia de que, estando mortos, a nossa alma pode vir inspirar os que amamos? Com que direito

pretendeis que o sentimento que animava o coração de uma mãe não pode vir do outro lado do túmulo comunicar à alma dos seus queridos filhos os seus raios de amor? Para negar estas coisas, é preciso que negueis também a imortalidade da alma; pois, se a alma existe, a sua vida não saberia ser vazia de sentido e de atividade. Se negais a imortalidade, lançai um véu espesso entre a terra e o céu, encerrai-vos nas vossas sós ideias, não olheis de modo algum acima de vós, mas ficai envolvidos no vosso horizonte sombrio e tenebroso. Aquele que tem a felicidade de crer na outra vida, pelo contrário, contempla no porvir uma vida esplêndida e brilhante, impulsos de alegria fazem estremecer o seu coração, e, sabendo que é chamado a viver eternalmente, mede as suas ações aqui na terra ao preço da vida futura que o espera para lá do túmulo.

CHANNING.

EVOCAÇÃO
DE PIERRE D'ORGEMONT.

Algum tempo após a publicação da primeira série desta obra, recebemos uma missiva na qual um Conservador de uma das Bibliotecas de Paris nos dizia ter verificado a evocação de Pierre d'Orgemont inserida nessa primeira série, p. 88. Nas obras do Padre Anselme e de Duchesne encontrara a confirmação autêntica das palavras deste Espírito; nomeadamente no que respeita ao papel que desempenhou no parlamento de Paris, à época da sua magistratura, e ao ano da sua morte, as investigações tinham dado as mesmas respostas que as mencionadas no nosso volume. O

facto da sua morte e do seu crime passava, contudo, sob silêncio nas diversas obras onde se fala dele; é por isso que julgámos dever provocar uma nova evocação a fim de pedir contas disso ao Espírito.

EVOCAÇÃO.

«Sei por que me chamais, meus amigos, agradeço-vos primeiro as preces que se fizeram em meu favor, e estou pronto a responder aos vossos pedidos.»

— Tendes conhecimento das obras que se consultaram a respeito da vossa primeira evocação?

«Sim.»

— Tudo o que aí é relatado a vosso respeito é exato?

«Os historiadores contaram tudo o que sabiam de mim.»

— Tudo o que nos ensinastes tocante à vossa morte e à causa das vossas penas é exato?

«Do mesmo modo.»

— Como se faz que em parte nenhuma se mencione o vosso género de morte tão tristemente célebre, do mesmo modo que o crime que expiais desde há tanto tempo?

«Ninguém conheceu o meu género de morte, a não ser a minha família, que teve o cuidado de o ocultar a fim de me dar uma sepultura digna dela e da sua ilustração de então. Quanto ao meu crime, sob Carlos VI, fazer perecer um inocente no cadafalso não era de modo algum aos olhos do mundo uma ação censurável, e entre as demasiado numerosas execuções que ordenei mencionaram-se a custo para a posteridade aquelas que se seguiram aos motins dos Parisienses contra a causa real. Fui considerado como um juiz íntegro, tivesse-se mesmo conhecimento da facilidade vergonhosa com que permitia a morte dos filhos do povo, ninguém teria ousado atirar a pedra ao Senhor Primeiro Presidente do parlamento de Paris, Executor

testamentário do rei, Grande Chanceler de França. A minha vida não está ainda perdoada, rezai por mim.»

«P. O.»

BALTHASAR OU O ESPÍRITO GASTRÓNOMO

Eis, se ouso arriscar uma nova palavra, a necrografia de um amável gastrónomo que parece ter conservado lá no alto os apetites sensuais que fizeram a sua renomeada neste baixo mundo. Se estudaste um pouco a gastronomia, caro leitor, não deixas de conhecer o charmoso e alegre Grimod de la Reynière, tanto quanto as pessoas do mundo conhecem Brillat-Savarin; espírito excêntrico se o houve jamais; menos hábil advogado do que excelente degustador; nascido em 1758, falecido em 1838, e regressado para nos dar as suas notícias vinte e dois anos após a sua morte. Vou relatar-te aqui os seus discursos do Além-Túmulo, ditados ordinariamente pelo levantamento completo da mesa, como foi explicado na página 20.

6 de outubro de 1860.

«Amigos! Balthasar vos saúda. Amei a boa mesa e as belas; vivam o melão e o lavagante, a meia-chávena e o cálice!»

— Não temos a honra de vos conhecer, quereríeis dar-nos mais amplos esclarecimentos a vosso respeito?

«Estais muito apressados. Dir-vos-ei simplesmente hoje que morri aos oitenta anos; e desejo-vos a boa noite.»

Ao 13 de outubro, o mesmo Espírito voltou a levantar a mesa. Parecia fazê-lo com pena, e como se fazia notar isso, ditou o que se segue:

«Sim, meus amigos, tenho uma dificuldade a vencer; mas seria mais forte se a mesa estivesse bem servida: nada se sabe recusar diante de um pregado.»

— O que dizeis aí é bem pouco sério!

«O que há de mais sério do que a arte da cozinha?»

No dia seguinte a esta segunda visita, deu-se parte dela à Sociedade parisiense de Estudos espíritas; o seu honorável presidente, o senhor Allan Kardec, fez então a evocação seguinte, inserida na *Revue spirite*. (Ano de 1860).

EVOCAÇÃO.

«Meus amigos; eis-me diante de uma grande mesa, mas nua, ai!»

— Esta mesa está nua, é verdade, mas queira dizer-nos para que vos serviria que estivesse carregada de iguarias, que faríeis delas?

«Aspiraria o seu perfume, como outrora lhe saboreava o gosto.»

— Falemos muito seriamente, peço-vos, o nosso fito não é de modo algum zombar, mas instruirmo-nos. Queira, pois, responder seriamente às nossas perguntas e, se necessário, fazer-se assistir por um Espírito mais esclarecido, se isso for preciso. Experimentais a necessidade de comer e de beber? Notai que dizemos a necessidade; e não apenas o desejo.

«Necessidade, não; mas desejo, sim, sempre.»

— Esse desejo é plenamente satisfeito pelo odor que aspirais? É para vós a mesma coisa que se comêsseis realmente?

«É como se vos perguntasse se a vista de um objeto que desejais ardentemente substitui para vós a posse desse objeto.»

— Pareceria, por isso, que o desejo que experimentais deve ser um verdadeiro suplício, não podendo ter o gozo real?

«Suplício maior do que credes; mas trato de me atordoar fazendo-me ilusão.»

— O vosso estado parece-nos bastante material, dizei-nos, pois, se dormis algumas vezes?

«Não, gosto de vadiar um pouco por toda a parte.»

— Em que ocupais o vosso tempo?

«Percorro as praças, os mercados; vou ver chegar a maré, e isso ocupa-me bem e muito.»

— Que fazíeis quando estáveis na terra?

Nota. Alguém diz: sem dúvida era cozinheiro.

«Era guloso (não sôfrego); os meus pais eram contratadores de impostos, e eu advogado: vês bem que não era cozinheiro; de resto, não te teria convidado para os meus almoços: não sabes nem beber nem comer.»

— Há muito tempo que morrestes?

«Há uma vintena de anos, aos oitenta anos.»

— Vedes outros Espíritos mais felizes do que vós?

«Sim, vejo alguns que fazem consistir a sua felicidade em louvar a Deus, não conheço ainda esse prazer lá; os meus pensamentos encontram-se bem na terra.»

— Dais-vos conta das causas que os tornam mais felizes do que vós?

«Não as aprecio ainda, como aquele que não sabe o que é um prato requintado o não aprecia; isso virá talvez. Adeus, vou à busca de uma boa ceiazinha bem delicada e bem suculenta.»

«BALTHASAR»

Remarca. Este espírito é um verdadeiro tipo; faz parte dessa classe numerosa de seres invisíveis que se não elevaram de modo algum acima da condição da humanidade; têm de menos apenas o corpo material, mas as suas ideias são exatamente as mesmas. Este não é um mau Espírito, não tem contra si senão a sua

sensualidade que é, ao mesmo tempo, para ele um suplício e um gozo; como Espírito não é, pois, muito infeliz; é mesmo feliz à sua maneira. Mas Deus sabe o que o espera numa nova existência; um triste regresso poderá bem fazê-lo refletir, e desenvolver nele o sentido moral ainda abafado pela preponderância da matéria. (*R. S.*)

Na sessão seguinte continuou-se a evocação do Espírito gastrónomo; uma pessoa acreditara reconhecer nele um advogado que conhecera pessoalmente, e cuja vida e caráter coincidiam perfeitamente com os pormenores relatados; ela não duvidou de que fosse ele que se manifestara sob o nome de Balthasar, e pediu para se certificar se esse Espírito não era Grimod de la Reynière, conhecido pelas suas excentricidades.

EVOCAÇÃO.

«Ah! eis-me aqui; mas nunca tendes nada para me oferecer; decididamente não sois amáveis.»

— Queira dizer-nos o que vos poderíamos oferecer para vos ser agradáveis?

«Oh! pouca coisa, um aposento confortável, uma ceiazinha bem fina. Preferiria isso e as damas também, sem contar que os cavalheiros aqui presentes não a deixariam de lado, convinde nisso.»

— Conhecestes um certo senhor de la Reynière?

«Estais curioso, creio.»

— Não, não é por curiosidade, dizei-nos, peço-vos, se o conhecestes?

«Tendes, pois, empenho em descobrir o meu incognito?»

— É que seríeis vós mesmo o senhor de la Reynière?

«Ai! sim; sem mesa e sem almoço.»

— Não fomos nós que descobrimos o vosso incognito, foi um dos vossos amigos aqui presente que vos reconheceu.

«É um tagarela, deveria ter-se calado.»

— Em que pode isso prejudicar-vos?

«Em nada, mas teria desejado não me fazer conhecer logo, é igual, não ocultarei os meus gostos por causa disso; tu que conheces as ceias que dava, convém francamente que eram boas, e que tinham um valor que já se não aprecia hoje.»

Falemos um pouco seriamente, peço-vos, e ponhamos de lado os jantares e as ceias que nada nos ensinam; o nosso objetivo é instruirmo-nos, é por isso que vos rogamos que nos digais que sentimento vos levou, no dia da vossa receção como advogado, a dar um jantar aos vossos confrades numa sala de jantar decorada como câmara mortuária?

«Não destrinçais, no meio das minhas excentricidades de caráter, um fundo de tristeza causado pelos erros da sociedade, sobretudo pelo orgulho daquela que frequentava, e da qual fazia parte pela minha nascença e pela minha fortuna?

«Procurava atordoar-me por todas as loucuras imagináveis, e chamavam-me louco, extravagante; pouco me importava; ao sair dessas ceias tão gabadas pela sua originalidade, corria a fazer uma boa ação que se ignorava; mas isso era-me igual, o meu coração estava satisfeito, os homens também o estavam; eles riam-se de mim, ao passo que eu me divertia deles.

«Por que não falais dessa ceia onde cada conviva tinha o seu caixão atrás de si? As suas caras descaídas distraíam-me muito; assim, como vedes, era a loucura aparente unida à tristeza do coração.»

— Qual é a vossa opinião atual sobre a divindade?

«Não esperei pelo aniquilamento do meu corpo para crer em Deus; somente este corpo, que eu amava bastante, materializou o

meu espírito ao ponto de lhe ser necessário bastante tempo para se desembaraçar das afeições terrestres, de todos os laços das paixões que o prendiam à terra.»

Vê-se que de um assunto frívolo em aparência se podem frequentemente tirar úteis ensinamentos. Não há algo de eminentemente instrutivo neste Espírito que conserva para lá do túmulo instintos corpóreos, e que reconhece que o abuso das paixões o materializou, de certo modo?

Na véspera do dia em que a evocação precedente fora feita, Balthasar viera dar-nos a seguinte ditada espontânea:

«Falais muito por minha conta desde há alguns dias; em viva não esperava ir assim à posteridade. Não me tratais como amigo, achais-me ridículo porque vos falo sobre a bondade das iguarias que alimentam o vosso corpo; sabei que o caráter depende, as mais das vezes, do que alimenta o nosso estômago: o homem que jantou bem está mais disposto à benevolência do que aquele que jejuou. Não riais, pois, do que vos digo; quando me conhecerdes, apreciar-me-eis um pouco melhor, sabereis que, se gostei de comer, ajudei também os pobres com a minha bolsa e com os meus conselhos; era advogado e sempre joguei por eles.

BALTHASAR.»

— Que éreis sobre esta terra?

«Advogado por profissão, mas sobretudo guloso, filho de guloso, neto de guloso; o meu avô morreu à mesa, com a toalha ao pescoço.»

— Éreis digno de vos sentar à mesa de Brillat-Savarin; conhecestes esse homem?

«Conheci-o na terra. Eu fechei a série dos verdadeiros comedores, dos grandes estômagos; ele abriu a dos pequenos estômagos, dos pequenos mestres comedores; mas é igual, ele tem também o seu mérito.»

— A gula era, portanto, a vossa paixão dominante?

«Sim; gostava de comer, era guloso, muito guloso, mas não sôfrego; mastigava longamente e saboreava as iguarias com delícias.»

— Não trazíeis outro nome?

«Não tardareis a conhecê-lo.»

Foi no dia seguinte que teve lugar a evocação relatada mais acima. Desde essa época, Balthasar Grimod de la Reynière ganhou afeição pelo nosso círculo e favoreceu-nos frequentemente com a sua visita. Não se passam agora sessões sem que ele venha alegrar com os seus dichotes e as suas frases joviais e sempre dadas a propósito.

Um dia, uma desconhecida, que partilhava as suas opiniões sobre a utilidade e as vantagens culinárias da ciência gastronómica, encontrava-se entre os assistentes: Balthasar testemunhou o seu contentamento por uma espécie de dança ritmada que fez executar à mesa, depois ditou estas palavras:

«Qual é a mais gulosa aqui? Questão grave e insolúvel para vós! Não és tu, jogadora, nem tu, D.; é uma amiga recém-vinda entre nós.»

— Há aqui número de pessoas que vieram pela primeira vez, de quem quereis falar?

«Sabia bem que não adivinharíeis..., é de Eufémia.»

(Verificou-se que uma das pessoas recém-vindas trazia esse nome e respondia perfeitamente à acusação do Espírito.)

«Perguntais a vós mesmos por que vos falo sempre da arte de se bem nutrir. É porque aspiro ainda o perfume das boas iguarias, e porque sou sempre feliz em redor de uma mesa bem servida, embora um pouco de desgosto se misture à minha felicidade.»

Outro dia, tendo Balthasar feito conhecer a sua presença pelo seu levantamento de mesa habitual, o doutor O..... exclamou: Ah! eis o peru recheado com trufas!

Balthasar replicou:

«Cala-te, peru recheado tu mesmo, doutor... de que te metes, tu nem sequer os sabes cozer. Para que serve fazer girar uma mesa vazia? Sois uns estorninhos.

«Há aqui homens inteligentes e damas encantadoras: proponho-me sempre dirigir a estas os cumprimentos mais amáveis e mais verdadeiros, mas basta! vós não quereis de mim senão para suster as vossas mesas no ar e de modo nenhum para conversas. Como! numa tal sociedade não jogarei nunca senão o papel de uma mecânica? Vamos, sede mais graciosos no futuro e não me chameis apenas para estontear os incrédulos.»

Por ocasião do auto de fé de Barcelona, um Espírito batera a frase seguinte:

«Vedes, meus amigos, que a perseguição digna atingir-vos. Honra a vós!»

Balthasar veio dar uma continuação:

«Antes do vosso futuro martírio, infortunados mortais, deixai-me dizer-vos uma palavra galharda. Não tenhais medo, meus amigos, e fazei-me o prazer de beber um copo de Johannisberg à saúde das damas.»

Alguns dias depois, o mesmo Espírito disse ao senhor conde d'O....., seu afilhado:

«Amigo, queres oferecer-me um copo de champanhe? Vamos! a nós dois os Balthasares!»

And como se não satisfazia ao seu pedido:

«Pois bem! não me ofereces, então, nada?»

O senhor D.... pergunta ao Espírito se é champanhe espiritual o que ele deseja.

«Que é isso, champanhe espiritual? Quero-o bem e belamente material: o espiritual não tem nenhum perfume... Sim, um perfume de avarento!»

Ao 27 de novembro de 1861, o Espírito de Rabelais viera ditar la frase seguinte:

«Bons amigos, amo-vos e revestir-vos-ei do meu amor quando beberdes mais da água benta da adega.»

«Eis um alegre companheiro, continuou Balthasar, eu também amo sempre a mesa e as boas iguarias e gostaria de me reencarnar para assistir corporalmente a delicados festins.

«Quem me dera ter ao vosso serviço um criado trazendo-vos bom vinho de Constança a um sinal da vossa mão?»

Numa noite que se seguiu de perto à sessão precedente, evocávamos em vão Balthasar desde há alguns minutos, quando ele mal veio levantar a mesa e dizer-nos:

«Como sois egoístas! chamais-me e não me ofereceis nada. Um dedinho de kirsch apenas! isso dar-me-á força e sereis testemunhas de uma magnífica ascensão de mesa.»

Agiu-se segundo a recomendação, e nunca o Espírito gastrónomo levantou melhor a mesa: ela elevou-se, isolada, e ficou suspensa a mais de três pés no espaço.

Ao 17 de dezembro, o senhor M..... trouxera uma carta autógrafa de Grimod de la Reynière a fim de pedir a Balthasar a explicação de palavras completamente ilegíveis. O Espírito ditou estas palavras letra por letra, manifestou uma grande alegria em certos passos da sua missiva em sinal de aprovação e ditou em seguida o que se segue:

«Venho tomar o lugar esta noite; deixo de lado todos os Espíritos que estão aqui em numerosa sociedade; se os vossos olhos nos

pudessem ver, gozaríeis do espetáculo verdadeiramente pitoresco que oferecemos. Há Espíritos sérios como entre os vivos; mas há outros que o não são quase nada, que gracejam e se divertem de vós quando lhes permitis o acesso ao vosso círculo. São Espíritos ligeiros e escarnecedores, é preciso tomá-los em piedade.

«Vós classificais-me sempre entre os zombadores e os brincalhões; tendes razão, não sou de modo algum um duende. Para vos agradar, para me tornar amável, tomo o vosso lado fraco; homens, sois crianças que é preciso企業 divertir sem cessar; a moral entedia-vos. Sem mim e todos os que tomam como eu um fito desviado para vos levar à boa crença, deixar-nos-íeis, e a maior parte de vós iria para os seus prazeres. Presto-me aos vossos gostos, distraio-vos e vós ficais, embora não vos ofereça senão a ficção. Acreditais seriamente que tenha ainda tanto empenho num rosbife, nesta vida extracorpórea? Que me pode importar o objeto material? Um pouco de perfume, o aroma de um licor pode trazer-me um instante à terra e alegrar-me, como o odor da flor alegra o vosso olfato e os sons harmoniosos o vosso ouvido. É tudo.

Os meus pensamentos, o meu eu estão mais alto; elevei-me, deixei o meu corpo na terra, a minha inteligência plana no espaço. Portanto, se não vos quero pregar seriamente, não vos pregarei menos. É a rir que vos aconselharei a fazer o bem. Amai tudo, amai a rir, a beber e a comer; mas fazei também comer os vossos irmãos.

Balthasar GRIMOD DE LA REYNIÈRE.»

Tinha sabido nos dias precedentes que Grimod de la Reynière tinha mãos de ganso e que trouxera luvas toda a sua vida; nenhuma das pessoas presentes a esta sessão conhecia esta particularidade, que me fora confiada por uma íntima de madame Grimod; pus simplesmente as perguntas seguintes:

— Não tínheis alguma particularidade notável na conformação dos vossos membros?

«Se quereis dizer das minhas mãos tendes razão, pois não tinha mãos ordinárias, por isso as ocultava sob luvas.»

— Em que diferiam elas das mãos naturais?

«Em vez de mãos, tinha espécies de patas de ganso. Os meus dedos estavam ligados entre si como os das aves, era palmípede.»

— Como tínheis corrigido essa anomalia?

«Tinham cortado a membrana e engrossado com cera. Por isso trazia sempre luvas.»

— Os vossos dedos eram primitivamente membranosos até à extremidade?

«Não; a membrana estendia-se até ao terço, a pouco mais ou menos.»

— É a essa deformidade que se deve o cunho particular da vossa escrita?

«Sim, as minhas letras são todas uniformes como acabais de ver, não teria podido senão com extrema dificuldade formá-las corretamente.»

«Já não faço bons jantares, disse um dia Balthasar ao seu amigo, o barão de R...; todavia, crê que a vista de uma mesa elegantemente servida me causa sempre uma certa deleitação, sobretudo quando está rodeada de bonitas mulheres. Que pensas disso, amigo?»

— Serias muito amável, respondeu o senhor de R... , se me desses uma receita gastronómica.

«Cala-te, meu caro, far-me-ias sofrer o suplício de Tântalo; não me dês gosto por uma coisa que já não posso gostar.»

«Perdoai-me, minhas senhoras, mas devo constatar que o meu amigo é sempre amável para convosco. Não saberia censurá-lo desse gosto; mas ai! já não me é permitido partilhá-lo. Pobre Balthasar-Espírito! Já não podes encantar o belo sexo, não podes senão amedrontá-lo! e contudo... gostaria tanto de lhe dirigir

ainda alguns pequenos cumprimentos. Aproveita, barão amigo; quando vieres reunir-te a mim, já não será tempo.

«Não tomes estas palavras a sério, querido barão, se estivesses ainda no teu vigésimo ano tê-las-ia guardado para mim; mas conheço-te demasiado bem para não me permitir esta brincadeira, última reminiscência das nossas conversas passadas.»

Mais uma frase, caros leitores, e sabereis que, se este Espírito é alegre nos seus discursos, não é mau por causa disso. Esperamos, de resto, que se não nos censurará por ter inserido numa obra deste género as comunicações dadas pelo Espírito gastrónomo, porque se compreenderá sem pena que para conhecer a fundo o mundo invisível é preciso, tanto quanto possível, entrar em relação íntima com as suas diferentes espécies de habitantes.

«Vinte e quatro de dezembro, meus caros amigos, de feliz memória! Como a festa seria bela se um esplêndido repasto vos fosse oferecido! Mais bela e mais admirável ainda se os membros de Jesus o partilhassem convosco! Amanhã, meus amigos, dai da minha parte uma esmola aos vossos pobres.

A BALTHASAR.»

OS ENTRETENIMENTOS DO PASTOR CHANNING

I

O ESPIRITUALISMO

Os factos que se acabam de relatar não são novos, são verdadeiros e tão antigos como o mundo. Somente nos vossos dias as manifestações são mais evidentes e mais comuns porque o materialismo se apoderou no mais alto ponto do espírito humano e não deve por muito tempo reger os seus destinos. Aos grandes males, os grandes remédios. Se os fenómenos espiritualistas ficassem debaixo do alqueire, seriam abafados e não aproveitariam ao bem da humanidade, como acontecia outrora sob

o reinado do Paganismo; a luz era para os áugures: eles velavam-na ao resto dos homens, que mantinham na mais profunda ignorância a fim de poderem melhor escravizá-los.

O espírito humano progrediu, a razão desenvolveu-se; por isso cada um procura entrever um raio da divina verdade; ela já não é a parte de um pequeno número, é acessível a todos. Ofusca, sem dúvida, esta verdade; mas também mostra o caminho do céu, prova que para lá do túmulo há ainda vida, que o homem existe sempre pelo seu pensamento, pela sua inteligência que é a sua parte nobre, criada à imagem de Deus; quando esta verdade for universalmente reconhecida, a humanidade elevará magnificamente a sua esperança radiosa para o Eterno.

II

DIGRESSÃO SOBRE A NATUREZA DO ESPÍRITO

A eletricidade, o íman, o pensamento, a vontade, eis os corpos fluídicos e espirituais que dirigem o mundo; a vontade divina é o que o criou, o pensamento humano dirige-vos, é o grande motor universal; por ele cidades inteiras parecem elevar-se do seio da terra, obras-primas são geradas, leis são ditadas para reger os humanos. Estas forças que não vedes, conheceis a sua natureza? Podeis explicá-las? Não.

Vós pensais, as ideias chegam por si mesmas ao vosso cérebro. Como vêm elas aí? Procuraríeis em vão a sua explicação.

O mesmo sucede connosco. Vivemos, existimos; a vida é o pensamento.

O homem é apenas o corpo animal ou é inteligência? O vosso eu é essa inteligência, essa alma imperecível que sobrevive ao seu frágil invólucro.

Não temos corpo material e pesado como o vosso, mas temos uma atmosfera que nos é própria, que nos envolve, que podemos condensar bastante para nos ajudar a agir materialmente e para dirigir de uma maneira ou de outra as leis que regem a matéria.

Não vos espanteis, pois, desse modo por não compreenderdes a nossa existência, visto que tudo em vosso redor não passa de mistério. A fé, que é um pensamento, um movimento da alma, não gera milagres? Olhai, portanto, a nossa presença no meio de vós como uma coisa natural.

Crede, amai, é tudo o que Deus vos pede.

— No espaço onde viveis tendes uma língua que vos seja particular?

«Na extensão ou nas nossas esferas não temos linguagem particular, o pensamento é a nossa correspondência, traduzível aos humanos na sua língua habitual; para nós, já não temos nenhuma, as palavras das diversas línguas pertencem aos corpos.»

— Quando um Espírito se manifesta visivelmente, por que toma ordinariamente o fato sob o qual foi conhecido?

«Nas aparições não é o corpo real, é o perispírito da pessoa que se manifesta, que aparece aos olhos dos videntes; é para se fazer identicamente reconhecer que toma a forma do fato conhecido pelo evocador.»

— No corpo etéreo das pessoas que nos aparecem há algumas parcelas de matéria?

«Não é de modo algum matéria, tal como a entendeis, é um vapor, ordinariamente invisível e impalpável, fluido invisível, mas que em certas condições podeis tocar.»

— Esta substância, pela sua natureza, pode atravessar os corpos mais duros?

«Sim, ela pode atravessar os corpos como a atração, como a eletricidade; em vez de considerardes este fenómeno como contrário às leis da impenetrabilidade, ligai-o à propriedade da ductilidade dos corpos.»

— Um Espírito não pode, como aparição, substituir-se a outro?

«Ser-lhe-ia muito difícil tomar exatamente a aparência do Espírito evocado. É-lhe mais fácil escrever no lugar de outro Espírito.»

— Qual é a vossa opinião sobre a geração espontânea?

«Os gérmenes existem na natureza desde a criação.»

III

A AFABILIDADE

Meus amigos, que a doçura e a moderação sejam sempre o fundo do vosso caráter, o móbil que dirige todas as vossas ações. Não é senão por este meio que sereis agradáveis a Deus, aos vossos semelhantes, a vós mesmos. Uma ação, por mais boa que seja, perde do seu mérito quando não está sazonada com essa afabilidade, com essa benevolência que faz uma parte do seu valor, que lhe realça a perfeição.

Pregai aos vossos irmãos, fazei-os partilhar do que aprendestes e meditastes, anunciai-lhes a palavra de Deus e o bem que os espera, consolai os seus corações aflitos; mas que tudo isso esteja revestido com esse invólucro gracioso que vela todo o conselho, toda a reprimenda, e sabe fazer disso uma doce consolação em vez de uma moral.

Não é senão por este meio que atingireis o objetivo a que vos propondreis, e que vos fareis amar por todos os que vos escutarem.

IV

A JUSTIÇA DE DEUS, PARÁBOLA

Um pai tem dois filhos, um, mal nascido, está deitado sobre a duvet e envolvido em ricos cueiros: os cuidados mais vigilantes cercam a sua infância.

O outro, pelo contrário, é enviado para longe da sua família, para uma cabana onde está deitado sobre a palha e coberto de

vestuários grosseiros que o preservam a custo do frio: nenhuma solicitude inteligente vigia sobre a sua primeira idade.

A adolescência chega, e as sortes mais contrárias tornam-se a partilha destes dois filhos. O primeiro, sempre feliz, protegido, recebe a educação mais distinta, mais benevolente; o outro, levado com rudeza e dureza, aprende a custo as noções necessárias à vida e é conduzido duramente até à idade em que um estado lhe se torna necessário, para ganhar o seu pão, e para se criar uma posição no mundo.

O filho bem-amado obtém um cargo honroso e lucrativo, a felicidade é o seu lote; o seu pai morre deixando-lhe toda a sua fortuna; assim a sua vida é um tecido tramado de ouro até ao seu último dia.

O seu irmão, pelo contrário, deserdado do amor e da fortuna paterna, é obrigado a ganhar laboriosamente a sua existência; o desgosto, o desespero sitiam frequentemente o seu coração; ninguém vem a ele, a sua família já o não conhece. A sua vida decorre assim, triste e inquieta, até ao dia em que Deus, tomando-o em piedade, o chama a si.

Que pensais da conduta de um tal pai? que pensais de uma tal justiça? pensai, meus amigos, e respondei-me. Pois bem, fazeis diariamente Deus outro tanto injusto.

Eis duas almas que saem inteiramente novas das suas mãos. Uma está encarnada no seio de uma família rica; ela é ternamente guardada; alguns anos passados na terra, Deus chama-a a si, — ela não pôde cometer o mal, ele dá-lhe o céu em partilha, e isso por uma eternidade: Eis uma alma bem-amada, bem privilegiada.

O outra, pelo contrário, nasce no seio da miséria, os seus primeiros anos não conhecem senão maus exemplos; criança abandonada, cresce no meio do vício, a sua vida é das mais infelizes, das mais agitadas, frequentemente expia por uma morte violenta o crime de ter mal vivido, e se lhe não foi concedido um

momento de verdadeiro arrependimento, é precipitada no inferno, torna-se a presa de Satanás e isso também por uma eternidade: Pobre alma deserdada, abandonada do seu pai celeste!

Deus seria justo na maneira como colocou estas duas almas na terra? Não, certamente, ele não pode ser justo senão por relação a reencarnações anteriores ou futuras que explicam e necessitam posições hierárquicas de todos os graus e provações de toda a sorte, a alma degradada pode erguer-se numa existência posterior e chegar assim junto do seu Deus, isto é, à Felicidade.

A ideia de uma existência única é uma injustiça que vós mesmos, incrédulos de todos os sistemas, podeis perfeitamente compreender, mas que não ousais confessar.

V

CONSELHOS

Escuto-vos desde há algum tempo, meus amigos, e entendo que fazeis o meu elogio.

Sou Espírito, é verdade, mas o orgulho pode ainda atingir-me e devemos pôr tudo em obra para o afastar de nós. Se fiz o bem quando estava na terra, é que Deus na sua bondade se dignara esclarecer-me; os homens apreciaram os sentimentos que espalhei do meu coração sobre o seu, e fizeram-me um mérito do que não devia reverter senão a Deus. Se tive coragem no cumprimento da minha missão, se perseverei até ao fim, é um exemplo. Mas que nunca o orgulho se apodere da nossa alma: longe de avançar no bem, ficaríamos estacionários na via que Deus nos traçou.

Trabalhai na vossa instrução pessoal e na edificação dos vossos irmãos. O progresso é o objetivo do espírito. Tu trabalharás, disse no primeiro dia o Senhor à humanidade, e ganharás a ciência com o suor da tua fronte; não é senão por um trabalho incessante que chegareis ao conhecimento do verdadeiro; se o tempo é o pai da ciência, a perseverança é a mãe dela. Que a vossa inteligência, portanto, se aplique a conhecer as obras de Deus tanto quanto os

limites do vosso espírito vo-lo permitem; aplicai os vossos estudos às vossas necessidades morais, e o homem melhorará cada dia o seu estado. Os povos caminham sobre os passos dos homens corajosos que trabalham no progresso da humanidade; estes homens em missão são os batedores da vida, que colocam antecipadamente fachos sobre a marcha dos tempos.

Mas antes de tudo sede unidos; é à união que deveis confiar o segredo da nossa santa causa. Avançai juntos na via do bem e do progresso; tende-vos pela mão no carreiro tão difícil da vida, sustentai-vos mutuamente. Chegareis juntos ao limiar cujo passo transporereis facilmente.

Amor e União.

W. CHANNING.

A CIÊNCIA

Médium: C. F.

A inteligência humana elevou as suas poderosas conceções acima dos limites do espaço e do tempo, penetrou no domínio inacessível das antigas idades, sondou o mistério dos céus insondáveis, explicou o enigma da criação. O mundo exterior desenrolou sob os olhares da ciência o seu panorama esplêndido e a sua magnífica opulência, e os estudos do homem elevaram-no ao conhecimento do verdadeiro; explorou o universo, encontrou a expressão das leis que o regem e a aplicação das forças que o sustentam, e se lhe não foi dado olhar face a face a Causa

primeira, pelo menos chegou à noção matemática da série das causas secundárias.

Neste último século, sobretudo, o método experimental — o único que é verdadeiramente científico — foi posto em prática nas ciências naturais, e com a sua ajuda o homem despojou-se sucessivamente dos preconceitos da antiga Escola e das teorias especulativas, para se encerrar no campo da observação e o cultivar com cuidado e inteligência.

Sim, a ciência do homem é sólida e fecunda, digna das nossas homenagens pelo seu passado difícil e longamente provado, digna das nossas simpatias pelo seu porvir grávido de descobertas úteis e proveitosas. Pois a natureza é doravante um livro acessível às buscas bibliográficas do homem estudioso, um mundo aberto às investigações do pensador, uma região brilhante que o espírito humano já visitou e na qual pode ousadamente avançar, tendo na mão a experiência por bússola.....

Um antigo amigo da minha vida terrestre falava-me assim há pouco. Uma peregrinação nos conduzira à terra, e estudávamos de novo moralmente este mundo; o meu companheiro acrescentava que o homem está hoje familiarizado com as leis mais abstratas da mecânica, da física, da química, .. que as aplicações à indústria não são menos notáveis do que as deduções da ciência pura, e que a criação inteira, sabedoramente estudada por ele, parece ser doravante o seu real apanágio.

E como prosseguíamos a nossa marcha fora deste mundo, respondi-lhe nestes termos:

Fraco átomo perdido num ponto insensível do infinito, o homem creu abraçar com os seus olhares a extensão universal, quando podia a custo contemplar a região que habita; creu estudar as leis da natureza inteira, quando as suas apreciações tinham a custo incidido sobre as forças em ação em redor dele; creu determinar a grandeza do céu, quando se consumia na determinação de um grão de poeira. O campo das suas observações é tão exíguo que,

uma vez perdido de vista, o espírito a custo o volta a encontrar, o céu e a terra do homem são tão pequenos que a alma no seu voo não tem tempo de desdobrar a sua asa antes de ter chegado às últimas paragens acessíveis à observação do homem.

Pois o universo incomensurável envolve-nos de todas as partes, desdobrando para lá dos nossos céus riquezas desconhecidas, pondo em jogo forças inapreciadas, desenvolvendo modos de existências inconcebíveis, e propagando ao infinito o esplendor e a vida.

E o bicho, miserável ácaro privado de asas e de luz, cuja triste existência se consome na folha que lhe deu o dia, pretenderia, porque dá alguns passos sobre essa folha agitada pelo vento, ter o direito de falar sobre a árvore imensa a que ela pertence, sobre a floresta de que essa árvore faz parte, e discutir sabiamente sobre a natureza dos vegetais que aí se desenvolvem, dos seres que a habitam, do sol longínquo cujos raios descem a levar-lhe o movimento e a vida? — Em verdade, o homem seria estranhamente pretensioso ao querer medir a grandeza infinita pelo pé da sua pequenez infinita!

Por isso deve estar bem penetrado desta ideia: que se os labores áridos dos séculos passados lhe adquiriram o primeiro conhecimento das coisas, se a progressão do Espírito o colocou no vestíbulo do saber, ele não fez ainda senão soletrar a primeira página do Livro, e como a criança suscetível de se enganar a cada palavra, longe de pretender interpretar doutoralmente a obra, deve contentar-se com estudá-la humildemente, página por página, linha por linha. Felizes ainda os que o podem fazer.

GALILÉE.